



**Universidade de Brasília - UnB**  
**Instituto de Letras - IL**  
**Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas - LIP**  
**Programa de Pós-Graduação de Linguística - PPGL**

**LÉXICO BILÍNGUE DE SINAIS-TERMO DE EQUIPAMENTOS  
AGRÍCOLAS**

**Brasília - DF**  
**2020**

**FRANCILENE MACHADO DE ALMEIDA**

**LÉXICO BILÍNGUE DE SINAIS-TERMO DE EQUIPAMENTOS  
AGRÍCOLAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas - LIP como requisito parcial à obtenção do Grau de Mestre em Linguística, pela Universidade de Brasília - UNB.

**Orientadora: Professora Doutora Enilde  
Faulstich**

**Brasília - DF  
2020**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

AA4471 Almeida, Francilene Machado de  
Léxico bilíngue de sinais-termo de equipamentos agrícolas  
/ Francilene Machado de Almeida; orientador Enilde Leite  
de Jesus Faulstich . -- Brasília, 2020.  
149 p.

Dissertação (Mestrado - Mestrado em Linguística) --  
Universidade de Brasília, 2020.

1. Léxico Bilíngue.. 2. Língua de Sinais Brasileira (LSB)  
. 3. Criação de sinais-termo.. 4. Léxico especializado. . 5.  
Equipamentos agrícolas. . I. Faulstich , Enilde Leite de  
Jesus , orient. II. Título.



**Universidade de Brasília - UnB**  
**Instituto de Letras - IL**  
**Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas - LIP**  
**Programa de Pós-Graduação de Linguística - PPGL**

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Enilde Leite de Jesus Faulstich  
Orientador(a) / Presidente(a) - UnB/PPGL

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Daniela Prometi Ribeiro  
Membro efetivo interno - UnB/LIP

---

Prof. Dr. Hildomar José de Lima  
Membro efetivo externo – UFG/DELT/FL

---

Prof. Dr. Gláucio de Castro Júnior  
Membro suplente - UnB/PPGL

---

## EPÍGRAFE

---

"Quando eu aceito a língua de outra pessoa, eu aceito a pessoa... Quando eu rejeito a língua, eu rejeito a pessoa porque a língua é parte de nós mesmos... Quando eu aceito a Língua de Sinais, eu aceito o surdo, e é importante ter sempre em mente que o surdo tem o direito de ser surdo. Nós não devemos mudá-los, devemos ensiná-los, mas temos que permitir-lhes ser surdo."<sup>1</sup>

Terje Basilier (psiquiatra surdo norueguês)

---

<sup>1</sup> Interpretação livre da Frase de autoria do Psiquiatra Surdo Terje Basilier. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?reload=9&v=47Tbyahe97k>>

---

## AGRADECIMENTOS

---

Primeiramente, agradeço muito a Deus por guiar meu caminho com sabedoria, fé e por me dar força e coragem nos momentos difíceis até chegar o momento da defesa do mestrado.

Agradeço também à Nossa Senhora, Mãe de Jesus, Maria, por me proteger com muito amor nos meus caminhos acadêmicos.

Aos meus pais, Francisco e Aparecida, minhas irmãs, Kénia e Cleidiane, meus cunhados Charles e Frederico, meus sobrinhos Manuela, Heitor e Francisco, agradeço pelo amor, paciência e suporte.

Ao meu companheiro Rodrigo Pontes, agradeço pela compreensão, paciência e suporte.

À minha orientadora, professora doutora Enilde Faulstich, a quem tenho toda minha admiração. Você me desafiou e me fez aprender muito com você nas disciplinas da área de léxico e de terminologia. Grata pelos ensinamentos e orientações.

À equipe dos meus amigos pesquisadores Surdos de Lexicologia e de Terminologia do Centro Lexterm (Centro de Estudos Lexicais e Terminológicos) e do LabLibras (Laboratório de Linguística de Língua de Sinais) da UnB, Daniela Prometi, Renata Rodrigues de Oliveira Garcia, Falk Soares Ramos Moreira, Messias Costa e Alex Silva, muito obrigada à todos pelo apoio, pelas discussões, interações, troca de ideias e sugestões sobre a prática do trabalho terminológico.

Aos funcionários participantes da fábrica John Deere, engenheiros, técnicos e agricultores Surdos e não-surdos, muito obrigada pela validação especializada e técnica dos sinais-termo de equipamentos agrícolas.

À minha ex-aluna e amiga Núbia Pires e intérprete da John Deere, obrigada pelo apoio.

Aos professores do Pós-Graduação em Linguística (PPGL) da UnB, pois aprendi muito com vocês. Obrigada pelos ensinamentos.

Aos intérpretes de LSB, que me acompanharam do início até o fim das aulas, na qualificação e na defesa do mestrado. Muito obrigada pelo apoio.

À turma do mestrado e do doutorado do Centro Lexterm, pelos momentos de estudos e pesquisas.

À minha revisora Anna Salles, pela leitura e correção do texto da minha dissertação.

---

## RESUMO

---

O tema desta dissertação se insere na linha de pesquisa de Léxico e Terminologia, na área de concentração Teoria e Análise Linguística, desenvolvida no Centro de Estudos Lexicais e Terminológicos (Centro Lexterm), no Laboratório de Linguística de Língua de Sinais (LabLibras), da Universidade de Brasília (UnB). O objeto do estudo são os termos da área dos equipamentos agrícolas na Língua de Sinais Brasileira (LSB), assim como a criação e a validação de sinais-termo dessa mesma área. O objetivo é a elaboração de um léxico bilíngue – Língua Portuguesa (LP) e Língua de Sinais Brasileira (LSB) – de sinais-termo de equipamentos agrícolas. Na hipótese da pesquisa, há duas perguntas sobre os dados em português das máquinas: 1) Têm o mesmo conceito? E o mesmo significado? e 2) Tem conceito diferente? E significado diferente? Se a resposta for positiva, terão de ser criados sinais-termo diferentes. No estudo de criação de sinais-termo sobre a constituição morfológica da LSB com níveis linguísticos e a formação derivacional dos sinais-termo da área de equipamentos agrícolas na obra lexicográfica e terminográfica, foram adotados os processos metodológicos: (i) seleção dos termos em LP dos equipamentos agrícolas; (ii) investigação dos conceitos e/ou significados dos termos selecionados em LP; (iii) seleção dos sinais-termo já existentes e usados; (iv) investigação sobre a correspondência dos sinais-termo aos conceitos em LSB; (v) criação dos sinais-termo para os equipamentos agrícolas na pré-validação acadêmica da LSB; (vi) organização de vídeos, imagens de objetos e fotos de sinais-termo em LSB, de vídeos com *QR Code* e de microestrutura do léxico bilíngue: LP-LSB com fotos de sinais-termo, imagens de objetos e imagens de *QR Code*; (vii) validação dos sinais-termo criados na validação especializada e técnica; e (viii) elaboração do registro da nova obra do léxico bilíngue de sinais-termo de equipamentos agrícolas validados e criados na validação final de uso social. A partir dessas etapas, foi criado o Léxico bilíngue (LP-LSB) de sinais-termo de equipamentos agrícolas, que mostra a imagem do objeto, o termo, a sequência das fotos do sinal-termo, o vídeo em *QR Code* e a remissiva. Além disso, o desejo da pesquisadora é o de oferecer com o material da obra acesso às informações em língua de sinais para os Surdos e todos aqueles interessados nesse conteúdo.

**Palavras-chave:** Léxico Bilíngue. Língua de Sinais Brasileira (LSB). Criação de sinais-termo. Léxico especializado. Equipamentos agrícolas.

---

## ABSTRACT

---

*The theme of this dissertation inserts in the line of research of Lexicon and Terminology, in the area of concentration Theory and Linguistic Analysis, developed at the Lexical and Terminological Studies Center (Lexterm Center), at the Sign Language Linguistics Laboratory (LabLibras), from the University of Brasilia (UnB). The object of the study is the terms of the agricultural equipment area in the Brazilian Sign Language (LSB), as well as the creation and validation of signs-term from that same area. The objective is the elaboration of a bilingual lexicon - Portuguese Language (LP) and Brazilian Sign Language (LSB) - of agricultural equipment signs-term. In the research hypothesis, there are two questions about the data in Portuguese of the machines: 1) Do they have the same concept? And the same meaning? and 2) Does it have a different concept? And a different meaning? If the answer is positive, different signs-term will have to be created. In the study of creating signs-term on the LSB morphological constitution with linguistic levels and the derivational formation of the signs-term of the agricultural equipment area in the lexicographic and terminographic work, the methodological processes were adopted: (i) selection of terms in LP agricultural equipment; (ii) investigation of the concepts and/or meanings of the terms selected in LP; (iii) selection of existing and used signs-term; (iv) investigation on the correspondence of the signs-term to the concepts in LSB; (v) creation of signs-term for agricultural equipment in the academic pre-validation of LSB; (vi) organization of videos, images of objects and photos of signs-term in LSB, of videos with QR Code and of microstructure of the bilingual lexicon: LP-LSB with photos of signs-term, images of objects and images of QR Code; (vii) validation of the signs-term created in the specialized and technical validation; and (viii) elaboration of the registration of the new work of the bilingual lexicon of signs-term for agricultural equipment validated and created in the final validation of social use. From these steps, the bilingual Lexicon (LP-LSB) of signs-term for agricultural equipment was created, which shows the image of the object, the term, the sequence of photos of the signs-term, the video in QR Code and the remissive. Besides that, the researcher's desire is to offer with the material of the work access to information in sign language for the Deaf and all those interested in this content.*

**Keywords:** *Bilingual Lexicon. Brazilian Sign Language (LSB). Creation of signs-term. Specialized lexicon. Agricultural equipment.*

---

**LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

---

<b>ABNT</b>	Associação Brasileira de Normas Técnicas
<b>ASL</b>	<i>American Sign Language</i>
<b>Centro Lexterm</b>	Centro de Estudos Lexicais e Terminológicos
<b>Cf.</b>	Confira
<b>EaD</b>	Educação à Distância
<b>e-MEC</b>	Sistema Eletrônico do Ministério da Educação
<b>IBGE</b>	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
<b>LabLibras</b>	Laboratório de Linguística da Língua de Sinais
<b>LE</b>	Língua Espanhola
<b>LI</b>	Língua Inglesa
<b>Libras</b>	Língua Brasileira de Sinais
<b>LIP</b>	Linguística, Português e Línguas Clássicas
<b>LP</b>	Língua Portuguesa
<b>LS</b>	Língua de Sinais
<b>LSB</b>	Língua de Sinais Brasileira
<b>LSF</b>	Língua de Sinais Francesa
<b>MEC</b>	Ministério da Educação
<b>NB</b>	Norma Brasileira (antiga)
<b>NBR</b>	Norma Brasileira (atualização)
<b>NR</b>	Norma Regulamentadora
<b>PcD</b>	Pessoa com Deficiência
<b>PSL</b>	Português como Segunda Língua
<b>QR Code</b>	<i>Quick Response Code</i>
<b>RH</b>	Recursos Humanos
<b>SLC</b>	Schneider, Logemann e Cia. Ltda.

---

## LISTA DE FIGURAS

---

Figura 1 - Apostila de Libras Instrumental.....	15
Figura 2 - Miniapostila do Projeto Incluir com os sinais relativos aos serviços e produtos da fábrica John Deere .....	16
Figura 3 - Primeiro arado de John Deere.....	22
Figura 4- A empresa que desenvolveu o arado inovador no ano de 1882.....	22
Figura 5 - Foto de John Deere, fundador e presidente de sua empresa (1837-1886).....	23
Figura 6 - Evolução de Arado da John Deere.....	23
Figura 7 - Trator com arado de disco atual.....	24
Figura 8 – Folheto sobre tour na sede americana da John Deere .....	25
Figura 9 – (1) Centro Histórico da John Deere; (2) placa do Centro Histórico; (3) estátua do ferreiro John Deere; e (4) artefatos antigos da empresa .....	25
Figura 10 – Empresas John Deere no Brasil .....	26
Figura 11 - Máquinas agrícolas .....	28
Figura 12 – Implementos agrícolas .....	28
Figura 13 – Equipamentos agrícolas em geral.....	28
Figura 14 – Diferentes máquinas usadas no processo de produção agrícola.....	29
Figura 15 – Usos da cana-de-açúcar.....	31
Figura 16 – Símbolo de Acessível em língua de sinais .....	33
Figura 17 – Button do Símbolo Internacional de Surdez .....	34
Figura 18– Surdos com coletes refletivos dos símbolos de Surdez e de língua de sinais ..	34
Figura 19 – Sinalizador sonoro para alarme à prova de explosão com luz de sinalização/com luz de led.....	35
Figura 20 – Representação do léxico e a interface com outras áreas da Linguística .....	46
Figura 21– Verbetes do Lexique des fruits.....	48
Figura 22 – Hierarquia das modalidades das línguas orais e de sinais.....	49
Figura 23 – Tipos de léxico na LSB .....	50
Figura 24 – Comparação do léxico comum e do léxico especializado.....	51
Figura 25 – Glossário ilustrado de Botânica .....	54
Figura 26 – Obras lexicográficas dos dicionários em LP e em LSB .....	55
Figura 27 – Lista de lexicógrafos e de colaboradores externos do dicionário de Houaiss ..	56
Figura 28 – Sistemas linguísticos LP-LSB.....	58
Figura 29 – Comparação das áreas da Música e de Matemática no léxico especializado..	61
Figura 30 – Sinais de COLHEDORA DE CANA e de COLHEDORA no léxico comum	63
Figura 31 – Configurações de Mãos por Faria-Nascimento (2009) .....	66
Figura 32 – Tabela com novas CMs para a área da Música .....	67
Figura 33 – Sinal-termo COLHEDORA DE CAFÉ.....	67
Figura 34 – Cinco novas CMs de sinais-termo de equipamentos agrícolas .....	68
Figura 35 – Ponto de Articulação ‘Espaço Neutro’ do sinal-termo CARRETA DE TRANSBORDO .....	69
Figura 36 - ‘Movimento semicircular’ em duas vezes (ida e volta) do sinal-termo CARRETA DE TRANSBORDO .....	69

Figura 37 – ‘Orientação de Mão: mão ativa para cima e para baixo; e mão passiva para o lado’ do sinal-termo CARRETA DE TRANSBORDO.....	70
Figura 38 – Expressões Faciais e Corporais: movimento da boca do sinal-termo CARRETA DE TRANSBORDO .....	70
Figura 39 – Colheitadeira de grãos e plataforma na John Deere.....	77
Figura 40 – CMs dos morfemas-base dos sinais-termo de equipamentos agrícolas na base morfológica.....	80
Figura 41 – CM mão passiva e mão ativa do sinal-termo CARRETA DE TRANSBORDO .....	88
Figura 42 – Formação derivacional do sinal-termo COLHEDORA DE CANA .....	90
Figura 43 – Formação derivacional do sinal-termo COLHEITADEIRA DE GRÃOS.....	91
Figura 44 – Sinal-termo PIVÔ CENTRAL REBOCÁVEL .....	91
Figura 45 – Miniapostila do Projeto Incluir: Semana de Deficiência e de Inclusão da Pessoa com deficiência.....	97
Figura 46 – Glossário Terminológico de Libras - Agronomia, Agropecuária e Horticultura, IFRS Campus Ibirubá .....	97
Figura 47 – Os sinais-termo PULVERIZADOR do Projeto Incluir e do IFRS Campus Ibirubá.....	98
Figura 48 – Apresentação da macroestrutura de um repertório.....	105
Figura 49 – Capa da obra do léxico bilíngue de sinais-termo de equipamentos agrícolas .....	106
Figura 50 – Autora da obra.....	106
Figura 51 – Sumário da obra .....	107
Figura 52– Apresentação da obra .....	107
Figura 53 – Como usar a obra .....	108
Figura 54 – Equipes da obra .....	108
Figura 55 – Verbetes de A a Z da obra.....	109
Figura 56 – Referências da obra .....	109
Figura 57 – Apresentação do verbete por cores das blusas no repertório .....	110
Figura 58 – Componentes da microestrutura da obra de léxico bilíngue em LP-LSB.....	111

---

## LISTA DE TABELAS

---

Tabela 1 – Etapas do processo agrícola e os tipos de equipamentos.....	29
Tabela 2 – Processo de produção de cana de açúcar e equipamentos agrícolas.....	30
Tabela 3 – Quantidade de pessoas com deficiência auditiva no Brasil .....	37
Tabela 4 – Apuração do grau de audição dos D.A. entrevistados pelo IBGE.....	37
Tabela 5 – Pessoas com Deficiência Auditiva no mercado de trabalho .....	38
Tabela 6 – Significados iguais ou diferentes dos termos dos equipamentos agrícolas .....	74
Tabela 7 – Conceitos dos tipos de colhedoras .....	75
Tabela 8 – Radicais dos termos dos equipamentos agrícolas .....	78
Tabela 9 – Afixos .....	79
Tabela 10 – Vogais e consoantes de ligação .....	79
Tabela 11 – Palavras primitivas e derivadas .....	81
Tabela 12 – Organização da formação de palavras sobre os equipamentos agrícolas .....	82
Tabela 13 – Prefixos de origem latina .....	82
Tabela 14 – Prefixos de origem grega .....	83
Tabela 15 – Sufixos nominais .....	83
Tabela 16 – Derivação prefixal e sufixal.....	84
Tabela 17 – Derivação parassintética .....	85
Tabela 18 – Base morfológica e base fonológica dos termos dos equipamentos agrícolas.....	89
Tabela 19 - Processo das etapas da metodologia do projeto do léxico bilíngue .....	93
Tabela 20 - Termos dos equipamentos agrícolas escolhidos em LP no corpus .....	94
Tabela 21 – Termos de máquinas agrícolas.....	95
Tabela 22 – Termos de implementos agrícolas .....	95
Tabela 23 – Termos de irrigação .....	96

---

## SUMÁRIO

---

<b>CAPÍTULO 1 - DELIMITAÇÃO DA PESQUISA .....</b>	<b>15</b>
1.1. Introdução .....	15
1.2. Delimitação da pesquisa .....	17
1.3. Hipótese da pesquisa.....	20
1.4. Objetivos.....	21
1.4.1. Objetivo Geral.....	21
1.4.2. Objetivos Específicos .....	21
<b>CAPÍTULO 2 - O SURDO E O MERCADO DE TRABALHO .....</b>	<b>22</b>
2.1. A empresa John Deere: um breve histórico .....	22
2.2. Os Surdos e a acessibilidade comunicacional dentro da empresa John Deere ....	31
2.3. Legislação e mercado de trabalho para os Surdos na empresa John Deere .....	36
<b>CAPÍTULO 3 – DISCUSSÃO TEÓRICA .....</b>	<b>45</b>
3.1. Estudos do Léxico e da Terminologia da LP (Língua Portuguesa) e da LSB (Língua de Sinais Brasileira) .....	45
3.2. Léxico Bilíngue: LP (Língua Portuguesa) e LSB (Língua de Sinais Brasileira) .....	57
3.3. O sinal-termo .....	59
3.4. Morfologia da Língua de Sinais Brasileira .....	71
3.4.1. Constituição Morfológica da Língua de Sinais Brasileira: sinais-termo dos equipamentos agrícolas .....	73
3.4.2. Processo de formação derivacional dos sinais-termo da área de equipamentos agrícolas .....	80
<b>CAPÍTULO 4 - METODOLOGIA DA PESQUISA .....</b>	<b>92</b>
4.1. Tipo de pesquisa .....	92
4.2. Público-alvo da pesquisa .....	92
4.3. Procedimentos metodológicos .....	92
4.4. Seleção dos termos em português para a criação dos sinais-termo dos equipamentos agrícolas.....	94
4.5. Etapas para a criação, validação e registro de sinais-termo dos equipamentos agrícolas .....	99
4.5.1. Os pesquisadores da criação dos sinais-termo .....	100
4.5.2. Validação dos sinais-termo dos equipamentos agrícolas.....	103
4.5.3. Registro dos sinais-termo dos equipamentos agrícolas .....	104

4.6. Organização do léxico bilíngue (LP-LSB) dos sinais-termo dos equipamentos agrícolas .....	105
<b>CAPÍTULO 5 - APRESENTAÇÃO DA OBRA DE LÉXICO BILÍNGUE DE SINAIS-TERMO DOS EQUIPAMENTOS AGRÍCOLAS .....</b>	<b>112</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>139</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>141</b>
<b>ANEXO 1.....</b>	<b>148</b>

---

## CAPÍTULO 1 - DELIMITAÇÃO DA PESQUISA

---

### 1.1. Introdução

Sou Surda de nascença e tenho perda profunda em ambos os ouvidos, passei a infância e a adolescência como Surda oralizada por causa da minha família e amigos que não sabiam Libras e só aprendi a LSB aos 21 anos de idade quando entrei no curso de Letras-Libras pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Antes disso, sempre tive contato com Surdos, apenas comunicávamos por mímicas e gestos.

Em 2006, me formei em Ciência da Computação pela Universidade Federal de Goiás (UFG), esta foi a minha primeira graduação. Em 2012, uma segunda formação: desta vez, licenciatura em Letras-Libras pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), no Polo do IFG (Instituto Federal de Goiás) – Campus Goiânia. Sou professora universitária de Libras há mais de dez anos.

No ano de 2013, comecei a trabalhar como professora de Libras na fábrica John Deere da cidade de Catalão, no estado de Goiás (GO), em parceria de inclusão com uma empresa terceirizada de Recursos Humanos (RH) para dar aula de Libras Instrumental por um semestre. Foi então que percebi que os próprios funcionários Surdos daquela fábrica criaram os sinais dos equipamentos agrícolas. Foi necessário, então, preparar uma apostila de Libras Instrumental (figura 1) contendo os sinais a serem ensinados aos Surdos e não-surdos a fim de que pudessem se comunicar dentro do ambiente de trabalho.

Figura 1 - Apostila de Libras Instrumental



Fonte: Almeida e Pires (2013a).

Esta dissertação, cujo tema diz respeito aos termos utilizados em empresa de equipamentos agrícolas, enquadra-se na linha de pesquisa Léxico e Terminologia da área de Teoria e Análise Linguística do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Brasília (UnB). O estudo segue sob a orientação da Professora Doutora Enilde Faulstich. No presente trabalho encontram-se investigações e análises dos sinais em LSB utilizados na fábrica que opera com equipamentos agrícolas em 21 países, incluindo o Brasil. Essa fábrica contrata Surdos para a realização de diversos trabalhos, tanto na linha de produção como na execução de serviços por ela prestados.

O objetivo de estudo desta pesquisa é elaborar um léxico bilíngue de sinais-termo da área de equipamentos agrícolas, e o público-alvo desta obra são os funcionários Surdos e não-surdos que trabalham na fábrica John Deere (interno), bem como os técnicos de agronomia e engenheiros agrônomos Surdos e não-surdos (externo). Para isso, foi preciso coletar esses sinais encontrados, analisá-los e registrá-los em miniapostila, figura 2, do Projeto Incluir (ALMEIDA; PIRES, 2013b).

No período da coleta de dados, a intenção era a de verificar se os sinais da área de equipamentos agrícolas selecionados possuíam as referências linguísticas adequadas ou não. Se o sinal existente não correspondesse ao conceito ou se o termo em português não tivesse o respectivo sinal, seria preciso criar um sinal-termo para chegar ao conceito correto. E foi necessário. Nessa etapa de criação, uma equipe de pesquisadores Surdos lexicógrafos e terminógrafos trabalhou no laboratório LabLibras da Universidade de Brasília (UnB) em favor do nosso estudo. Assim, depois que um sinal-termo é criado, ainda é preciso passar por três tipos de validação da área de Lexicologia e Terminologia da LSB proposto por Prometi (2020), que são: pré-validação acadêmica da LSB, validação especializada e técnica dos sinais-termo e validação final de uso social.

Figura 2 - Miniapostila do Projeto Incluir com os sinais relativos aos serviços e produtos da fábrica John Deere



Fonte: Almeida e Pires (2013b).

Ainda são poucos os sinais-termo para a área de equipamentos agrícolas. Dentro da fábrica, a maioria dos Surdos se comunicava pela referência aos sinais dos equipamentos agrícolas e às categorias gramaticais dos verbos, bem como por meio do uso da sua língua natural, a Libras. Isso chamou a minha atenção, pois os conceitos “verbais” não combinavam com os conceitos desses equipamentos.

Portanto, para essa dissertação foi preparada a obra Léxico bilíngue LP-LSB (Língua Portuguesa – Língua de Sinais Brasileira) para Surdos que são funcionários da fábrica John Deere, a fim de que eles possam compreender e desenvolver o conhecimento sobre sinais-termo de LSB e termos de LP com conceitos e significados coerentes.

A dissertação está dividida em cinco capítulos. Segue o esquema:

No capítulo 1, é apresentada a delimitação do tema e o relato da descoberta dos sinais-termo, em outras palavras, o início da pesquisa.

No capítulo 2, a história da empresa John Deere e dos Surdos, bem como a descrição da acessibilidade comunicacional, da legislação, do mercado de trabalho para Surdos e da necessidade da criação de sinais-termo de equipamentos agrícolas.

No capítulo 3, as teorias de estudo do léxico e da terminologia, de léxico bilíngue de LP e LSB e de sinal-termo. Também serão detalhados a constituição morfológica da LS e o processo de formação derivacional dos sinais-termo de equipamentos agrícolas.

No capítulo 4, a metodologia de pesquisa trabalhada: os procedimentos metodológicos, a seleção dos termos em LP e as etapas para criação, validação, registro e organização do léxico bilíngue (LP-LSB) dos sinais-termo dos equipamentos agrícolas.

No capítulo 5, a apresentação da obra do léxico bilíngue, desde os detalhes como o material, o visual dos objetos, até as imagens e os vídeos dos sinais-termo na entrada principal em LP-LSB.

Por fim, as considerações finais e as referências bibliográficas. Em seguida, a documentação produzida durante a dissertação, ou seja, o Anexo com, respectivamente, a Ficha de Validação Especializada e Técnica dos sinais-termo.

## **1.2. Delimitação da pesquisa**

Os Surdos ainda são poucos dentro de empresas, fábricas ou indústrias, principalmente por causa da barreira de comunicação e da pouca divulgação da língua de

sinais, sua primeira língua (L1), na sociedade brasileira. Lentamente, essa situação tem melhorado desde a promulgação da Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, e do Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, cujos textos apoiam o uso e a difusão da língua de sinais no Brasil.

Outro passo importante por parte do governo federal e da legislação brasileira rumo à inclusão das Pessoas com Deficiência (PcD) e que contribuiu para o ingresso dos Surdos no mercado de trabalho é a Lei nº 8.213, de 24 de julho de 1991, também conhecida como Lei de Cotas para Deficientes.

Depois dessas publicações, algumas empresas, fábricas ou indústrias começaram a contratar pessoas Surdas e passaram a adotar medidas de acessibilidade, a fim de evitar as barreiras de comunicação entre Surdos e não-surdos. A necessidade de interação colaborou para a multiplicação dos cursos de Libras para ouvintes em todo o país.

Cabe destacar que expressão PcD esclarece que a pessoa tem algum tipo de deficiência. Contudo, se usava “Pessoas Portadoras de Deficiência” (PPD). A mudança para novo termo PcD combina mais o significado com o conceito da realidade dessas pessoas.

Atualmente, há cursos de Libras em 43 universidades públicas brasileiras: 34 são de licenciatura e nove de bacharelado na área de Letras-Libras; e um é de licenciatura em Língua de Sinais Brasileira – Português como Segunda Língua (LSB-PSL) na Universidade de Brasília (UnB), conforme dados colhidos no site do e-MEC<sup>2</sup> (2019). Diante dessa constatação, é possível notar que aumenta a cada momento o estímulo ao conhecimento da língua de sinais no Brasil e à quebra de barreiras na comunicação de não-surdos com Surdos.

Embora muitas instituições ofereçam bons cursos, com professores qualificados, o conteúdo das aulas foca a comunicação diária e não a linguagem especializada, e o que é ensinado em Libras atende os contextos conversacionais do cotidiano em geral. Assim, os cursos de Libras ofertados não são suficientes para abranger todas as necessidades comunicativas. Surdos e não-surdos precisam interagir em vários setores dentro das empresas, das fábricas ou das indústrias e, como forma de contornar o problema, muitos funcionários Surdos combinam entre si a criação de sinais, independentemente de serem sinais adequados ou não à terminologia.

---

<sup>2</sup> O site do e-MEC é um sistema eletrônico do Ministério da Educação de acompanhamento dos processos que regulam a educação superior no Brasil. Disponível em: <<http://emec.mec.gov.br/>>.

Nesse sentido, o tema escolhido para esta pesquisa teve como motivação o fato de a fábrica John Deere ter aceitado realizar um projeto de inclusão proposto pela responsável dos Recursos Humanos da fábrica, bem como pela contratação de PcD. A ideia do projeto era a de fazer com que os funcionários não-surdos se relacionassem mais com os funcionários Surdos e, assim, melhorar a qualidade do trabalho, afastando as barreiras de comunicação entre os dois grupos. Foi com esse objetivo que uma pessoa da empresa de Recursos Humanos sugeriu que fosse elaborada uma apostila de Libras com os sinais relativos aos serviços e aos produtos da fábrica para ser distribuída aos funcionários Surdos e não-surdos.

Naquela ocasião, visitei a fábrica John Deere e conversei com os funcionários Surdos sobre os sinais utilizados por eles em serviço. Tratava-se dos termos de especialidade na área da indústria. Os Surdos forneceram os sinais criados por eles e, então, fiz a coleta desses sinais relativos aos serviços e aos produtos da fábrica. Não foram inventados nem modificados os sinais em respeito ao trabalho realizado no local, entretanto, foram registrados todos os sinais fornecidos por eles. Por fim, a autora Pires e eu organizamos uma miniapostila com alguns textos e os sinais coletados dentro do Projeto Incluir para ser distribuída aos funcionários Surdos e não-surdos (figura 2). E, assim, no ano de ano 2013, no Dia Nacional dos Surdos, comemorado em 26 de setembro, entregamos a miniapostila para cada funcionário não-surdo aprender a se comunicar com os funcionários Surdos.

Nos quatro anos seguintes a esse fato, durante a elaboração do projeto de mestrado, descobri que os sinais dos produtos da fábrica contidos na miniapostila tinham relação com os fundamentos da Lexicologia e da Terminologia. Esta foi a ligação acadêmica decisiva para pesquisar sobre os termos em português e os sinais-termo em LSB, bem como os conceitos e significados coerentes em ambas as línguas em questão.

Apesar de a iniciativa das empresas promover o respeito e a acessibilidade aos Surdos, os sinais registrados na referida apostila foram criados pelos funcionários Surdos, sem qualquer conhecimento específico sobre Terminologia e, por este motivo, não se pode afirmar que estejam de acordo com a área de especialidade em questão. Por mais que esses sinais possam contribuir na interação entre Surdos e não-surdos, é importante avaliar a validade desse conteúdo sob uma perspectiva técnica.

Por outro lado, os dicionários de LSB existentes no mercado não registram sinais-termo relativos aos equipamentos de uma fábrica. Em razão disso, a pesquisa se diferencia de outros materiais porque aborda os níveis linguísticos da gramática de LP, dentre os

quais, a morfologia dos termos referentes aos equipamentos agrícolas. Por exemplo, os termos “colhedora” e “colheitadeira” têm o mesmo significado prático, apesar de seus conceitos serem diferentes no dicionário de língua portuguesa. Por isso, é importante respeitar as particularidades existentes nas duas línguas; assim, será mais fácil saber em LS quais sinais podem ser usados nesse contexto específico.

Os estudos terminológicos em LSB têm desempenhado papel fundamental no desenvolvimento da comunicação dos Surdos brasileiros, sobretudo como ferramenta útil para os estudos linguísticos. É importante analisar e compreender a funcionalidade da língua de natureza visual para fortalecer as descobertas acerca dos processos cognitivos envolvidos na linguagem humana.

Por esses motivos, esta pesquisa tem sua relevância, pois busca corrigir ou melhorar o desempenho comunicativo dos profissionais Surdos que atuam em empresas. Além disso, os termos têm a finalidade de harmonizar a comunicação e, portanto, é preciso que estejam padronizados e rigorosamente descritos.

A partir dessas reflexões, eis a hipótese da pesquisa.

### **1.3. Hipótese da pesquisa**

Nesta pesquisa, parte-se da hipótese de que muitos sinais convencionados pelos Surdos e não-surdos não correspondem ao critério de criação de sinais-termo em LSB (Língua de Sinais Brasileira). É preciso, então, averiguar se os sinais existentes são adequados ou se há desvios conceituais que possam prejudicar a comunicação na respectiva área de especialidade dos equipamentos agrícolas.

A pesquisa de dados foi baseada em duas perguntas:

- 1- Os dados em português para as máquinas “colhedora” e “colheitadeira” têm o mesmo conceito? Mesmo significado em LP?
- 2- “Colhedora” é diferente de “colheitadeira” nos dados dos termos? Têm conceitos e significados diferentes? Se a resposta for sim, então a criação de sinais-termo diferentes é indicada. Para tanto, é deve-se considerar, na criação de sinais-termo, somente os equipamentos agrícolas e verificar se esses termos estão ligados ao uso de objetos – é preciso analisar o contexto de uso dos termos criados.

## **1.4. Objetivos**

### **1.4.1. Objetivo Geral**

Registrar os sinais termo já existentes, utilizados pelos funcionários Surdos e não-surdos da fábrica da empresa John Deere e sinais termo criados que não apresentem desvios conceituais

### **1.4.2. Objetivos Específicos**

- Coletar os sinais utilizados na fábrica;
- Analisar os sinais-termo já usados na fábrica e compará-los com os sinais registrados nos dicionários de LSB;
- Analisar os conceitos dos sinais-termo já existentes;
- Criar sinais-termo para novos conceitos; e
- Elaborar um léxico bilíngue LP-LSB correspondente aos equipamentos agrícolas da fábrica.

---

## CAPÍTULO 2 - O SURDO E O MERCADO DE TRABALHO

---

### 2.1. A empresa John Deere: um breve histórico

Nesta seção, será apresentado um pouco da história da empresa John Deere. Esse é o nome de uma pessoa que trabalhava como ferreiro na América do Norte no século XIX. Na época, os agricultores sofriam com as lâminas de arado porque a terra úmida grudava na lâmina; com isso, o serviço era interrompido para poder limpar a peça, e, às vezes, essa ferramenta se quebrava. Então, levavam para o ferreiro consertar. Em resumo, usar o arado, ter a peça quebrada frequentemente e consertá-la era rotina neste contexto e dava muito trabalho.

John inventou com sucesso o primeiro arado de aço autolavável em Grand Detour, no estado de Illinois, nos Estados Unidos, no ano de 1837 (veja a figura 3 do primeiro arado da John Deere). Em seguida, já com a empresa, desenvolveu o equipamento e resolveu vender muitos arados no ano de 1882 (figura 4). Essa invenção marcou o nome da empresa e de seu criador no trabalho de campo (segue a figura 5 com a foto de John Deere).

Figura 3 - Primeiro arado de John Deere



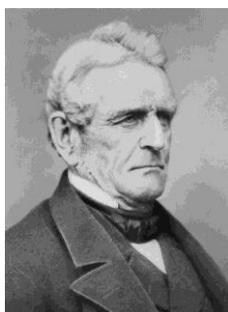
Fonte: Deere & Company (2020).

Figura 4- A empresa que desenvolveu o arado inovador no ano de 1882



Fonte: Deere & Company (2020).

Figura 5 - Foto de John Deere, fundador e presidente de sua empresa (1837-1886)



Fonte: Deere & Company (2020).

A evolução dos equipamentos agrícolas diz respeito ao processo de transformação de máquinas, implementos e outros produtos relacionados a esta área de trabalho. No caso do arado da John Deere, ocorreu o seguinte: o ferreiro criou o primeiro arado autolimpante que virou sucesso em 1837 – imagem (1) da figura 6; depois desenvolveu o arado com charrete Gilpin em 1875 como arado de tração de animal para cavalos – imagem (2); e na imagem (3), em 1918, a Deere decidiu comprar a indústria de tratores *Waterloo Traction Engine*, empresa essa que tinha como principal produto o trator de arados puxados. No ano de 1923, a Deere lançou o primeiro trator com a marca John Deere pela produção de Waterloo. Na década de 1930, a marca estreou os tratores no mercado de equipamentos agrícolas e foi muito sucesso. Atualmente, o trator com arado (figura 7) é o negócio que envolve cerca de 50 países e cinco indústrias com mais de quatro mil funcionários.

Figura 6 - Evolução de Arado da John Deere



Fonte: Deere & Company (2011).

Figura 7 - Trator com arado de disco atual



Fonte: Gimtrac (2020).

No país de origem da fábrica, existe a possibilidade de visitantes passearem pela empresa. O museu<sup>3</sup> tem um apresentador que contar a história em LSB sobre tratores e máquinas para turistas Surdos no tour, o que significa dizer que esses termos dos equipamentos agrícolas podem ser apresentados como sinais-termo para os turistas. O tour passa pelo pavilhão do museu das máquinas e dos tratores, além de outros lugares (figura 8), tais como detalhado na figura 9: O Centro Histórico da empresa na imagem (1); a placa da época na imagem (2); a estátua do ferreiro John Deere na imagem (3); e os artefatos antigos na imagem (4).

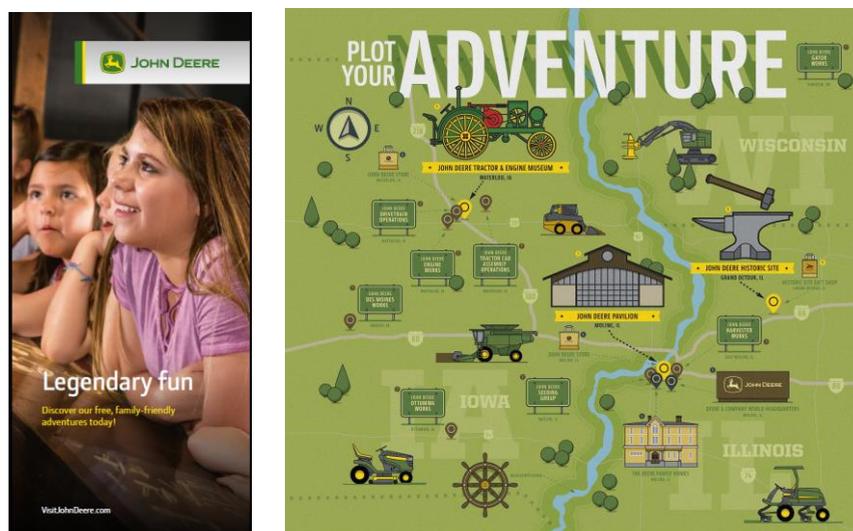
Em resumo, a atração mostra aos visitantes de grupos escolares e turistas, dentre outros, como a vida na pradaria americana levou a grandes inovações na agricultura. Também há visitas guiadas para conhecer como é conduzido o passo a passo do processo de fabricação das máquinas e dos equipamentos desde o primeiro corte de aço até os produtos finalizados. Por exemplo, é possível assistir como são montadas colheitadeiras, plantadeiras, tratores, enfardadeiras etc. Há ainda miniaturas desses equipamentos agrícolas nas lojas de presentes – é a John Deere infantil –, bem como oferta de treinamentos e cursos na Universidade John Deere.

Nas visitas já mencionadas, é plenamente possível inserir a tradução em línguas de sinais para visitantes Surdos. Por isso, vale ressaltar que o assunto sobre termos referentes a equipamentos agrícolas deve ser estudado para que, se for o caso, sejam criados sinais-termos. Diante dessa realidade, a presente pesquisa se propõe a criar sinais-termo especializados para os equipamentos já mencionados com conceitos e significados coerentes com a LS.

---

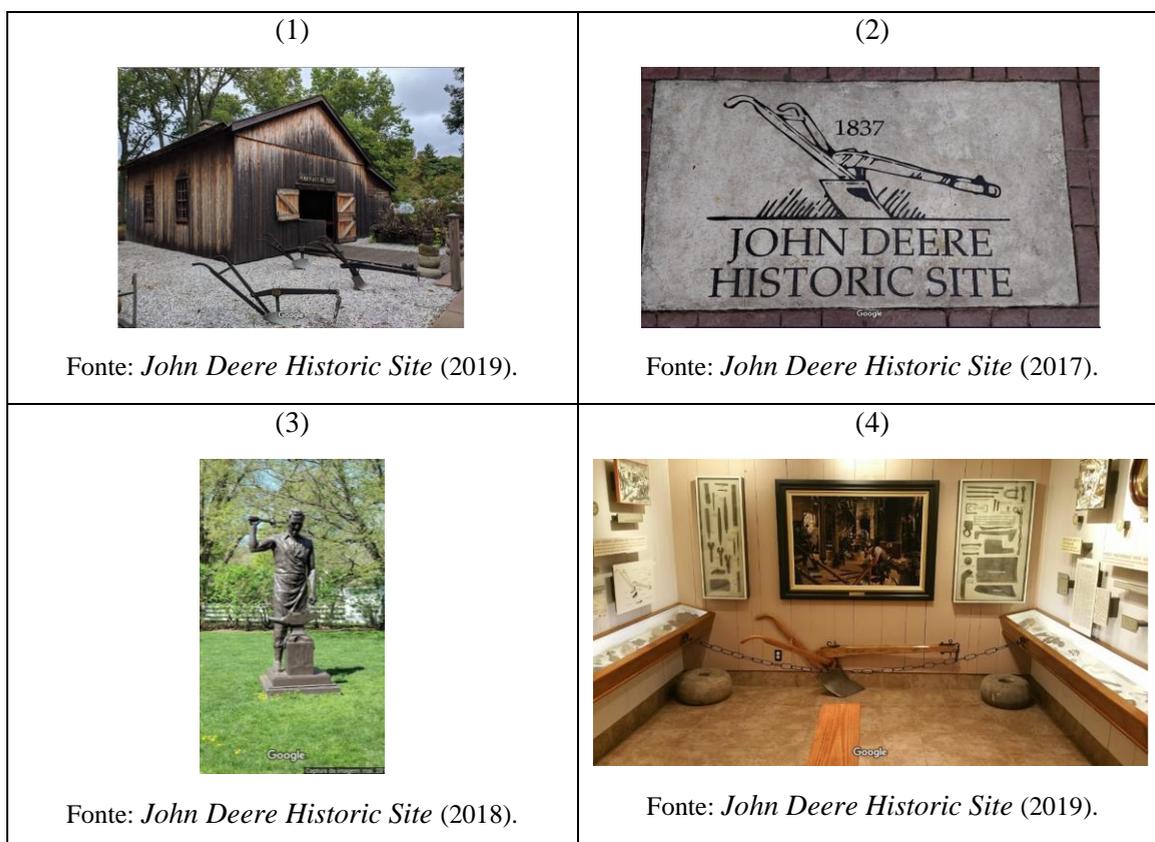
<sup>3</sup> *John Deere Historic Site*. Disponível em: <<https://www.deere.com/en/connect-with-john-deere/visit-john-deere/historic-site/>>. Acesso em: 20 jan. 2020.

Figura 8 – Folheto sobre tour na sede americana da John Deere



Fonte: Deere & Company (2019).

Figura 9 – (1) Centro Histórico da John Deere; (2) placa do Centro Histórico; (3) estátua do ferreiro John Deere; e (4) artefatos antigos da empresa



Fonte: *John Deere Historic Site* (2017), (2018) e (2019).

No Brasil, a John Deere possui cinco fábricas de produção de máquinas e equipamentos para agricultura, construção e indústria florestal, que estão uma em Catalão-GO, uma em Horizontina-RS, uma em Montenegro-RS e duas em Indaiatuba-SP. Há outros dois locais: um Centro de Treinamento em Indaiatuba-SP e um Centro de Distribuição de Peças em Campinas-SP. Segue a ilustração na figura 10 do mapa do Brasil.

Figura 10 – Empresas John Deere no Brasil



Fonte: Deere & Company (2020).

A primeira fábrica no Brasil foi instalada no ano de 1979 em Horizontina, no estado do Rio Grande do Sul (RS), após a compra do capital da indústria brasileira SLC (Schneider, Logemann e Cia. Ltda.). Essa empresa é referência mundial na produção de colheitadeiras de grãos e de plantadeiras, segundo informação publicada no site da Deere & Company (2020). Contudo, os dados apresentados nessa dissertação foram coletados e estudados na cidade de Catalão-GO durante o período em que a pesquisadora ministrou aulas de Libras para funcionários não-surdos. Essa fábrica iniciou seus trabalhos em 1999, com a construção da nova unidade da John Deere para produzir as primeiras colhedoras

de cana no Brasil, segundo Deere & Company (2019). Em seguida, a fábrica adquiriu a indústria Cameco e, em 2012, começou a produção de pulverizadores.

A fábrica de Catalão-GO produz alguns tipos de equipamentos, como máquinas e implementos agrícolas. Mais especificamente, a John Deere deste local trabalha com seis equipamentos completos. São os seguintes:

- I. máquinas e implementos agrícolas;
- II. carrinhos de golfe e equipamentos;
- III. máquinas pesadas e equipamentos para construção;
- IV. equipamentos para jardinagem; e
- V. equipamentos florestais.

Os detalhes desses termos são a conceituação das máquinas agrícolas, bem como a normatização das terminologias segundo a ABNT – NB-66, Associação Brasileira de Normas Técnicas<sup>4</sup>. Sobre os equipamentos de trabalho de campo, os autores Santos Filho e Santos (2001) explicam o que são:

Máquinas Agrícolas: Máquina projetada especificamente para realizar integralmente ou coadjuvar a execução da operação agrícola.  
Implemento Agrícola: Implemento ou sistema mecânico, com movimento próprio ou induzido, em sua forma mais simples, cujos órgãos componentes não apresentam movimentos relativos (SANTOS FILHO E SANTOS, 2001, p. 1).

Diante desta definição, o esclarecimento das diferenças entre os termos máquina agrícola e implemento agrícola é, respectivamente, qualquer equipamento que empregue força mecânica, composto de peças interligadas com funções específicas, e em que o trabalho humano é substituído pela ação do mecanismo; e o que é necessário para a execução de algo, ou seja, complemento, petrecho, apresto.

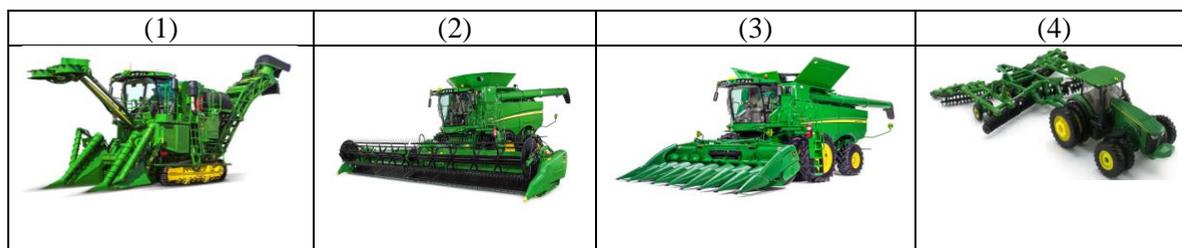
Assim, esses termos juntos são como o termo equipamento agrícola, pois o significado de equipamento é ato ou efeito de equipar(-se); equipação, ou seja, sinonímia de mecanismo, de acordo com Houaiss (2009). Os três termos máquinas agrícolas, implementos agrícolas e equipamentos agrícolas possuem seus conceitos, mas apresentam diferenças dentro de cada um desses. Na figura 11, por exemplo, um único tipo de veículo pode ter variações como (1) colheitadeira de cana, (2) colheitadeira de grãos, (3)

---

<sup>4</sup> A ABNT é o Foro Nacional de Normalização por reconhecimento da sociedade brasileira desde a sua fundação, em 28 de setembro de 1940, e confirmado pelo governo federal por meio de diversos instrumentos legais. Disponível em: <<http://www.abnt.org.br/abnt/conheca-a-abnt>>. Acesso em: 21 out. 2020.

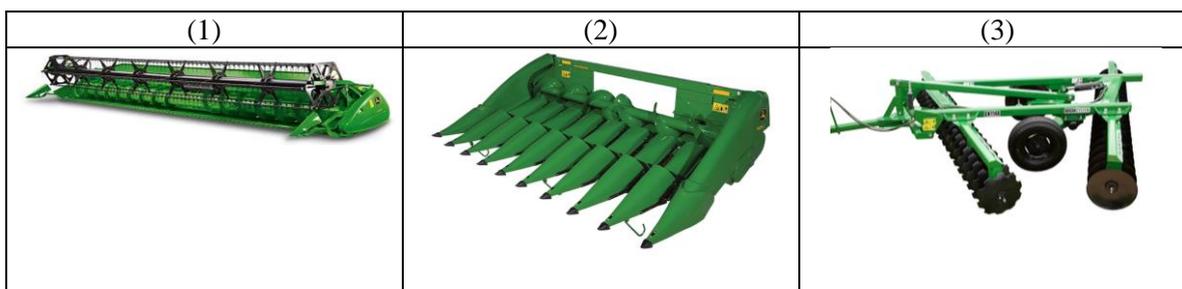
colhedora de milho, (4) trator com grade aradora; na figura 12, os implementos acoplados ao trator, como (1) plataforma para grãos, (2) plataforma de milho e (3) grade aradora e; na figura 13, máquinas e implementos agrícolas em geral.

Figura 11 - Máquinas agrícolas



Fonte: Deere & Company (2020).

Figura 12 – Implementos agrícolas



Fonte: Deere & Company (2020).

Figura 13 – Equipamentos agrícolas em geral



Fonte: Deere & Company (2020).

Os tipos dos equipamentos possuem função específica na produção agrícola, ou seja, detalhes importantes para a execução do passo a passo do ciclo produtivo, desde o começo, o preparo do solo, até o final, a colheita. A figura 14 apresenta imagens das etapas do processo agrícola: (1) é o preparo do solo, (2) o plantio, (3) a aplicação de

defensivos e (4) a colheita. Mais detalhadamente, a tabela 1 mostra essas informações visualmente mais separadas para os Surdos entenderem. Essa tabela de classificação das máquinas e dos implementos agrícolas divide o ciclo agrícola em seis etapas.

Figura 14 – Diferentes máquinas usadas no processo de produção agrícola



Fonte: Deere & Company (2020).

Tabela 1 – Etapas do processo agrícola e os tipos de equipamentos

ETAPAS	PROCESSOS	PARA QUE SERVE?	EQUIPAMENTOS
1 <sup>a</sup>	Preparo inicial do solo	- Fazer a limpeza do solo, ou seja, para retirar árvores, cipós, arbustos, mato etc.	1. Serras 2. Lâminas empurradoras 3. Lâminas niveladoras 4. Escavadeiras 5. Perfuradoras
	Preparo periódico do solo	- Movimentar ou mobilizar o solo	1. Arados de aivecas 2. Arados de discos 3. Grades 4. Subsoladores 5. Enxadas rotativas 6. Sulcadores etc.
2 <sup>a</sup>	Semeadura, plantio e transplante das mudas	- Semeadura: pôr no solo as sementes das plantas, como feijão, soja, trigo, aveia etc. - Plantio: pôr no solo partes vegetativas das plantas, como os colmos da cana-de-açúcar, mandioca, batata etc. - Transplante: pôr no solo mudas das plantas como café, eucalipto etc.	1- Semeadoras 2- Plantadoras 3- Transplantadoras
3 <sup>a</sup>	Transporte, carregamento e aplicação de adubos e corretivos	- Adubadora: colocar fertilizantes no solo - Carretas: transporte de utensílios, adubos e outros materiais	1- Adubadoras 2- Distribuidor de calcário 3- Distribuidor de fertilizantes e sementes 4- Carretas
	Cultivo,	- Cultivador: destorroar o solo, escarificar restos de	1- Cultivadores de enxadas rotativas

4 <sup>a</sup>	desbaste e poda	cultura etc. - Ceifadora: cortar alguma parte da planta cultivada - Roçadora: picar as plantas e gramas	2- Ceifadoras 3- Roçadoras 4- Máquinas para poda: motosserras, tesouras de poda
5 <sup>a</sup>	Aplicação de defensivos	Apoiar no controle de pragas e doenças	1- Pulverizadores 2- Polvilhadoras 3- Atomizadoras 4- Fumigadores
6 <sup>a</sup>	Colheita	Apanha, ou seja, ação de colher o produto agrícola	1- Colheitadeira de soja 2- Colhedora de cana 3- Colhedora de algodão 4- Colhedora de café 5- Colhedora de milho etc.

Fonte: Almeida (2020).

Vale ressaltar que, em geral, uma produção utiliza todos os equipamentos específicos para o setor agrícola. Diante dessa importância, o presente trabalho científico pesquisa de forma aprofundada o nível linguístico dos sinais-termo com conceitos e significados, ou seja, a morfologia dos termos da gramática em LP e dos sinais-termo em LSB. Como exemplo, a tabela 2 apresenta a correspondência entre os processos e equipamentos agrícolas usados na produção de cana-de-açúcar, já que esse tipo de cultura faz do Brasil o maior produtor dessa planta no mundo.

Tabela 2 – Processo de produção de cana de açúcar e equipamentos agrícolas

<b>PROCESSOS</b>	<b>EQUIPAMENTOS AGRÍCOLAS</b>
Preparo do solo	trator de esteira com grade ou trator com arado de disco ou trator com arado de aiveca ou subsolador
Plantio	plantadora de mudas de cana
Pulverização	pulverizador autopropelido e pulverização aérea
Adubação de cobertura	adubadora de cana automotriz ou adubadora de cana montada ou adubadora de cana tracionada por trator
Colheita	colhedora de cana ou colheita mecanizada de cana e trator com carretas
Enleiramento	enleiradora de palhico
Enfardamento	enfardadora de prismática

Carretinha recolhendo os fardos	coletor de fardos
Descarregamento na pilha	coletor de fardos
Carregamento do rodotrem	grampo de fardos
Carregamento do rodotrem	distribuidora de cana para o caminhão
Transporte e pesagem	distribuidora de cana para o caminhão
Descarregamento e armazenamento	grampo de fardos

Fonte: Almeida (2020).

Depois de todo esse processo, a cana-de-açúcar é levada pelos caminhões para indústrias de biocombustível, de bioplástico, de alimentos e bebidas, de bioenergia ou outros produtos. Veja na figura 15 os possíveis usos da cana-de-açúcar.

Figura 15 – Usos da cana-de-açúcar



Fonte: Jornal Cana (2020).

## 2.2. Os Surdos e a acessibilidade comunicacional dentro da empresa John Deere

No começo do trabalho na empresa John Deere, havia uma certa dificuldade na comunicação entre os funcionários. Os Surdos que entravam na indústria se comunicavam

em língua de sinais com funcionários não-surdos. A questão é que a LP e a LS são diferentes, e os Surdos têm apenas a língua de sinais como a sua primeira língua, como língua materna – contudo, a maioria não conhece essa língua. Atualmente, existem algumas legislações que preservam direitos aos Surdos.

Há poucos anos, o primeiro Surdo sinalizante conseguiu emprego na indústria John Deere de Catalão, no ano 2012, com o apoio de uma empresa terceirizada de Recursos Humanos por motivo da inclusão determinada na legislação brasileira. A responsável desse RH sabe LS e apoia a comunicação com pessoas surdas nessa língua também no ambiente de trabalho. Essa comunicação mais adequada aos Surdos também está escrita na lei, que se chama Lei de Acessibilidade, nº 10.098/2000.

Desde o começo de sua atuação no mercado de trabalho, a empresa terceirizada de RH organiza e ajuda na acessibilidade comunicacional para Surdos dentro do ambiente de trabalho, a fim de evitar barreiras de comunicação. Essa acessibilidade é importante para que os funcionários não-surdos interajam na LS com os funcionários Surdos. A acessibilidade comunicacional apresenta recursos, atividades e bens culturais a fim de que os Surdos possam fazer sozinhos o serviço sem dependência, ou seja, de forma autônoma. Também existem alguns artigos sobre essa questão no Decreto nº 5.296/2004, que regulamenta a Lei de Acessibilidade nº 10.098/2000, e na Lei nº 13.146/2015 (LBI), que institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência.

Atualmente, o mercado de trabalho ainda precisa se adaptar à acessibilidade nos ambientes de trabalho no caso dos Surdos. A indústria John Deere, por sua vez, já pratica a acessibilidade dentro da empresa ao contratar e se preocupar com a comunicação dos Surdos. Essa indústria tem muitos pontos positivos de acessibilidade para os Surdos porque essas pessoas não têm dificuldade nem barreiras de comunicação dentro da indústria. Então, são vantagens vividas por essas pessoas. Essa acessibilidade ocorre com a utilização da língua de sinais, de modalidade visual-espacial, para adaptar a troca de informações com os Surdos.

Como a indústria pode melhorar o ambiente de trabalho para os Surdos com os recursos de acessibilidade existentes? Algumas atitudes podem ser feitas:

- Contratar em eventos intérpretes em parceria com empresas de inclusão de Recursos Humanos terceirizadas. Quando contratados, esses profissionais interpretam palestras, apresentações, atendimentos de saúde, cursos, treinamentos e outros contextos no interior da indústria.

- Utilizar *button*. Há dois símbolos diferentes que passam a mensagem de Acessível em língua de sinais e de Surdez. Essas representações gráficas apresentam figuras ou formas de sinalização diferentes, pois se referem a informações distintas. Seguem os detalhes:

- *Button* de símbolo Acessível em língua de sinais na figura 16: essa imagem foi criada pelo Centro de Comunicação (CEDECOM) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), órgão responsável pela produção e divulgação de informações a respeito da instituição, conforme UFMG (2013). É importante postar esse símbolo em cartazes, folhetos, banners e outros materiais de divulgação de eventos, palestras, comunicados, sites, para deixar claro que o discurso a ser feito poderá ser acompanhado também em língua de sinais por um interlocutor Surdo ou ouvinte fluente na língua mediante o trabalho de um tradutor e intérprete de Libras.

Na empresa John Deere, os Surdos usam esse símbolo no boné para indicar a disponibilidade de conversa em LS. Assim, todos os funcionários, especialmente os não-surdos, recebem essa informação de um modo simples. Por exemplo, ao identificar o símbolo, um funcionário não-surdo não precisa gritar para funcionários com o *button*, pois sabem que se trata de alguém Surdo. Esse comportamento melhora a qualidade da segurança do trabalho como mais um elemento de EPI (Equipamento de Proteção Individual). Esse procedimento também é recomendado em casos de acidente de trabalho. O funcionário não-surdo salva, sinaliza a emergência ou evita acidentes sem gritar.

Figura 16 – Símbolo de Acessível em língua de sinais



Fonte: UFMG (2013).

- O *Button* símbolo internacional de Surdez, na figura 17, foi criado pela Lei federal nº 8.160/1991 para identificar a perda auditiva ou os níveis de perda das pessoas Surdas ou com deficiência auditiva. Há diferenças entre Surdos e pessoas com deficiência auditiva, bem como decisões individuais importantes que são tomadas, a começar com a questão de usar ou não o aparelho auditivo ou o implante coclear, até à escolha de sinalizar ou oralizar a comunicação.

Na empresa John Deere, os funcionários não-surdos, ao ver o *button* no boné do colaborador Surdo oralizado ou pessoa com D.A., já sabe que pode falar oralmente e/ou chamar a atenção desse público-alvo pelas mãos porque, há a possibilidade de os Surdos usarem, aparelhos auditivos ou implantes cocleares. A referência desse símbolo é uma marca usada em todo o país.

Figura 17 – *Button* do Símbolo Internacional de Surdez



Fonte: Zazzle (2020)<sup>5</sup>.

Além dos bonés, os funcionários Surdos, em outra unidade da empresa – neste caso, fora do país na loja IKEA em Portugal, usam coletes refletivos com a marca dos dois símbolos: o internacional de Surdez e o de língua de sinais na frente, em tamanho de emblema, e nas costas, em tamanho grande (figura 18).

Figura 18– Surdos com coletes refletivos dos símbolos de Surdez e de língua de sinais

<sup>5</sup> Zazzle. Disponível em: <[https://www.zazzle.com.br/boton\\_redondo\\_2\\_54cm\\_pin\\_da\\_lapela\\_simbolo\\_surdo\\_internacional-145901081386461933](https://www.zazzle.com.br/boton_redondo_2_54cm_pin_da_lapela_simbolo_surdo_internacional-145901081386461933)>. Acesso em: 21 out. 2020.



Fonte: Guilherme (2020)

- Utilizar recursos tecnológicos, ou seja, materiais que compõem programas de LSB para a televisão, livros, dicionários e outros materiais diversos como obras de LSB encontradas nas bibliotecas e grupos de estudos de LSB em universidades por exemplo. Na prática, as sugestões são:
  - Para vídeos informativos, esse programa de TV deve ensinar o alfabeto manual, as saudações e alguns outros sinais para os funcionários não-surdos assistirem e aprenderem a LS na hora das refeições de café de manhã, almoço e jantar no restaurante dentro da indústria;
  - No caso de alarmes, o aparelho precisa ser também visual por meio de sinalizador audiovisual em alarme de incêndio com piscamento vermelho da luz de emergência e/ou sinalizador chamado pelos funcionários não-surdos (figura 19).

Figura 19 – Sinalizador sonoro para alarme à prova de explosão com luz de sinalização/com luz de led



Fonte: *Direct Industry* (2020).

- Nos Grupos de estudo de Libras, o professor ensina a LS para funcionários não-surdos na sala de aula com apostilas de Língua Brasileira de Sinais, na figura 1 do capítulo 1, e outra miniapostila do Projeto Incluir, na figura 2 do capítulo 1, sobre sinais e alguns sinais específicos da John Deere.
- Em ambientes da indústria, alguns funcionários não-surdos comunicam e interagem em língua de sinais com funcionários Surdos.

Todos esses recursos são importantes para incentivar a acessibilidade dos Surdos e, conseqüentemente, melhorar a qualidade de vida desse grupo de funcionários na John Deere. Assim, todos têm iguais possibilidades de trabalhar em qualquer cargo por causa de acessibilidade.

### **2.3. Legislação e mercado de trabalho para os Surdos na empresa John Deere**

Normalmente, uma legislação é regra obrigatória em um local – no caso apresentado nesse estudo, a Lei de Acessibilidade é aplicada para favorecer a vida de Surdos e Pessoas com D.A. A ordem da lei determina que empresas devem contratar esse público-alvo e, assim, integrar Surdos com não-surdos no mercado de trabalho.

Segundo informações sobre pessoas que moram no Brasil, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) mostra que 190.755.799 milhões de brasileiros possuem algum tipo de deficiência. O Censo demográfico 2010 publicado em 2012 informa que uma parte específica do grupo destacado possui deficiência visual, auditiva, física e intelectual; e mais, dentro dessa categoria, a deficiência auditiva envolve 9.717.318 milhões de pessoas, ou seja, 5,1% do total de habitantes (tabela 3).

Esse levantamento detalha também as particularidades dos entrevistados sobre a questão auditiva: os itens a serem escolhidos são “não consegue [ouvir] de modo algum”, tem “grande dificuldade [para ouvir]” e tem “alguma dificuldade [para ouvir]” (tabela 4). Em geral, a correspondência das respostas tinha relação, respectivamente, à pessoa não ouvir, por ser Surdo profundo; à pessoa ouvir um pouco, por usar aparelho auditivo e; à pessoa ouvir mais ou menos por usar aparelho auditivo.

No entanto, o IBGE não apresentou dados sobre o uso de língua de sinais e/ou língua oral, com ou sem aparelho auditivo ou implante coclear ou, ainda, se ouve algo e em quantos decibéis. Em tópicos, são estas as questões não divulgadas pelo IBGE:

- se os Surdos são sinalizados e/ou oralizados;

- se os Surdos não-sinalizados e oralizados usam ou não aparelhos auditivos ou implantes cocleares;
- se as pessoas com deficiência auditiva sinalizadas e/ou oralizadas usam ou não aparelhos auditivos ou implantes cocleares; e
- se as pessoas com deficiência auditiva não-sinalizadas e/ou oralizadas usam ou não aparelhos auditivos ou implantes cocleares, e em que níveis são suas perdas de audição.

Tabela 3 – Quantidade de pessoas com deficiência auditiva no Brasil

Sexo e grupos de idade	População residente							
	Total (1) (2)	Frequentavam escola ou creche	Tipo de deficiência e frequência à escola ou creche					
			Pelo menos uma das deficiências investigadas		Visual		Auditiva	
			Total	Frequentavam escola ou creche	Total	Frequentavam escola ou creche	Total	Frequentavam escola ou creche
<b>Total</b>	<b>190 755 799</b>	<b>59 565 188</b>	<b>45 606 048</b>	<b>7 333 130</b>	<b>35 774 392</b>	<b>5 821 266</b>	<b>9 717 318</b>	<b>1 191 682</b>
0 a 4 anos	13 806 733	4 661 218	385 303	145 740	168 223	78 630	79 042	35 570
5 a 9 anos	14 967 767	14 234 497	1 147 368	1 080 258	789 926	763 239	233 395	218 942
5 e 6 anos	5 825 378	5 308 182	322 047	288 168	195 214	181 375	76 349	68 558
7 a 9 anos	9 142 390	8 926 315	825 322	792 090	594 713	581 863	157 047	150 384
10 a 14 anos	17 167 135	16 562 084	1 926 730	1 828 482	1 486 205	1 437 361	303 763	286 007
15 a 19 anos	16 986 788	11 610 342	2 017 529	1 395 804	1 577 245	1 129 911	289 223	188 429
15 a 17 anos	10 353 865	8 626 343	1 218 607	1 009 711	953 588	817 793	175 199	138 371
18 e 19 anos	6 632 922	2 983 999	798 921	386 093	623 657	312 118	114 024	50 058
20 a 24 anos	17 240 864	4 331 498	2 215 799	615 178	1 713 449	508 016	334 495	74 837
25 a 29 anos	17 102 917	2 446 915	2 376 938	387 461	1 808 755	315 274	373 604	50 532
30 a 39 anos	29 632 807	2 794 524	5 038 527	531 754	3 689 034	421 398	880 127	80 394
40 a 49 anos	24 843 143	1 530 248	8 560 642	551 577	7 240 829	485 003	1 200 137	73 638
50 anos ou mais	39 007 645	1 393 862	21 937 212	796 876	17 300 726	682 435	6 023 529	183 334

Fonte: IBGE (2012).

Tabela 4 – Apuração do grau de audição dos D.A. entrevistados pelo IBGE

Situação do domicílio e grupos de idade	População residente							
	Total (1) (2)	Pelo menos uma das deficiências investigadas (1)	Tipo de deficiência					
			Visual			Auditiva		
			Não consegue de modo algum	Grande dificuldade	Alguma dificuldade	Não consegue de modo algum	Grande dificuldade	Alguma dificuldade
<b>Total</b>	<b>190 755 799</b>	<b>45 606 048</b>	<b>506 377</b>	<b>6 056 533</b>	<b>29 211 482</b>	<b>344 206</b>	<b>1 798 967</b>	<b>7 574 145</b>
0 a 4 anos	13 806 733	385 303	20 935	24 707	122 581	13 599	10 996	54 453
5 a 9 anos	14 967 767	1 147 368	21 407	97 719	670 799	16 494	31 976	184 925
10 a 14 anos	17 167 135	1 926 730	24 058	175 176	1 286 971	22 379	45 914	235 471
15 a 19 anos	16 986 788	2 017 529	24 457	195 493	1 357 295	24 836	44 564	219 824
15 a 17 anos	10 353 865	1 218 607	14 475	117 495	821 618	14 373	27 442	133 384
18 e 19 anos	6 632 922	798 921	9 981	77 998	535 677	10 463	17 122	86 439
20 a 24 anos	17 240 864	2 215 799	29 808	210 571	1 473 070	30 591	48 795	255 109
25 a 29 anos	17 102 917	2 376 938	35 860	232 451	1 540 445	31 146	53 492	288 966
30 a 34 anos	15 744 616	2 447 685	34 986	235 409	1 523 122	30 538	63 894	325 833
35 a 39 anos	13 888 191	2 590 841	32 346	258 624	1 604 547	26 753	70 325	362 784
40 a 44 anos	13 008 496	3 797 150	31 166	438 135	2 642 127	23 843	85 537	444 978
45 a 49 anos	11 834 647	4 763 491	31 233	617 095	3 481 074	18 724	97 630	529 426
50 a 54 anos	10 134 322	4 705 129	28 184	655 232	3 337 231	17 408	119 958	625 726
55 a 59 anos	8 284 433	4 170 185	28 068	605 386	2 819 567	15 520	130 589	668 086
60 a 64 anos	6 503 287	3 524 275	25 855	527 765	2 258 647	13 267	141 022	686 776
65 a 69 anos	4 852 789	2 894 694	24 058	458 022	1 748 246	11 925	147 136	678 305
70 a 74 anos	3 744 738	2 451 628	23 652	426 442	1 381 745	10 571	164 179	669 689
75 a 79 anos	2 570 686	1 839 631	24 466	353 344	947 089	10 000	169 752	561 265
80 anos ou mais	2 917 391	2 351 671	65 840	544 962	1 016 924	26 618	373 207	782 529

Fonte: IBGE (2012).

Além disso, a pesquisa analisa as pessoas com deficiência auditiva no mercado de trabalho (tabela 5). Os dados mostram que 3.683.545 (37%) de D.A. trabalham. Esses números mostram que são poucas as pessoas com deficiência auditiva ou D.A. porque, de acordo com a figura 3, dos 9.717.318 milhões de pessoas, apenas 6 milhões são D.A. Além disso, não aparecem os dados sobre as idades das pessoas Surdas e com D.A. que trabalham. Por isso, falta informação detalhada.

Tabela 5 – Pessoas com Deficiência Auditiva no mercado de trabalho

(continua)

Sexo e classes de rendimento nominal mensal de todos os trabalhos (salário mínimo) (1)	Pessoas de 10 anos ou mais de idade ocupadas na semana de referência							
	Total (2) (3)	Pelo menos uma das deficiências investigadas (2)	Tipo de deficiência			Auditiva		
			Visual			Não consegue de modo algum	Grande dificuldade	Alguma dificuldade
			Não consegue de modo algum	Grande dificuldade	Alguma dificuldade	Não consegue de modo algum	Grande dificuldade	Alguma dificuldade
<b>Total</b>	<b>86 353 839</b>	<b>20 365 963</b>	<b>161 510</b>	<b>2 365 017</b>	<b>14 335 914</b>	<b>117 222</b>	<b>560 579</b>	<b>3 005 744</b>
Até 1/2	7 032 046	2 157 254	9 293	335 428	1 435 491	8 741	69 893	338 644
Mais de 1/2 a 1	21 180 901	5 327 821	35 835	688 595	3 693 754	28 894	150 315	768 390
Mais de 1 a 2	28 210 975	5 918 212	52 565	624 080	4 208 198	37 376	152 385	854 652
Mais de 2 a 3	9 173 675	1 899 277	18 488	172 801	1 386 346	12 060	45 107	273 095
Mais de 3 a 5	7 134 366	1 482 444	15 903	123 561	1 097 997	9 441	32 507	205 601
Mais de 5 a 10	5 304 693	1 092 833	12 342	80 973	828 287	7 351	20 890	143 904
Mais de 10 a 15	1 033 751	206 916	2 784	14 145	157 434	1 347	3 557	26 287
Mais de 15 a 20	824 788	163 490	2 208	9 935	125 519	1 022	2 946	22 667
Mais de 20 a 30	454 797	95 819	1 364	6 315	73 194	834	1 672	12 915
Mais de 30	308 011	63 946	1 016	4 004	47 805	546	1 033	9 222
Sem rendimento (5)	5 695 835	1 957 952	9 723	305 181	1 281 889	9 610	80 273	350 367

Fonte: IBGE (2012).

### • Mercado de trabalho

A Lei nº 8.213, de 24 de julho de 1991, “dispõe sobre os Planos de Benefícios da Previdência Social e dá outras providências” (BRASIL, 1991). É a Lei das Cotas para PcDs ocuparem vagas no mercado de trabalho. Há 29 anos, antes da referida lei, era muito difícil ter os postos devidamente ocupados por esses trabalhadores, pois as instituições não se adaptavam tanto às especificações para receber os PcDs. O art. 93 dessa lei obriga empresas com mais de cem empregados a preencher vagas com percentual mínimo de 2%. Um dos artigos apresenta o seguinte indicativo:

I - até 200 empregados.....	2%;
II - de 201 a 500.....	3%;
III - de 501 a 1.000.....	4%;
IV - de 1.001 em diante. ....	5%.

(BRASIL, art. 93, 1991).

Diante do exposto, além de definir cotas, essa lei dá mais segurança de emprego aos PcDs, pois não correm o risco de perder as vagas. Vale destacar que essas pessoas são muito capazes e podem ser muito bem sucedidas. No caso da indústria John Deere, apenas 13 anos depois de sua inauguração os Surdos conseguiram um emprego neste local – por respeito a essa lei, agora são quatro Surdos no rol de empregados.

A Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, aprovada pela ONU em reunião de sua Assembleia Geral no dia 13 de dezembro de 2006, segundo BRASIL (2007), apresentou oficialmente o termo “Pessoa com Deficiência”. Em complemento, o Decreto nº 6.949, de 25 de agosto de 2009, “Promulga a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo, assinados em Nova York, em 30 de março de 2007”. Esse decreto é mais uma prova de reconhecimento da convenção de 2006 no Brasil e um reforço na busca de colocar em prática o que as legislações estabelecem.

- **Libras**

Em 24 de abril de 2002, o governo brasileiro publicou a Lei nº 10.436, que reconhece a Língua Brasileira de Sinais como primeira língua dos Surdos no território nacional. Esses milhões de pessoas Surdas têm direito à própria língua para se expressar e se comunicar em todos os contextos e ambientes, inclusive em instituições e empresas públicas e privadas.

O Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2004, por sua vez, “regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000”. Um dos capítulos desse decreto que diz respeito ao “papel do poder público e das empresas que detêm concessão ou permissão de serviços públicos, no apoio ao uso e difusão da Libras”, foi alternado pelo Decreto nº 9.656/2018.

O novo decreto dispõe sobre o serviço de intérpretes e de centrais de intermediação de comunicação em atendimento presencial ou remoto para Surdos ou pessoas com D.A. no poder público, nas empresas concessórias e permissionárias de órgãos da administração pública federal, direta e indireta. Um outro artigo indica o mínimo de 5% de todos os empregados, funcionários ou servidores, para aprender a Libras a fim de se comunicar nas instituições com os D.A. Outro modo de melhorar a acessibilidade desse público-alvo nas instituições em geral é incluir a LS – em formato de

vídeo nos sítios eletrônicos e nas cartas de serviço das organizações – nas formas de atendimento e publicá-las nos órgãos da administração pública federal, direta e indireta, e nas empresas concessionárias e permissionárias de serviços públicos federais, por exemplo.

- **Intérpretes de Libras**

A Lei nº 12.319, de 1º de setembro de 2010, regulamenta a profissão de tradutor e intérprete da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS. Essa lei prova que os Surdos têm direito aos serviços prestados por esses profissionais em qualquer lugar que necessitem. Então, para organizar essa classe de trabalho, foi criada a Federação Brasileira das Associações dos Profissionais Tradutores e Intérpretes e Guia-Intérpretes de Língua de Sinais (Febrapils), e depois desse fato foram organizadas outras legislações e normas, ações institucionais, associações de TILS, documentos, notícias, valores de referência e outros, conforme o site da Febrapils (<http://febrapils.org.br>). Em resumo, essa é a profissão oficial que traz confiança e segurança da comunicação entre empresas particulares, públicas, institutos, universidades etc. e os Surdos, e evita prejuízos.

- **Surdez**

A surdez é a “ausência, perda ou diminuição considerável do sentido da audição” (HOUAISS, 2009) e a referência é a área de saúde para os médicos trabalharem com os níveis de perda auditiva. O Decreto nº 3.298, de 20 de dezembro de 1999, enquadra os graus auditivos nas seguintes categorias:

- de 25 a 40 decibéis (dB) – Surdez leve;
- de 41 a 55 (dB) – Surdez moderada;
- de 56 a 70 (dB) – Surdez acentuada;
- de 71 a 90 (dB) – Surdez severa;
- acima de 91 (dB) – Surdez profunda;
- Acanhais (profunda).

Além dos diferentes níveis, há também a questão do local da perda auditiva: se for unilateral, a pessoa não escuta de um ouvido; se for bilateral, envolve os dois ouvidos. Em ambos os casos, pode-se usar o aparelho auditivo ou o implante coclear. Também fica a

critério da pessoa se comunicar por meio da língua de sinais e/ou da língua oral no seu cotidiano.

A diferença entre o termo Surdo e o termo Pessoa com Deficiência, respectivamente, é “que ou quem não ouve ou ouve pouco, não tem ou perdeu a audição” (HOUAISS, 2009) e as palavras separadas do termo: "pessoa" significa “indivíduo considerado por si mesmo” e “deficiência”, “perda de quantidade ou qualidade” (HOUAISS, 2009). Por exemplo, é a referência de uma pessoa que tem algum tipo de deficiência a uma categoria gramatical, no caso, o substantivo.

- **Acessibilidade**

A Lei nº 10.098, criada em 19 de dezembro de 2000, “estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências” (BRASIL, 2000). Nessa lei, o destaque para melhorar a acessibilidade dos Surdos é pôr fim à barreira nos meios de comunicação. No ambiente público, por exemplo, pode-se evitar a perda de informações por parte dos Surdos ao se permitir pleno acesso à comunicação e à informação nos seus locais de trabalho, de estudo, no transporte, na cultura, no esporte e no lazer. Portanto, essa acessibilidade traz segurança à informação e aumenta a autonomia da comunicação para os Surdos.

Sobre as barreiras de comunicação, os Surdos têm direito à acessibilidade para manifestar sua expressão e ação, receber e enviar informações e compreender outras comunicações com segurança e sem dependência. Sobre a comunicação, o Surdo tem sua própria língua (língua de sinais) e é importante que a interação com qualquer outra pessoa seja feita nesta modalidade – isso pode ocorrer também com o apoio da tecnologia da informação e da comunicação sem dificuldade e sem ficar limitado às barreiras ainda presentes na sociedade.

Diante de todas essas garantias da Lei, a empresa John Deere tem respeitado a legislação e se preocupado em promover dentro da empresa a interação dos funcionários em língua de sinais e outros recursos de acessibilidade expressos no artigo da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000, que aponta:

Art. 18. O Poder Público implementará a formação de profissionais intérpretes de escrita em braile, linguagem de sinais e de guias-intérpretes, para facilitar qualquer tipo de comunicação direta à pessoa portadora de deficiência sensorial e com dificuldade de comunicação (BRASIL, 2000).

Essa formação de intérpretes de língua de sinais para Surdos é uma importante experiência profissional no nível fluência, bem como na melhoria da qualidade de vida dos envolvidos, especialmente para enviar e receber informações em LS sem dificuldade de compreensão. Existe na indústria da John Deere o costume de contratar intérpretes profissionais para trabalhar nos eventos, treinamentos, cursos, reuniões e outros contextos que tenham a participação de Surdos.

Outra informação que precisa ser esclarecida é o frequente uso do léxico “linguagem”. Linguagem não é a língua para os Surdos; seu significado é “qualquer meio sistemático de comunicar ideias ou sentimentos através de signos convencionais, sonoros, gráficos, gestuais, etc.” (HOUAISS, 2009). O léxico correto para fazer referência à LS é “língua”, ou seja, um “sistema de representação constituído por palavras e por regras que as combinam em frases que os indivíduos de uma comunidade linguística usam como principal meio de comunicação e de expressão, falado ou escrito” (HOUAISS, 2009). Respectivamente, por exemplo, o primeiro léxico pode ser uma linguagem corporal, musical, quadros etc.; e o segundo léxico, um idioma com gramática na área de Linguística, como a Língua de Sinais Brasileira (LSB), Língua de Sinais Americana (ASL), Língua de Sinais Francesa (LSF), Língua Portuguesa (LP), Língua Espanhola (LE), Língua Inglesa (LI) etc.

A Lei nº 10.098/2000, no último artigo exhibe:

Art. 19. Os serviços de radiodifusão sonora e de sons e imagens adotarão plano de medidas técnicas com o objetivo de permitir o uso da linguagem de sinais ou outra subtítuloção, para garantir o direito de acesso à informação às pessoas portadoras de deficiência auditiva, na forma e no prazo previstos em regulamento (BRASIL, 2000).

Os Surdos não têm como ouvir os sons de radiodifusão, portanto, usar legendas em LP em todas as emissoras de TV e intérpretes de língua de sinais é uma substituição bem adequada dos sons que não podem ser compreendidos. Portanto, os surdos não podem perder o acesso direto às informações porque eles têm direito iguais assim como os funcionários ouvintes dentro da fábrica. Por causa dessa equidade, é necessário adaptar as oportunidades deixando-as justas para todos, ou seja, funcionários ouvintes e Surdos recebem o acesso à informação do modo mais adequado possível para entenderem

igualmente o que é transmitido. Em resumo, o acesso às informações adaptado em legenda, por meio de intérpretes etc. para Surdos é muito importante.

O Decreto Federal nº 5.296, de 2 de dezembro de 2004, complementa que a “regulamentação das Leis nº 10.048/2000, dá prioridade de atendimento às pessoas que especifica, e outra nº 10.098/2000, que estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências.” Em outras palavras, esse decreto indica os recursos de acessibilidade que devem ser utilizados dentro das empresas para beneficiar os Surdos, tais como: atendimento prioritário, condições gerais de acessibilidade, implementação da acessibilidade arquitetônica e urbanística, acesso à informação, à comunicação e ajudas técnicas. Na prática, esses suportes são todos os recursos que envolvem comunicações e informações, objetos, instrumentos, equipamentos ou tecnologias adaptados, estruturas para visualizar e sinalizar, e serviços de telecomunicações de acesso às pessoas Surdas e com D.A.

A Lei Federal nº 13.146, de 6 de julho de 2015, “institui a Lei Brasileira de Inclusão (LBI) da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência)”, ou seja, é o cumprimento de todas as leis pelas empresas ao receber funcionários Surdos ou com D.A. no grupo de funcionários; é o atendimento e a adaptação especial dos meios e materiais de comunicação com recursos de acessibilidade para ajudá-los nas ações cotidianas e especializadas. Essa LBI diz que, garantido o acesso à informação, os Surdos podem participar dos serviços e de qualquer área da empresa, porque será garantida a igualdade social.

Diante disso, vale a reflexão: se não existir a acessibilidade em seu ambiente de trabalho, os funcionários Surdos deverão trabalhar uma vida inteira sem conseguir interagir como os não-surdos dentro da empresa? Por exemplo, como um não-surdo sem saber a língua de sinais se comunica com um Surdo? Os Surdos têm identidade e comunicação diferentes porque cada Surdo ou D.A. é diferente. Uns gostam de se comunicar em Libras, outros na em língua oral, na escrita ou em outras formas.

Talvez, por todos esses motivos, um Surdo prefira a comunicação com intérpretes de Libras ou a comunicação escrita em papel ou, ainda, a comunicação com leitura labial de um não-surdo. Assim, na conversa com os Surdos, vale a pena perguntar qual o tipo de comunicação eles preferem. Mas, diante de todas as conquistas asseguradas na legislação, o Surdo pode ficar mais despreocupado, pois terá suas necessidades atendidas pela empresa sem barreiras e sem dificuldade de acessibilidade.

- **Telefonia/Internet**

A resolução nº 667, de 30 de maio de 2016, aprova o regulamento geral de acessibilidade em serviços de telecomunicações de interesse coletivo. O esclarecimento é este: os Surdos podem, com autonomia e segurança e sem barreiras, por exemplo, ligar e receber chamadas de longa distância, nacional e internacional; usar o telefone de atendimento adaptado, as mensagens de texto instantâneas e vídeo-chamadas (aplicativos como *WhatsApp*, *Telegram*, SMS e outros); as videoconferências on-line (programas como *Skype*, *Zoom* e outros); a Central de Intermediação de Comunicação telefônica pelos aplicativos ICOM; e a Central de Libras com intérprete para traduzir o que está sendo dito ao telefone como intermediação entre Surdos e não-surdos.

Por todos esses benefícios, é recomendável a instalação de computadores com câmeras ou outro aparelho fixo de telefone para Surdos com câmeras nas empresas, associações, escolas, igrejas, shoppings, aeroportos etc., pois o uso de tecnologias de comunicação favorece e muito a interação de qualquer pessoa em lugares públicos.

- **Acesso à Informação**

A ABNT NBR 15290 (2016) é o padrão de acessibilidade de comunicação para a televisão. “Esta Norma fornece diretrizes gerais relacionadas à legendagem, à audiodescrição, à língua de sinais e ao sistema de alerta de emergência, a serem observadas para a acessibilidade em comunicação na televisão, dentro das melhores práticas do desenho universal, considerando as diversas condições de percepção e cognição, com ou sem a ajuda de sistema assistivo ou outro que complemente necessidades individuais”. (NBR 15290, 2016)

Esse recurso de acessibilidade comunicacional permite que os Surdos visualizem a interpretação em Libras, bem como a legendagem descritiva no caput da transmissão. Por exemplo, a TV posta a legenda em LP ou usa a janela com o intérprete de LS. Esse método é muito utilizado em congressos, seminários, oficinas e demais eventos que oferecem o auxílio humano no telão ou na TV ao vivo com intérpretes de LS e/ou transcrição eletrônica simultânea por meio da tecnologia de informação e comunicação para pessoas Surdas.

---

## CAPÍTULO 3 – DISCUSSÃO TEÓRICA

---

### 3.1. Estudos do Léxico e da Terminologia da LP (Língua Portuguesa) e da LSB (Língua de Sinais Brasileira)

Esse projeto apresenta uma palavra que faz parte do tema: “léxico”. Isso porque o escopo da presente pesquisa é elaborar uma obra também como material impresso. A partir da descrição do léxico, serão apresentados estudos teóricos da palavra em questão – o termo “léxico” é um conjunto de palavras da língua, ou seja, “repertório bilíngue ou multilíngue de termos pertencentes a uma área do conhecimento, sem a necessidade de incluir definição. Cf. dicionário de língua, glossário, vocabulário” de acordo com Pavel e Nolet (2002, p. 124).

Assim, o conceito explicitado serve para qualquer palavra ou item lexical de uma língua – neste caso, LP –, bem como para qualquer sinal de outra LS, como a LSB. Como ambas as línguas são consideradas oficiais no território brasileiro, as equivalências podem ser encontradas em buscas pelos significados mais abrangentes das palavras em LP no dicionário Houaiss (2009), por exemplo, e do sinal em LSB no dicionário da Língua de Sinais do Brasil de Capovilla *et. al* (2017), ou seja, uma palavra ou um sinal em qualquer outra língua nos dicionários de idiomas.

Isso existe para os Surdos poderem se expressar oralmente ou de forma escrita em LP ou, ainda, sinalizar em LSB. Assim, é possível formar o vocabulário, que é um pedaço de léxico de uma comunidade. Nesse ambiente linguístico, o léxico existe para compor as classes gramaticais – substantivos, adjetivos e verbos –, bem como os níveis linguísticos – fonologia, morfologia, sintaxe, semântica e pragmática para os linguistas estudarem e pesquisarem (veja na figura 20).

Figura 20 – Representação do léxico e a interface com outras áreas da Linguística



Fonte: Vilarinho (2013, p. 33).

Nesta obra o item selecionado para estudo das classes gramaticais foi o substantivo. Isso porque a área de equipamentos agrícolas tem somente nomes e a respectiva análise morfológica dos níveis linguísticos – o léxico dos equipamentos agrícolas tem radical, sufixo e prefixo em LP e base morfológica e fonológica em LSB (a descrição da constituição morfológica da LSB dos sinais-termo dos equipamentos agrícolas está no tópico 3.4.1).

O 'léxico' que se pretende produzir faz parte do grupo de publicações que compõem a tipologia de obras lexicográficas e terminológicas, assim como a relação com uma tipologia não-exaustiva presente no *Vocabulaire Systématique de la Terminologie de Boutin-Quesnet et alii* (BOUTIN-QUESNEL *et. al*, 1985, apud FAULSTICH, 1995, p.15). Assim, a lista dos tipos de repertório para cada discurso, segundo Faulstich (1995, p.15-26), pode ser assim especificada:

a) dicionário:

1. dicionário de língua
2. dicionário geral
3. tesouro
4. dicionário especial
5. dicionário enciclopédico
6. dicionário ilustrado
7. dicionário histórico
8. dicionário unilíngue
9. dicionário multilíngue

- 10. dicionário de tradução
- 11. dicionário terminológico
- b) vocabulário:
  - 1. vocabulário alfabético
  - 2. vocabulário sistemático
  - 3. vocabulário unilíngue
  - 4. vocabulário multilíngue
- c) léxico
  - 1. léxico alfabético
  - 2. léxico sistemático
- d) glossário
- e) nomenclatura
- f) banco de terminologia

Todos esses repertórios têm dentro de si as regras de cada verbete. De forma didática, Faulstich (1995, p. 13) relata os detalhes dos verbetes relacionados ao ‘léxico’:

**Léxico**

Repertório que inventaria termos acompanhados de seus equivalentes de uma ou várias línguas e que não comporta definições.

Nota do *Vocabulaire*: os léxicos contêm geralmente um só domínio.

léxico alfabético – Léxico apresentado em ordem alfabética, com ou sem remissivas.

Nota: O exemplo anterior serve também para léxico alfabético.

léxico sistemático – Léxico apresentado em uma ordem sistemática e geralmente acompanhado de um index.

Essa dissertação seleciona o léxico alfabético, com remissivas. O tipo alfabético é caracterizado pela ordem das letras, ou seja, por um índice alfabético; e as remissivas são as referências a outras entradas na entrada principal, ou seja, que manda para um outro ponto – índice remissivo. Essa escolha se justifica por ser uma estratégia simples e prática de buscar o léxico por meio das remissivas, que têm vários significados, e os conceitos semelhantes das outras entradas dispostas na entrada principal do léxico, ou seja, coloca essas entradas nas remissivas da entrada principal.

Também é possível verificar como é a regra do léxico, por exemplo, no modelo dos verbetes apresentado na figura 21. Essa microestrutura – presente na obra *Lexique des fruits*, em língua francesa do Canadá (Léxico das frutas, tradução em português) –

apresenta a entrada principal em léxico alfabético e letra “V.”, que significa “Ver” como remissiva, a palavra de outra entrada no verbete da entrada principal do léxico.

Figura 21– Verbetes do *Lexique des fruits*

Lexique des fruits 33	
<p>119. noix de macadamia n. f. <i>Queensland nut;</i> <i>macadamia nut</i> <i>Macadamia spp.</i> Note. — Ce fruit est aussi connu sous les appellations <i>noix de macadam</i> et <i>noix du Queensland</i>.</p>	<p>2. L'orange douce est juteuse, sucrée et acidulée. Les variétés les plus connues sont la <i>navel</i>, la <i>valence</i>, la <i>temple</i> et l'<i>hamlin</i>. V. a. <i>orange</i></p>
<p>120. noix de pécan Syn. de <i>pacane</i></p>	<p>125. orange sanguine n. f. <i>blood orange</i> <i>Citrus sinensis</i> Note. — L'orange sanguine possède une écorce et une chair parsemées de larges taches rouge sang.</p>
<p>121. noix du Brésil n. f. <i>Brazil nut</i> V. o. <i>Brazilnut</i> <i>Bertholletia excelsa</i> Note. — La noix du Brésil est formée d'une amande jaunâtre, croquante et savoureuse qui est recouverte d'une mince peau brunâtre et qui adhère à une coque d'un brun rougeâtre, rude, fibreuse et dure. La noix du Brésil possède trois faces irrégulières formant un motif de triangle (ressemblant un peu à un quartier d'orange).</p>	<p>126. ortanique n. f. <i>ortanique</i> <i>Citrus spp.</i> Notes. — 1. Le terme <i>ortanique</i> a été créé à partir des termes suivants: <i>ORange</i>, <i>TANgerine</i> et <i>JamaIQUE</i>. 2. L'<i>ortanique</i> originaire de la Jamaïque est un croisement naturel de l'orange et de la tangerine, alors que l'<i>ortanique</i> originaire du Maroc est un croisement de l'orange et de la clémentine.</p>

(Clément Croteau et al. *Lexique des fruits: terminologie de l'alimentation: lexique français-anglais-latin*. - [Nouv. éd.]. - Québec: Publications du Québec, c1991. 56p.)

Fonte: Faulstich (1995).

A figura 21 mostra que a palavra na entrada principal é igual ao léxico, somente para as frutas, e a palavra “ver” é a remissiva, mas não é obrigatória para todas as entradas principais, quando houver. Esse tipo de publicação é importante para divulgar informações de algumas entradas semelhantes para os Surdos entenderem claramente os detalhes de cada item. Assim, o léxico em LP se adapta à LSB, como bilíngue. Esse é mais um recurso para promover a acessibilidade linguística para que os Surdos usem a própria língua de sinais nos mais diversos contextos. Segue a entrada e a remissiva em LP e em LSB da regra da ficha terminográfica da obra de léxico bilíngue.

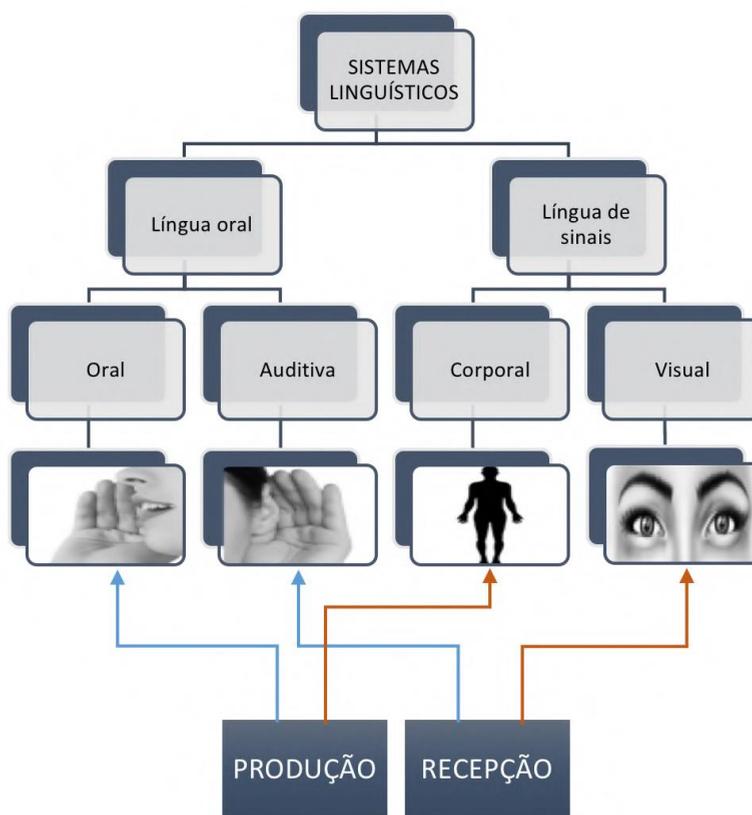
A LSB é a primeira língua (L1) dos Surdos para se comunicarem na comunidade Surda. A língua de sinais é natural para os Surdos. Segundo Gesser (2009, p.22), “A língua de sinais, tem todas as características linguísticas de qualquer língua humana natural. Torna-se, portanto, necessário, que os indivíduos de uma cultura de língua oral entendam que o canal comunicativo é diferente.”

A comunicação da língua de sinais e da língua oral são diferentes com relação aos seus sistemas linguísticos. A modalidade corporal-visual da LS significa a produção pelo corpo e recepção pelos olhos. A explicação sobre isso é encontrada em Prometi (2020, p. 34).

Se a compreensão das informações na comunicação corporal-visual fosse assim, seria a mesma coisa dizer que a LSB é mímica, por isso, a LSB é uma língua, dotada de todas as estruturas gramaticais e dos fenômenos linguísticos da LSB. Muitas vezes, as pessoas pensam que, por a LSB ser uma língua corporal-visual, isto é, por utilizar o canal visual e o corpo para a comunicação e interpretação da imagem, devemos compreender que esta é uma dimensão que está dentro da intersemiótica, que é a interpretação de signos por outros signos não verbais.

A visão dos Surdos é habituada a receber a produção de outro locutor sinalizante em LS, sem receber a audição. Tal como o som na língua oral, o aspecto corporal dos Surdos é condicionado a produzir a mensagem a outros interlocutores de forma natural. Veja a hierarquia das modalidades das línguas orais e de sinais na figura 22:

Figura 22 – Hierarquia das modalidades das línguas orais e de sinais

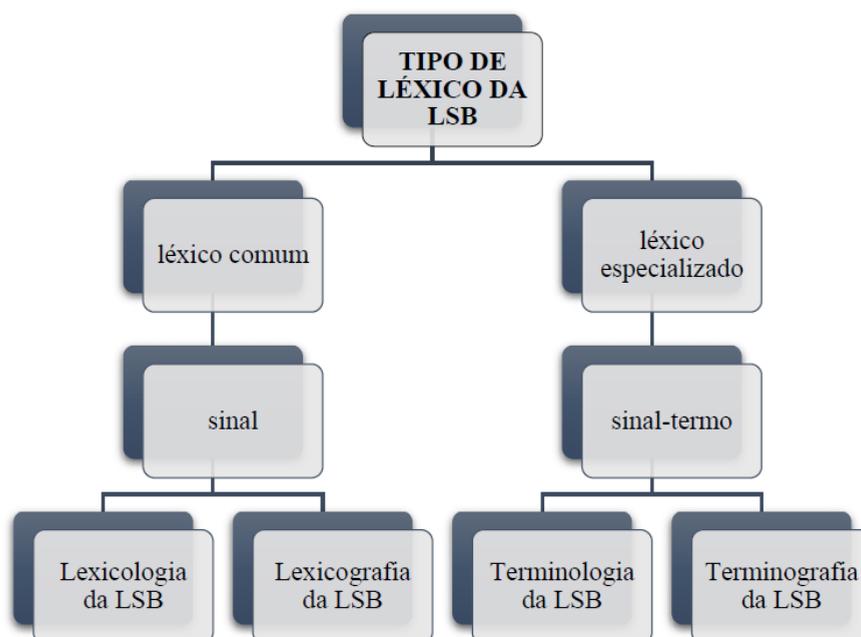


Fonte: Prometi (2020, p. 68).

A produção e a recepção da língua de sinais são diferentes da língua oral. Entretanto, o sinalizante Surdo produz na modalidade corporal a comunicação em LS, em outras palavras, os sinais do léxico comum. Entretanto, essa comunicação é diferente da comunicação especializada, muitas vezes realizada no ambiente de trabalho, em empresas, no meio acadêmico, na universidade. Por isso, a comunicação profissional é também

chamada de área de especialidade – os equipamentos agrícolas estão inseridos nesse léxico especializado. A explicação da diferença entre léxico comum e léxico especializado está expressa na figura a seguir.

Figura 23 – Tipos de léxico na LSB



Fonte: Prometi (2020, p. 157).

Segundo a figura 23, a comunicação do léxico comum e do léxico especializado são diferentes entre si: a primeira ocorre dentro da sociedade em um sinal comum, já a segunda é mais utilizada em locais de trabalho e da acadêmica, com o uso do sinal-termo. Costa (2012) faz um esclarecimento visual dessa comparação com ‘coração’.

Figura 24 – Comparação do léxico comum e do léxico especializado

REPERTÓRIO	LÉXICO	
	léxico comum (sinal comum)	léxico especializado ou terminologia (sinal-termo)
TIPO DO LÉXICO	léxico comum (sinal comum)	léxico especializado ou terminologia (sinal-termo)
TERMO	coração	coração
CONCEITO	amor, romantismo etc.	humano
ÁREA	em geral	cardiologista
IMAGEM		
SINAL		

Fonte: Costa (2012).

Sobre o termo coração, sinal e sinal-termo são diferentes por causa do contexto de uso nas áreas da comunicação. Veja um exemplo de frases que podem ser sinalizadas com o termo coração em contexto de uso em LSB (uma amiga sinaliza para outra amiga): “VOCÊ DENTRO MEU CORAÇÃO IRMÃ” em LSB, para traduzir em LP: ‘Você mora dentro do meu coração como uma irmã.’ Esse sinal “CORAÇÃO” é do léxico comum. Em outro contexto em LSB, veja (um médico sinaliza para o paciente): “SEU CORAÇÃO TER PROBLEMA COÁGULO” em LSB, para traduzir em LP: ‘Seu coração tem problema de coágulo’. Esses dois sinais-termo “CORAÇÃO” e “COÁGULO” são do léxico especializado. Esse termo coração tem dentro de si detalhes de vários termos. Por isso, nesse último caso, é necessário criar os sinais-termo na área científica de cardiologia.

Quem possui experiências em linhas de pesquisa do léxico e de terminologia, pode elaborar repertório em LSB de obras lexicográficas e terminográficas. Faulstich (1995 apud, PROMETI, 2020, p. 157), por exemplo, indica as possibilidades do tipo de léxico de um pesquisador: léxico comum ou léxico especializado. Após essa decisão, o próximo passo é organizar sinais ou sinais-termo e desenvolver o trabalho até o final, com um

produto em formato impresso lexicográfico ou terminográfico. Prometi (2020, p. 38) revela os passos dessas escolhas de repertório lexical em LSB.

Por fim, esses repertórios lexicais da LSB podem ser resultados de escolhas quanto às línguas em geral ou especializada, que possuam materiais com partes ilustradas ou que sejam totalmente visuais ou, ainda, que possuam caráter histórico, de tradução, terminológico, dentre outros. Isso vai depender da escolha do trabalho de cada pesquisador – terminográficos ou lexicográficos – da LSB.

Na presente dissertação, o repertório do ‘léxico especializado em LSB’ seleciona na próxima etapa o sinal-termo. Até o final dessa fase, a Terminologia será o objeto de estudo, mais especificamente, os conceitos e significados do termo em LP e dos sinais-termo em LSB, bem como a produção de material de obra terminográfica. Esse léxico especializado em LSB é somente para sinais-termo de entrada principal, sem ou com remissivas, da área dos equipamentos agrícolas – áreas científica ou técnica.

Diante disso, o termo ‘terminologia’ significa “conjunto de palavras técnicas pertencentes a uma ciência, uma arte, um autor ou um grupo social” (PAVEL e NOLET, 2002, p. 17). A composição de Terminologia é ‘termo’ e ‘logia’; respectivamente, significam a palavra específica da área de medicina, de geografia, de agronomia etc., e estudo da teoria de conhecimentos. E quem trabalha em pesquisas e estuda os detalhes dos conceitos de termos específicos é especialista em terminologia nas línguas de especialidade. Ou seja, um profissional de Terminologia se chama terminólogo. Sobre esse assunto, Faulstich (1995, p. 11) escreve o seguinte:

É fundamental que o especialista em terminologia conheça o perfil do usuário, para que o repertório terminológico que a equipe venha a elaborar se transforme num instrumento de trabalho e seja fonte de informação lexical e semântica de áreas específicas do conhecimento. A elaboração visará à pragmática linguística do usuário e, para isso, considerará as variações. Estas ocorrem nos níveis linguísticos e sociais, nas interações socioculturais, no desempenho profissional, e refletem o uso adequado da(s) terminologia(s), a propriedade redacional e a comunicação oral.

O terminólogo é o responsável pela elaboração e organização de regras dos repertórios, até das gramáticas com os níveis linguísticos das áreas específicas do conhecimento. É importante destacar que o trabalho desse profissional traz mais segurança e confiança às informações, pois a equipe dos terminólogos estuda e pesquisa os conceitos dos termos para interagir junto aos profissionais das áreas específicas como

medicina, matemática, engenharia, agronomia e tantas outras para organizar os repertórios.

Em resumo, são trabalhos profissionais formais que apoiam os repertórios acadêmicos, técnicos e profissionais das áreas específicas com estudos e pesquisas que ajudam as pessoas a compreender os conceitos dos termos científicos como consulentes. Esses consulentes são aqueles que precisam usar esses repertórios, pois trabalham em ambientes de áreas específicas como fábricas de equipamentos agrícolas, de carros, de alimentação, em campos de cultivo (soja, feijão, cana etc.), hospitais, farmácias, justiça, informática e várias outras localidades que requerem a comunicação profissional sobre terminologias sem ambiguidade. Assim, sobre o terminólogo, Pavel e Nolet (2002, p. 17) explicam que:

O terminólogo é um especialista nesta disciplina, da mesma forma que o lexicógrafo o é da lexicografia, que é a “disciplina que se ocupa de compilar e estudar a forma e o significado das palavras de uma dada língua”. A afinidade de ambas as disciplinas lingüísticas ficou fortalecida, por outro lado, pelo uso recente do termo lexicografia especializada como sinônimo de terminologia.

Diante disso, os repertórios são de responsabilidade de um terminólogo e um lexicólogo, para quem deve ser submetida a formação lingüística das linhas de pesquisa da área do léxico e da terminologia em estudos de mestrado e doutorado na pós-graduação, por exemplo. Neste projeto, os sinais-termo dos equipamentos agrícolas são estudados por uma equipe de especialistas de léxico e de terminologia no Laboratório de Lingüística da Língua de Sinais (LabLibras) e no Centro de Estudos Lexicais e Terminológicos (Centro LexTerm) do Departamento de Lingüística, Português e Línguas Clássicas (LIP), da UnB.

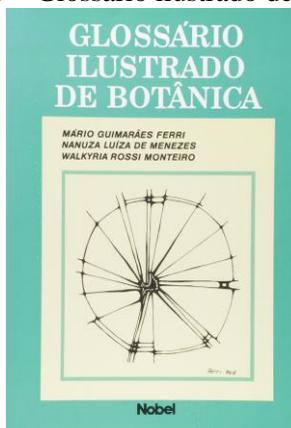
A terminologia da LSB estuda primeiro a descrição do conceito e o significado dos termos científicos ou acadêmicos em LP, pois ajuda no entendimento, e depois a descrição dos sinais-termo sobre os níveis lingüísticos da gramática para a representação visual do sinal-termo combinar com o conceito. A respeito disso, Faulstich (2016, p. 1) confirma que “as terminologias técnica e científica exigem um tratamento diferenciado numa e noutra língua, no que se refere à gênese de sinais terminológicos”. A adaptação da terminologia da LP para a LSB ajuda os profissionais Surdos a entenderem os sinais-termo da área específica com os repertórios em LSB para ambientes de trabalho.

Nascimento (2016) também menciona a importância das áreas da terminologia da LSB para Surdos:

As terminologias das mais diversas áreas técnicas e científicas têm sido organizadas em léxicos, dicionários, glossários nas Línguas de Sinais. Isto se deve às conquistas de inclusão social dos surdos, que têm ocupado ambientes em que o vocabulário de LS precisa ser ampliado para a plena participação dos surdos, principalmente, nos espaços acadêmicos e técnicos (NASCIMENTO, 2016, p. 53).

A Terminografia significa estudar a disciplina ligada à terminologia e entender os dados terminológicos: registro, tratamento e apresentação em pesquisas terminológicas, ou seja, a elaboração de obras dos repertórios específicos para o registro com a relação de terminologia. E a composição da palavra é ‘termo’ e ‘grafia’; respectivamente, é a palavra específica por áreas de conhecimento, e significa a representação escrita de uma palavra em papel. Por exemplo, mostra como é a obra de glossário ilustrado de Botânica (figura 25) – nesse caso, esse livro apresenta as palavras para serem usadas na comunicação específica sobre plantas com acadêmicos ou profissionais.

Figura 25 – Glossário ilustrado de Botânica



Fonte: Ferri *et. al* (1981).

Na presente pesquisa, a terminografia apresenta a elaboração e o registro de léxico bilíngue como léxico especializado – no capítulo 5 é possível visualizar a apresentação da obra do léxico bilíngue (LP-LSB) de sinais-termo de equipamentos agrícolas.

Prometi (2020, p. 175) esclarece as diferenças entre terminografia e lexicografia:

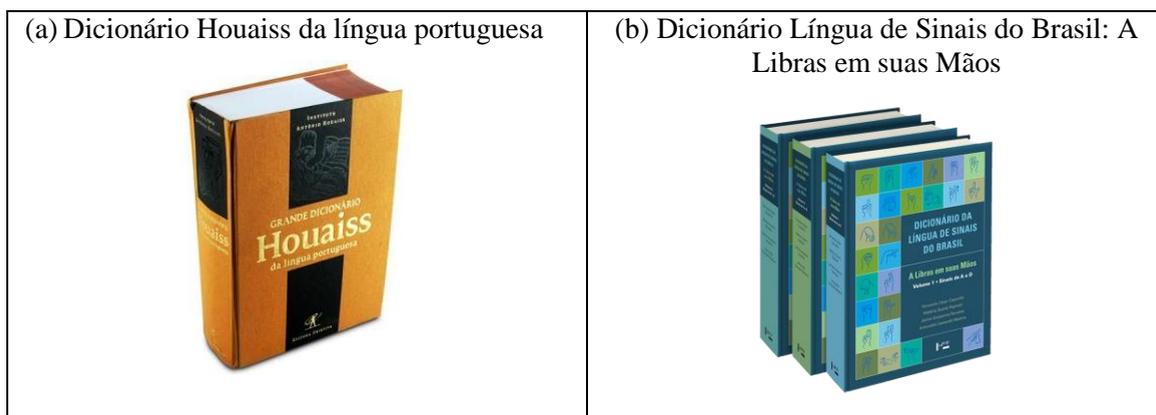
Nos estudos da Lexicografia e da Terminografia da LSB, a análise contrastiva trabalha com a comparação dos lexemas ou dos termos entre duas ou mais línguas, bem como entre o léxico comum e o léxico de especialidade, em nosso caso, entre o português e a LSB e, também, entre o sinal e o sinal-termo.

Realizamos esse trabalho para revelar como se dá a análise conceitual em diferentes contextos de uso.

A Lexicologia é diferente da Terminologia, que é a ciência que estuda o léxico. A composição da palavra é ‘léxico’ e ‘logia’; respectivamente, é a palavra ou o item lexical em LP ou sinal comum em LSB e é o estudo da descrição do léxico na teoria e na prática.

A Lexicografia é a ciência que estuda a teoria e a prática, ou seja, “é a técnica de elaborar, com base em estudos da forma, do significado e do comportamento das palavras em uma língua particular” (PAVEL E NOLET, 2002, p. 124). E a composição da palavra ‘léxico’ e ‘grafia’ é, respectivamente, a palavra comum e a representação escrita de uma palavra no papel. Exemplos desses materiais são as palavras na entrada principal do Dicionário Houaiss da língua portuguesa, de Houaiss (2009), ou os sinais comuns no verbete do Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: A Libras em suas Mãos, de Capovilla *et. al* (2017) (figura 26).

Figura 26 – Obras lexicográficas dos dicionários em LP e em LSB



Fonte: Houaiss (2009) e Capovilla *et.al* (2017).

O famoso Dicionário Houaiss da língua portuguesa, um dos mais completos do Brasil, do autor lexicógrafo brasileiro Antônio Houaiss, é resultado de um trabalho de equipe de mais de 150 pessoas, todos especialistas do Brasil, Portugal, Angola e Timor-leste (a lista dos nomes dos lexicógrafos na macroestrutura da publicação está visível na figura 27).

Os lexicógrafos estudam, analisam e pesquisam os termos comuns e específicos em equipe, bem como com colaboradores externos de várias áreas, tais como Botânica, Física, Oceanografia etc. Esses lexicógrafos têm conhecimento em Linguística e os colaboradores externos em cada área específica, ou seja, há uma troca entre especialistas lexicógrafos e profissionais cientistas.

Os termos comuns e específicos misturados são em geral para o dicionário. Os termos específicos, por sua vez, não são misturados ao léxico comum, pois focam nas áreas científicas em terminografia, tal como o Glossário Ilustrado de Botânica na figura 25. Em outras palavras, Lexicografia trabalha o léxico comum, contudo, a Lexicografia de especialidade lida com a área específica dos termos, mais especificamente a Terminografia. Segundo Faulstich (2011, p. 4), “no nosso Roteiro, as nomenclaturas ‘dicionarística’ e ‘terminologia’ referem, respectivamente, lexicografia de língua comum e lexicografia de linguagens de especialidade.” Por isso, evita a confusão de Lexicografia e de Terminografia.

Figura 27 – Lista de lexicógrafos e de colaboradores externos do dicionário de Houaiss

Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa 1.0

Arquivo Editar Exibir Ferramentas Ajuda

Página 3 de 3

## Equipe *Editorial*

**DIRETORES**  
 † ANTÔNIO HOUAISS  
 (da Academia Brasileira de Letras e Academia Brasileira de Filologia)  
 MAURO DE SALLES VILLAR  
 (da Academia Brasileira de Filologia)  
 FRANCISCO MANOEL DE MELLO FRANCO  
 (planejamento e coordenação geral)

**DIRETOR DE PROJETO**  
 Mauro de Salles Villar

**REDACTORES-LEXICÓGRAFOS**  
 Elizabeth Lissovsky, José Monteiro Grillo, Liana Koiller, Mônica da Silva Auler, Vera Lúcia Coelho Villar

Amir Geiger, Carlos Sussekind Mendonça Filho, Cláudia Maria de Sousa Amorim, Débora Garcia Restom, † Diva de Oliveira Salles, † Jaime Rodrigues Teixeira, † Manuel da Cunha Pereira, Laura Aparecida Ferreira do Carmo, Maria Ângela Botelho Pereira, Maria Aparecida Botelho Pereira Soares, Maria Thereza de Rezende Costa, Maria Vitória Martins Davies, Mauro Gama Lopes da Costa, Odírcio Correia da Costa Cid, Onézio Alves de Paiva, Stella Rodrigo Octávio Moutinho, Sueli Spiegel, Suzana Gaspar de Oliveira Martins, Vinícius de Carvalho Monteiro, † Waltensir Dutra

**REDACTORES DE ELEMENTOS MÓRFICOS**  
 Roberto Cortes de Lacerda (coordenação), Elizabeth Lissovsky, Maria Elisa Luiz da Silveira, Mônica da Silva Auler, Renata de Cássia Menezes Silva

**REDACTORES ETIMOLOGISTAS**  
 Maria Helena Duarte Marques (coordenação), † Antônio Geraldo da Cunha, Cláudio Mello Sobrinho, Elizabeth Lissovsky, Érica dos Santos Rodrigues, Maria Christina de Morra Maia, Maria Elisa Luiz da Silveira, Suzana d'Ávila

**REDACTORES DATADORES**  
 † Antônio Geraldo da Cunha, Flávio de Aguiar Barbosa, Luiz Cláudio Valente Walker de Medeiros

**COLABORADORES EXTERNOS**  
**Biologia** Mauricio Roberto Morra Pinto da Luz, Maria de Fátima Freitas  
**Botânica** Adriana de Padua Schnoor (coordenação), † Ricardo Abrevaya Cytrin, † Gustavo Armando de Padua Schnoor, Maria Marra Vianna de Moraes, Renato Máximo de A. Pizarro Drummond  
**Comunicação e artes gráficas** Gustavo Guimarães Barbosa  
**Direito** José Gabriel Assis de Almeida (coordenação), Carlos Frederico Moura da Silva, Cássio Lopes Cassemiro dos Santos, Fábio Gomes Palermo, Flávio Elias Riche, Lídia Caldeira Lustosa Cabral, Tiago Pires Ferreira

**Eletricidade e eletrônica** Marco Antônio Grivet Mattoso Maia  
**Etnologia** Stela Azevedo de Abreu  
**Filosofia** Vinícius de Carvalho Monteiro  
**Física** Alexandre Tort, Izhak Roditi  
**Fonética e fonologia** João Antônio de Moraes  
**Gentílicos brasileiros** Hilda Silva  
**Geologia, gemologia, mineralogia** Pércio de Moraes Branco, Sueli Cardoso de Araújo  
**Informática** Benito Piropo Da-Rin  
**Linguística** Maria Cecília de Magalhães Mollica, Maria Ângela Botelho Pereira, Maria Aparecida Botelho Pereira Soares  
**Marinha** Antônio Luís Porto e Albuquerque  
**Matemática** Filadelfo Cardoso Santos  
**Medicina** Carlos Roberto Oliveira  
**Música** Carlos Alberto Figueiredo Pinto, Vasco Mariz  
**Oceanografia** Argeo Magliocca  
**Química** Adelaide Maria Souza Anrunes (coordenação), Luís Antônio d'Ávila, † Amílcar Marques de Salles  
**Zoologia** José Fernando Pacheco (coordenação), Ana Beatriz Aroeira Soares, Cecília Bueno Moacyr de Lima e Silva, Marcelo Marques Braga, Henrique Bastos Rajão, Patrícia Mousinho Paredes

**REVISÃO**  
 Liana Koiller (chefia), José Monteiro Grillo (subchefia)  
 Equipe Conceição Campos de Souza, Maria Isabel Sampaio Newlands, Mônica Auler, Raquel Corrêa, Rita de Cássia M. B. de Abreu, Rita Godoy, Sergio Marques de Sousa, Sigríd S. C. Ribeiro, Vania Maria Martins Santos

**GERÊNCIA DE TECNOLOGIA DE INFORMAÇÃO**  
 Rodrigo Otávio Coelho Villar

**COORDENAÇÃO ADMINISTRATIVA**  
 João Rodrigo de Mello Franco

**NORMALIZAÇÃO DAS REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**  
 Ella Gabriela de Oliveira (coordenação), Eneida de Oliveira, Léia Pereira da Cruz, Regina Célia Pimentel Rodrigues

**INFORMATIZAÇÃO**  
 AXIS INFORMÁTICA LTDA.  
 FL GAMA DESIGN LTDA.

**PROJETO GRÁFICO**  
 Victor Burton (diretor de arte), Angelo Allevato Bottino, Ana Paula Brandão, Adrianna Menezes, Natáli Nabekura (assistência de design)

**CRIAÇÃO DA TIPOLOGIA HOUAISS\***  
 Rodolfo Capeto

**EDITORAÇÃO ELETRÔNICA**  
 TEXTOS & FORMAS LTDA.

Fonte: Houaiss (2009).

### 3.2. Léxico Bilíngue: LP (Língua Portuguesa) e LSB (Língua de Sinais Brasileira)

O Léxico Bilíngue é composto por duas línguas – neste caso, a LP e a LSB para Surdos. A LP é segunda língua (L2) para esse público, e a LSB é primeira língua, a língua natural dos Surdos. A LP é a língua oficial em todo Brasil, com menciona o artigo 13 da Constituição Federal Brasileira de 1988. Um Surdo pode ser bilíngue por causa das línguas que domina no país e um outro Surdo pode ser monolíngue em LSB sem a LP. Diante disso, o léxico que possui a LSB pode ajudar o monolíngue na acessibilidade linguística. Nascimento (2010, p. 52) revela sobre essas duas línguas o seguinte:

Além de LSB e LP serem línguas de modalidades diferentes, também possuem funções diferentes. O surdo precisa aprender o português, enquanto os ouvintes que falam a LP podem continuar monolíngues. Esta situação se parece muito com o bilinguismo social em que um grupo é monolíngue e o outro é bilíngue.

A LP ajuda o Surdo bilíngue a entender o sinal-termo em LSB, assim como o Surdo monolíngue, que pode adquirir novo conhecimento também. Por isso, o repertório a ser elaborado precisa apresentar a entrada principal da palavra em LP e depois o verbete com o sinal em LSB e, de preferência, em ordem alfabética. Sobre isso, Faulstich (2013, p. 5) argumenta:

Um elaborador de glossário ou de dicionário bilíngue português-língua de sinais brasileira e vice-versa precisa conhecer as duas línguas para, necessariamente, representar os léxicos de acordo com os conceitos em harmonia. Harmonizar as línguas é combinar seus sistemas, de tal forma que, no léxico, o resultado apareça no bilinguismo explícito em conformidade conceitual entre os itens lexicais. Nesse caso, não basta traduzir a língua de sinais para o português ou o português para a língua de sinais porque poderá prevalecer, na língua de sinais, palavras soletradas manualmente.

Harmonizar as línguas significa usar a LP e a LSB ao mesmo tempo. Contudo, o fim não é a tradução, mas a harmonização. Por isso,

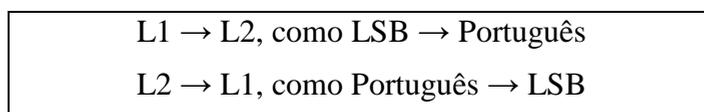
[...] as informações em uma língua, dita língua-fonte, ou língua de partida, são elaboradas também em outra, dita língua-alvo, ou língua de chegada. No entanto, não é somente a presença de duas línguas que torna um dicionário bilíngue, é principalmente o motivo pelo qual as duas línguas são postas em contato (FAULSTICH, 2016, p. 17).

A língua-fonte e a língua-alvo são, respectivamente, a língua de partida e a língua de chegada. Por exemplo, o Surdo usa a primeira língua (L1), a LSB, que é a língua-fonte,

e a segunda língua (L2), a LP, que é a língua-alvo. Portanto, o repertório bilíngue mostra a palavra em LP na entrada principal, que nesse caso é a L2, e o sinal em LSB (L1). Assim,  $L2 \rightarrow L1$ .

Faulstich (2016, p. 17-18) esclarece que os repertórios bilíngues confortam os dois sistemas linguísticos, tal como dois sistemas lexicais. São, geralmente, constituídos de duas partes: uma, em que a língua-fonte é a primeira língua (L1), do mesmo modo, a LSB para os Surdos; e a língua-alvo é a segunda língua (L2), do mesmo modo, o português para os Surdos. Ainda segundo a autora (idem), se o repertório for bilíngue e reverso, terá de ser composto pelas duas partes, dessas formas:

Figura 28 – Sistemas linguísticos LP-LSB



Fonte: Faulstich (2016).

Esse projeto de obra de léxico bilíngue de sinais-termo de equipamentos agrícolas apresenta o termo em português na entrada principal e depois o sinal-termo em LSB. Dessa forma,  $L2 \rightarrow L1$ , Português  $\rightarrow$  LSB, ‘termo’ (L2, em LP)  $\rightarrow$  ‘sinal-termo’ (L1, em LSB).

Além disso, o léxico em questão apresenta a elaboração da obra bilíngue em duas modalidades diferentes: língua visual para o sinal e língua escrita para a palavra. Nesse caso, o aspecto bilíngue tem na palavra o reforço para saber qual é a representação visual do sinal, conforme Faulstich (2016, p. 19) explica:

Porém, se essa organização bilíngue envolver uma língua visual, é preciso investigar que o modelo pode corresponder, da melhor forma possível, à descrição de um bilinguismo que leve em conta duas modalidades diferentes de línguas, como a oral auditiva (o português) e a visual-espacial (a Libras). A situação de bilinguismo exige descrição especializada, porque a L2 é representada por sinais gravados por um sinalizante de L1, um surdo, enquanto a entrada no português se faz pelo registro escrito.

Por fim, é importante para os Surdos ter acesso a materiais bilíngues, pois esses recursos favorecem a compreensão e apreensão de conteúdo com o apoio de conceitos e significados de vários repertórios, tais como dicionários, glossários, vocabulários, léxicos etc. em LSB e em LP. Há mais informações sobre sinal e sinal-termo no tópico 3.3, com a descrição do sinal-termo em LSB.

### 3.3. O sinal-termo

O sinal-termo significa o sinal ou o termo específico da LSB para as áreas técnicas ou científicas. Serve para compreender e visualizar o conceito e o significado do termo, ou seja, a representação visual do sinal pela característica do objeto. Portanto, o sinal-termo tem dentro de si a descrição da constituição ou do nível linguístico. O sinal-termo é necessário para suprir a falta de um sinal, e não utilizar somente a soletração na comunicação das áreas acadêmicas na sala de aula ou locais de trabalho específicos. No caso de ausência do sinal-termo, pode ser usado o alfabeto datilológico, o alfabeto manual e o movimento datilológico.

A datilologia para Castro Júnior (2011, p. 22) é processo linguístico em que o alfabeto manual é usado para expressar nomes de pessoas, de localidades, termos de outras línguas e termos do português que ainda não apresentam um sinal ou um sinal-termo correspondente na LSB. Para isso, o autor chama atenção para três novos conceitos, a saber, alfabeto datilológico, alfabeto manual e movimento datilológico, em que os dois primeiros transparecem no exercício da datilologia e o movimento datilológico sequência no espaço, de forma organizada, regras datilológicas, que acontecem de dentro para fora e nunca de fora para dentro (CASTRO JÚNIOR, 2011, p. 22 apud FAULSTICH, 2016, p. 72-73).

Isso era o que ocorria quando não se tinha sinal-termo, nem estudos de pesquisadores da linha de pesquisa léxico e terminologia. Até o momento atual em que essa dissertação é escrita, já aumentou muito o uso dos sinais-termo, pois agora Surdos e não-surdos entraram na academia com o interesse de investigar essa nova linha de pesquisa. É a evolução dos sinais-termo técnicos ou científicos para os Surdos usarem na comunidade especializada do conhecimento. A respeito desse assunto, Prometi (2020, p. 38) lembra:

Acompanhando a evolução da criação de sinais-termo técnicos ou científicos, Pavel (2002, p. 124) explica que as “línguas (ou linguagens) de especialidade são consideradas sistemas de comunicação oral ou escrita usados por uma comunidade de especialistas de uma área particular do conhecimento.

Por consequência, a expressão “sinais-termo”, criada por Enilde Faulstich, foi apresentada pela primeira vez na dissertação de mestrado de Costa (2012), cujo objetivo do trabalho foi a elaboração de uma enciclopédia bilíngue para as línguas de sinais. A palavra “sinal” pertence à linguagem comum, o “sinal-termo”, por sua vez, é científico e

de uso da área de especialidade. Portanto, “sinal” e “sinal-termo” possuem significados diferentes. Faulstich (2012 apud FAULSTICH, 2016, p. 75) explicita essa distinção da seguinte forma:

[...] a expressão sinal-termo é a que corresponde às necessidades de uso especializado. Para melhor compreender a criação desse termo novo, é preciso ver os significados separadamente, como aparecem no glossário sistêmico de léxico terminológico, em elaboração, transcrito a seguir:

**Sinal.** 1. Sistema de relações que constitui de modo organizado as línguas de sinais. 2. Propriedades linguísticas das línguas dos Surdos. Nota: a forma plural – sinais – é a que aparece na composição língua de sinais.

**Termo.** Palavra simples, palavra composta, símbolo ou fórmula que designam os conceitos de áreas especializadas do conhecimento e do saber. Também chamado unidade terminológica.

Para conhecer melhor o significado de sinal, Faulstich (2012 apud FAULSTICH, 2016, p. 75) recorre à etimologia da palavra:

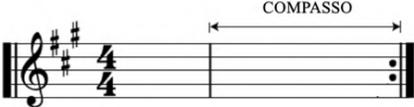
A palavra *sinal* é de origem latina *signalis* e quer dizer ‘que serve de signo, de sinal’. No início tinha valor de adjetivo, mas, posteriormente, passou a substantivo para designar ‘uma unidade de informação’. Por sua vez, a palavra *termo*, também de origem latina *terminus* quer dizer ‘limite, fim, extremidade, *determinatum*’. Convém observar que signo linguístico é unidade linguística constituída pela união de um conceito para chegar ao(s) significado(s). A composição sinal-termo é, portanto, uma nova terminologia que une dois conceitos expressivos, para designar um significado concreto em língua de sinais.

Dessa forma, Faulstich (2012 apud FAULSTICH, 2016, p. 75) define sinal-termo como:

**Sinal-termo.** 1. Termo da Língua de Sinais Brasileira que representa conceitos com características de linguagem especializada, próprias de classe de objetos, de relações ou de entidades. 2. Termo criado para, na Língua de Sinais Brasileira, denotar conceitos contidos nas palavras simples, compostas, símbolos ou fórmulas, usados nas áreas especializadas do conhecimento e do saber. 3. Termo adaptado do português para representar conceitos por meio de palavras simples, compostas, símbolos ou fórmulas, usados nas áreas especializadas do conhecimento da Língua de Sinais Brasileira.

Para esclarecer essa informação, a figura 29 apresenta uma comparação das diferenças entre os sinais-termo em LSB do termo ‘compasso’ em LP das áreas específicas da Música e de Matemática. Veja:

Figura 29 – Comparação das áreas da Música e de Matemática no léxico especializado

REPERTÓRIO	LÉXICO	
TIPO DO LÉXICO	LÉXICO ESPECIALIZADO	LÉXICO ESPECIALIZADO
TERMO	compasso	compasso
ÁREA ESPECÍFICA	Música	Matemática
IMAGEM DO OBJETO		
IMAGEM DO SINAL-TERMO		

Fonte: Prometi (2020, p. 40).

Na figura 29, a descrição de todos os elementos que compõem a informação sobre os sinais-termo é essa: o repertório é a obra do livro; ‘léxico’ é um sinal sem definição com ou sem remissiva; o tipo de léxico é o léxico especializado como a terminologia, que é o sinal-termo; o termo é o nome do objeto ‘compasso’; as áreas específicas são diferentes – Música e Matemática; as imagens dos objetos são diferentes em cada área por causa de imagens visuais que melhor combinam com os conceitos dos termos para os Surdos; e as imagens dos sinais-termo são visuais para os Surdos verem como o sinal-termo é realizado como representação visual do conceito.

Assim, como resultado, o termo compasso tem dois significados diferentes para os Surdos entenderem melhor e identificarem as particularidades dos conceitos visuais. Desse modo, se evita a confusão de termos semelhantes. É muito importante saber a informação específica, a apresentação dos repertórios com conceitos visuais, pois essa é uma forma de os Surdos adquirirem conhecimento e desenvolverem a sua comunicação.

Os pesquisadores Surdos e não-surdos estudam e pesquisam as regras de constituição e de criação de sinais-termo em léxico especializado e terminologia. Conforme Nascimento (2016, p. 25-26),

Os estudos sobre criação de terminologias das línguas de sinais ainda são incipientes e para compreendermos a criação dos sinais-termo é preciso estudar a criação de sinais de forma mais ampla. Convém lembrar que as regras de criação de palavras são as mesmas para criação de termos de uma determinada língua oral, como explica Lara (1999, p. 53), quando afirma que as regras para constituição estrutural do termo são as mesmas usadas para constituição do léxico comum, não sendo, portanto, muito diferentes dos mecanismos neológicos do léxico especializado.

Assim, a descrição de regras da constituição e da criação dos sinais-termo acompanham o processo de criação de sinais-termo. Se não há sinais-termo, deve-se estudar e pesquisar os termos em LP da área específica ou científica por classe gramatical: substantivo, porque é o nome de objetos; em seguida, coleta o *corpus* dos termos dos substantivos em LP; analisa e investiga os sinais-termo, se já existentes ou não. Se existirem os sinais-termo, se estuda e pesquisa a constituição dos sinais-termo, a criação dos sinais-termo e até o substantivo dos sinais-termo. Esse substantivo é o nome do objeto do termo, essa imagem exhibe o objeto de forma parada, sem movimento, tal como inanimado. Conforme Almeida (1999, p. 80 apud PROMETI, 2020, p. 119),

Existem palavras que sempre designam coisa, ser, substância. Toda a palavra que encerra essa ideia denomina-se substantivo. Substantivo é, pois, como o próprio nome está a indicar, toda a palavra que especifica substância, ou seja, coisa que possua existência, ou animada (homem, cachorro, laranja) ou inanimada (casa, lápis, pedra), quer real (sol, automóvel), quer imaginária (Júpiter, sereia), quer concreta (casa), quer abstrata (pureza).

A imagem do objeto inanimado, portanto, é a apresentação do sinal-termo, que pode usar nesse pelo menos dois movimentos nos parâmetros da LSB. Prometi (2020, p. 119) complementa:

De modo semelhante, a identificação dos sinais-termo no âmbito da sintaxe também é diferenciada: para o substantivo, não há movimentos e, quando existem, são até dois movimentos, enquanto os verbos têm mais movimentos desses sinais do léxico comum. Nesta distinção do movimento, há ainda o uso de expressões faciais e corporais que ajudam na sinalização apropriada da frase.

No projeto em descrição, os sinais-termo dos equipamentos agrícolas são substantivos com menos de dois movimentos – veja na apresentação da obra do léxico bilíngue (LP-LSB) de sinais-termo de equipamentos agrícolas no capítulo 5. Sobre os sinais, essa dissertação coleta e analisa seis sinais existentes dos sinais de equipamentos agrícolas presentes no *link* do *YouTube* intitulado ‘Glossário Terminológico de Libras -

Agronomia, Agropecuária e Horticultura, IFRS Campus Ibirubá’, em vídeos e na miniapostila do ‘Projeto Incluir’ da John Deere Catalão em fotos: dois sinais de PULVERIZADOR, um de COLHEDORA DE CANA, um de COLHEDORA, um de ARADO DE DISCO e um de ARADO DE AIVECA. Por resultado, todos esses sinais são verbos organizados como sinais verbais, pois têm mais de três movimentos ou movimento contínuo e mais algumas faltas de constituição.

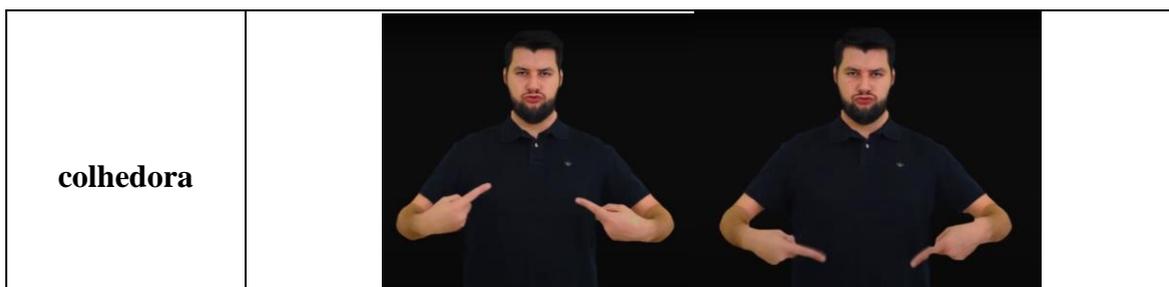
Veja a explicação dessa descrição de verbos com Prometi (2020, p. 122):

Diante do exposto, percebemos, com esta análise, um avanço da pesquisa da sintaxe da Língua de Sinais – dentre tantas em curso, esta pesquisa contribui com outras explicações e frases referentes ao uso distinto entre substantivo e verbo. Para lexicógrafos e terminógrafos que vão trabalhar com glossários, dicionários ou obras que possuem no seu verbete a definição e/ou contexto de uso do termo, esta diferenciação elementar precisa estar clara, pois sabemos que, dentro da área de especialidade, o sinal-termo é um nome científico e não se deriva nome de verbo. Ademais, se o verbo for utilizado para o contexto dos termos de especialidade na sentença de uma frase (português escrito como segunda língua), os Surdos não compreenderão claramente o que o professor bilíngue ou o intérprete estiver se referindo em sala de aula.

Sobre os verbos nos sinais de equipamentos agrícolas, a dissertação em curso apresenta a descrição dos sinais COLHEDORA DE CANA e COLHEDORA, por Almeida e Pires (2013b) e IFRS Campus Ibirubá (2018) na figura 30:

Figura 30 – Sinais de COLHEDORA DE CANA e de COLHEDORA no léxico comum

IMAGEM DO OBJETO	
	
Fonte: < <a href="https://www.deere.com.br/pt/colheitadeiras/colhedora-de-cana/ch570/">https://www.deere.com.br/pt/colheitadeiras/colhedora-de-cana/ch570/</a> >.	
TERMO	SINAL
<b>colhedora de cana</b>	



Fonte: Almeida e Pires (2013b) e IFRS Campus Ibirubá (2018).

A figura 30 exibe o sinal-termo COLHEDORA DE CANA (ALMEIDA e PIRES, 2013b), que tem movimento contínuo e não tem o conceito visual por motivo de não ter como mostrar a imagem mental do objeto; e a base do sinal também não combina com o substantivo. Portanto, esse sinal combina com o termo ‘divisores da linha’.

O outro termo que chama a atenção é somente COLHEDORA (IFRS CAMPUS IBIRUBÁ, 2018) – também possui o movimento contínuo e não o conceito visual como representação visual do sinal, porém o nome do termo ‘colhedora’ não informa o tipo de colhedora, pois há vários: colhedora de cana, colhedora de milho, colhedora de algodão, colhedora de forragem etc. Assim, são modelos de máquinas diferentes. A explicação sobre imagens mentais dos objetos nas referências conceituais está em Castro Júnior (2011, apud PROMETI, 2020, p. 49):

Nas LS, as referências conceituais são percebidas por meio de imagens. Contudo, é preciso entender que não é a imagem física dos objetos e ambientes, dentre outros, que vai servir de base para a criação do sinal-termo, mas sim a imagem mental do conceito destes – que, muitas vezes, pode não ser físico – no mundo, na língua e na mente dos Surdos. Em outras palavras, não se pode limitar a criação, a formação e a conceituação dos sinais apenas à forma ou à representação visual do sinal. É preciso analisar também a construção mental do signo, visto que as LS são independentes das línguas orais, pois foram produzidas dentro das comunidades Surdas, com base na construção mental que os Surdos têm do mundo.

A constituição e a criação do sinal-termo têm muitos detalhes e explicações dos níveis linguísticos: fonologia, morfologia, sintaxe, semântica e pragmática. Nesse projeto, foram selecionadas a fonologia e a morfologia, pois combinam com o léxico dos termos em LP e com os sinais-termo em LSB dos equipamentos agrícolas, de modo a acolitar a descrição e a explicação da criação e da constituição de sinais dos equipamentos agrícolas no estudo da fonologia da LSB.

Primeiramente, é preciso saber o que significa a composição do termo ‘fonologia’, que é ‘fono’ e ‘logia’ – respectivamente, é fone ou som ou voz e estudo. Ou seja, é o

estudo da teoria de fones (sons). Os sons têm como serem expressos pelas mãos na LSB? Não, não existe “oralização” dos sons pelas mãos. Portanto, a fonologia da LP adapta para a LSB os muitos detalhes da constituição dos sinais-termo.

A fonologia da LSB é um ramo da Linguística que confere ordem à estrutura e à organização dos constituintes fonológicos e dos parâmetros que formam os sinais-termo, e apresenta como sugestão descrições e explicações de possíveis fenômenos. Em regra, as mãos mostram o sinal-termo, que tem significado e dentro de si detalhes de constituição por meio dos articuladores; contudo, além das mãos, outras partes do corpo também são acionadas, como a cabeça, o rosto e o tronco. É a modalidade corporal-visual da LSB, pois as mãos são parte da produção dos sinais, assim como o corpo e os olhos são percepção visual dos sinalizadores dos sinais para a informação linguística (PROMETI, 2020).

O americano linguista Stokoe (1960) pesquisou a análise de formação dos sinais na ASL (*American Sign Language*) e descobriu que na LS existe uma gramática pelos três aspectos ou parâmetros: Configuração de Mão (CM), Movimento da mão (M) e Locação da mão (L). Posteriormente a esse autor, foram acrescentados à lista a orientação da mão (Or) e os aspectos não-manuais dos sinais: expressões faciais e corporais, conforme Battison (1974, 1978).

No Brasil, algumas fonologistas pesquisaram as unidades ou os parâmetros dos sinais. A autora Lucinda Ferreira Brito (1995) apresentou as descrições das propriedades de cada um dos cinco parâmetros: Configuração de Mão (CM), Movimento (M), Ponto de Articulação (PA), Orientação de mão (Or) e Expressões Faciais e Corporais (EFC). Esses elementos estão dentro da constituição fonológica da LS.

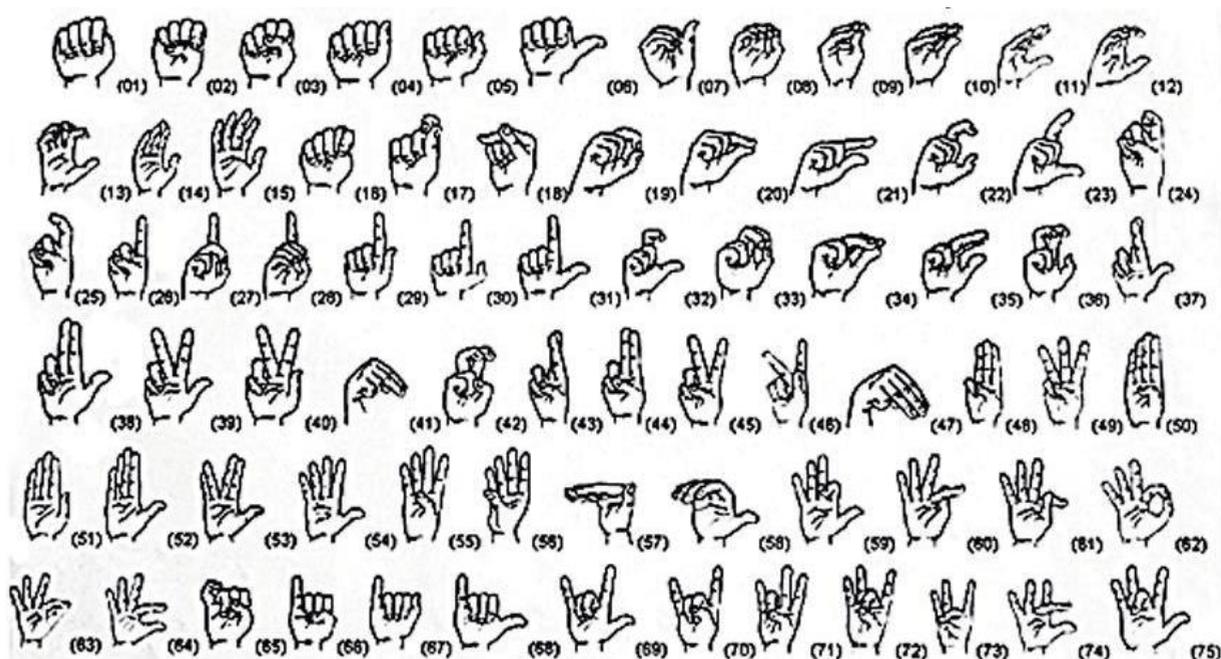
A fonologia da LSB exhibe uma unidade mínima do parâmetro por uma mão “R” sozinha em CM sem PA e Or e não tem significado, como a unidade mínima de som da letra ‘A’, que não tem significado também – são os exemplos de comparação das unidades mínimas das línguas. Portanto, cada uma dessas unidades mínimas não possui significado que se combine para formar a palavra ou morfema em LP ou formar o sinal-termo ou o morfema em LSB, tampouco esses parâmetros. A seguir, a descrição da constituição e da criação de sinais-termo e os respectivos parâmetros da LSB.

**i. Configuração de Mão (CM):** é a forma de uma ou das duas mãos em um sinal produzido em LSB. Em regra, nesse parâmetro é usado muito as duas mãos nos sinais-termo por causa da execução desses. São as referências da base-fonológica e da base morfológica do sinal-termo (PROMETI, 2020).

Na presente dissertação, a pesquisadora procurou as CMs de sinais-termo de equipamentos agrícolas que foram encontrados com duas figuras de CM por Faria-Nascimento (2009), na figura 31, e Prometi (2020), na figura 32; sobre o restante das CMs dos equipamentos agrícolas, somente uma – do sinal-termo Berimbau – é a mesma do sinal-termo COLHEDORA DE CAFÉ, na figura 33.

Assim, faltam as figuras de cinco CMs da área de equipamentos agrícolas, pois não foram encontradas. Portanto, pode ser que sejam inovadoras as CMs apresentadas na figura 34 com a criação dos seguintes sinais-termo: (1) adubadora tracionada, (2) arado de aiveca, (3) arado de disco e de colhedora de forragem, (4) carreta graneleira e (5) trator. Todas essas CMs são completas e são apropriadas para serem usadas nos sinais-termo dos equipamentos agrícolas. Até o momento atual existem 85 imagens de CMs. A seguir, as CMs dos sinais-termo apresentados no capítulo 5 da obra do léxico bilíngue de sinais-termo de equipamentos agrícolas.

Figura 31 – Configurações de Mãos por Faria-Nascimento (2009)



Fonte: Faria-Nascimento (2009).

Figura 32 – Tabela com novas CMs para a área da Música

NOVA CM CRIADA	CM USADO PARA QUAL SINAL-TERMO CRIADO?
	Sinal-termo bateria
	Sinal-termo berimbau
	Sinal-termo violão Sinal-termo instrumentos musicais
	Sinal-termo violino Sinal-termo violoncelo
	Sinal-termo pandeiro

Fonte: Prometi (2020).

Figura 33 – Sinal-termo COLHEDORA DE CAFÉ



Fonte: Elaborado pela autora.

Figura 34 – Cinco novas CMs de sinais-termo de equipamentos agrícolas

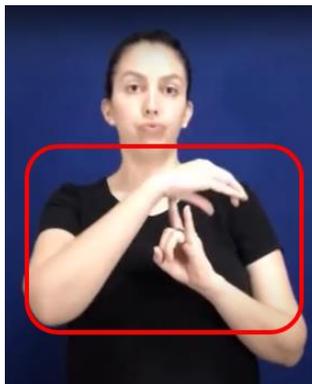
<p>(1) <b>CM de adubadora tracionada</b></p> 	<p>(2) <b>CM de arado de aiveca</b></p> 
<p>(3) <b>CM de arado de disco e de colhedora de forragem</b></p> 	<p>(4) <b>CM de carreta graneleira</b></p> 
<p>(5) <b>CM de trator</b></p> 	

Fonte: Elaborado pela autora.

Assim é a descrição da constituição fonológica sobre as configurações de mãos com outros parâmetros para a formação dos sinais-termo (apresentada no tópico 3.4.2 do Processo de Formação Derivacional dos Sinais-termo da área de Equipamentos Agrícolas).

**ii. Ponto de Articulação (PA) ou Localização (L):** é a exibição que indica onde o sinal pode ser realizado e, normalmente, toca em alguma parte do corpo ou situa apenas no espaço neutro. Esse parâmetro não existe sozinho por causa do significado. O PA dos sinais-termo dos equipamentos agrícolas são o ‘espaço neutro’, que fica em frente ao corpo do sinalizador. Quadros (2019, p. 48) menciona essa definição: é o “Conjunto de Localizações (L) da Libras: Espaço neutro: a frente do sinalizante; Tronco: ombro, peito, barriga, abaixo da cintura; Face: cabeça, testa, bochecha, nariz, queixo, orelha, boca, olho; Pescoço; Braço; Antebraço; Mãos” para localizar o começo do PA: acima da cabeça até o final, abaixo, na metade da coxa. A figura 35 apresenta o ponto de articulação – o ‘espaço neutro’ – do sinal-termo CARRETA DE TRANSBORDO dos equipamentos agrícolas.

Figura 35 – Ponto de Articulação ‘Espaço Neutro’ do sinal-termo CARRETA DE TRANSBORDO



Fonte: Elaborado pela autora.

**iii. Movimento (M):** é o parâmetro que se refere ao movimento de uma ou das duas mãos ou não no espaço durante a realização do sinal-termo. Segundo Quadros (2019, p. 48), é o “Conjunto de Movimentos (M) da Libras: Movimentos de trajetória (retilíneo, sinuoso, angular); Movimentos circulares (circular, semicircular, helicoidal); Movimentos internos dos sinais (dos dedos, das mãos)”. Veja na figura 36 os movimentos semicirculares em duas vezes (ida e volta) do sinal-termo CARRETA DE TRANSBORDO dos equipamentos agrícolas.

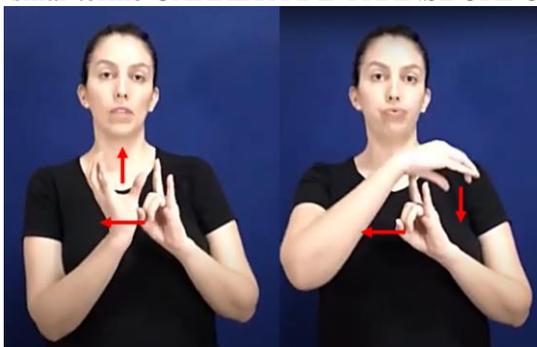
Figura 36 - ‘Movimento semicircular’ em duas vezes (ida e volta) do sinal-termo CARRETA DE TRANSBORDO



Fonte: Elaborado pela autora.

**iv. Orientação de Mão (Or):** é a direção para qual a palma de mão aponta na produção do sinal-termo. De acordo com Quadros (2019, p. 48), é o “Conjunto de orientações de mão (Or) da Libras: Orientação de palma da mão para frente, para trás, para cima, para baixo, para o lado, em diagonal”. Observe na figura 37 a Orientação de Mão (Or): uma n° CM 12 (figura 31 – por Faria-Nascimento, 2009) é para cima e para baixo; e uma outra n° CM 70 (idem) é para o lado no sinal-termo CARRETA DE TRANSBORDO.

Figura 37 – ‘Orientação de Mão: mão ativa para cima e para baixo; e mão passiva para o lado’ do sinal-termo **CARRETA DE TRANSBORDO**



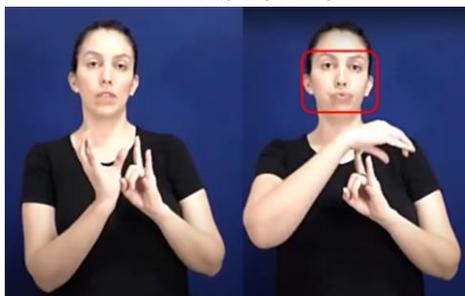
Fonte: Elaborado pela autora.

**v. Expressões Faciais Corporais (EFC):** são as Expressões Não-Manuais (ENM), ou seja, movimentos da cabeça, da face, dos olhos, das sobrancelhas e do tronco na hora da articulação do sinal-termo. Conforme a descrição de Brito (1995, p. 240-242),

Rosto: Parte superior: sobrancelhas franzidas; olhos arregalados; lance de olhos; sobrancelhas levantadas. Parte inferior: bochechas infladas; bochechas contraídas; lábios. Cabeça: Movimento de assentimento (sim); movimento de negação; inclinação para frente; inclinação para o lado; inclinação para trás. Rosto e cabeça: Cabeça projetada para frente; olhos levemente cerrados, sobrancelhas franzidas; cabeça projetada para trás e olhos arregalados. Tronco: Para frente; para trás; balanceamento alternado (ou simultâneo) dos ombros.

Esse recurso é muito importante na composição do sinal-termo, pois a EFC esclarece o significado durante a execução. Veja na figura 38 a EFC: o movimento da boca do sinal-termo **CARRETA DE TRANSBORDO** por causa do motor ligado com vibração.

Figura 38 – Expressões Faciais e Corporais: movimento da boca do sinal-termo **CARRETA DE TRANSBORDO**



Fonte: Elaborado pela autora.

O resultado da constituição fonológica abrange todos os cinco parâmetros dos sinais-termo da LSB e são juntos essenciais para a formação do sinal-termo com significado. Assim, esses são os elementos paramétricos. Esses complementam a base fonológica. A seguir (no tópico 3.4.2), é apresentado o processo de formação derivacional dos sinais-termo dos equipamentos agrícolas.

### 3.4. Morfologia da Língua de Sinais Brasileira

A morfologia geral é um dos níveis linguísticos que estuda a construção das palavras para estabelecer as regras da formação de palavras em LP. Significa também o estudo feito a respeito da estrutura, formação e classificação das palavras. As unidades mínimas dos morfemas com significado formam as palavras. A composição da morfologia ‘morfo’ e ‘logia’ é, respectivamente, a forma e o estudo, ou seja, estudar a forma da palavra. Sobre esse conceito, Dubois *et. al* (1989, p. 421) acrescentam:

A morfologia é a descrição das regras que regem a estrutura interna das palavras, isto é, as regras de combinação entre os morfemas-raízes para construir ‘palavras’ (regras de formação das palavras) e a descrição das formas diversas que tomam essas palavras conforme a categoria de número, gênero, tempo, pessoa [...].

No projeto em descrição, é usada a morfologia em LP e em LSB, pois é necessário aprofundar o conhecimento sobre os termos dos equipamentos agrícolas, uma vez que esses objetos têm morfemas-raízes, prefixos e sufixos – por exemplo, adubadeira e adubadora, colheitadeira e colhedora, plantadeira e plantadora. De igual modo, é fundamental adaptar para a LSB o estudo da morfologia em LP, pois, de modo reverso, estabelece a relação de primeiro apoio da morfologia em LP.

A morfologia da LSB é diferente da LP porque possui uma estrutura linguística divergente. Além disso, estuda a análise dos elementos mórficos da LSB pela referência do conhecimento de produção e percepção do sinalizante como modalidade visual-corporal nos estudos linguísticos da LSB. Sobre o que significa morfologia da LSB, Quadros e Karnopp (2004, p. 86) relatam que “é o estudo da estrutura interna das palavras ou dos sinais, assim como das regras que determinam a formação das palavras”.

Dito de outro modo, é conhecer como funciona o processo de construção morfológica dos termos e dos seus elementos. A formação dos sinais-termo é o começo do processo: a combinação dos parâmetros, a configuração de mão junto a um

movimento, um outro ponto de articulação, Or e/ou EFC dos parâmetros – são chamados elementos paramétricos. Se esse mesmo sinal-termo puder trocar uma parte dos elementos para uma outra forma de M ou de CM ou de outro parâmetro de formação derivacional, o sinal-termo ficará com significado diferente – esses são os chamados elementos mórficos, são os fonemas e os morfemas na combinação de elementos.

Segue algumas informações sobre a formação de sinais:

As línguas de sinais têm um léxico e um sistema de criação de novos sinais em que as unidades mínimas com significado (morfemas) são combinadas. Entretanto, as línguas de sinais diferem das orais no tipo de processos combinatórios que frequentemente cria palavras morfológicamente complexas. Para as línguas orais, palavras complexas são muitas vezes formadas pela adição de um prefixo ou sufixo a uma raiz. Nas línguas de sinais, essas formas resultam frequentemente de processos não-concatenativos em que uma raiz é enriquecida com vários movimentos e contornos no espaço de sinalização (Klima e Bellugi, 1979). (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 87)

A hipótese da pesquisa analisa os termos dos equipamentos agrícolas: colhedora e colheitadeira por sufixo e radical também. Se esses termos têm conceitos e significados diferentes, podem criar sinais-termo (a descrição do processo de formação derivacional dos sinais-termo dos equipamentos agrícolas está disposta no tópico 3.4.2). Na criação de sinais-termo se estudam os conceitos e significados dos termos em LP, o processo de constituição morfológica dos termos em LP e dos sinais-termo em LSB, como o morfema-base e o morfema-livre para as áreas científicas.

Nessa dissertação, a base de estudo, pesquisa e leitura são as teorias e as práticas sobre níveis linguísticos da LP dos autores Paschoalin e Spadoto (1989), Sacconi (1990), Borba (2003), Felipe (2006), Cunha e Cintra (2008), Cegalla (2008), Bechara (2009) e Gonçalves (2011); sobre a linguística da área específica da LSB, dos autores Brito (1995), Quadros e Karnopp (2004) e Quadros (2019); e sobre os níveis linguísticos da LSB, a criação e a constituição morfológica dos sinais-termo dos autores Faria-Nascimento (2009), Costa (2012), Faulstich (2016), Nascimento (2016), Felten (2016), Tuxi (2017) e Prometi (2020).

Antes de se chegar à estrutura das palavras, primeiro é preciso saber quais são as palavras dos termos dos equipamentos nessa dissertação. No momento, a explicação de classificação das palavras é encontrada na comunicação verbal, como a linguagem falada ou escrita, baseada no uso da palavra. A organização das palavras, na forma do texto, adquire significações específicas: nomear seres, indicar suas características, sua

quantidade etc., de acordo com Paschoalin e Spadoto (1989, p. 20). Além disso, podem ser divididas em morfema lexical e morfema gramatical, respectivamente, os substantivos, os adjetivos, os verbos e os advérbios de modo; e os artigos, os pronomes, os numerais, as preposições, as conjunções e os demais advérbios, tais como as formas indicadoras de número, gênero, tempo, modo ou aspecto verbal, conforme Cunha e Cintra (2008).

Nesse projeto, foi selecionada a classe gramatical de substantivo e a derivação desses processos para estudar os termos e os sinais-termo dos equipamentos agrícolas. A seguir, a descrição da constituição morfológica da LSB e o processo de formação derivacional dos sinais-termo da área de equipamentos agrícolas.

Nessa morfologia, existem dois subcapítulos: (1) a constituição morfológica da LSB exhibe a estrutura das palavras – essa estrutura diz respeito à descrição de elementos mórficos em LP e em LSB; e (2) o processo de formação derivacional dos sinais-termo da área de equipamentos agrícolas exhibe a formação de palavras por derivação, respeitados os detalhes em LP e em LSB. Segundo Quadros e Karnopp (2004), os processos de formação de palavras ou de sinais em LP e em LSB são a derivação, composição e flexão.

#### **3.4.1. Constituição Morfológica da Língua de Sinais Brasileira: sinais-termo dos equipamentos agrícolas**

A constituição morfológica começa com os termos dos equipamentos agrícolas para saber em qual classe de palavras estão inseridos. Esses termos são substantivos, que são morfemas lexicais, pois os nomes dos produtos na fábrica da John Deere são objetos, instrumentos de trabalho. O conceito de substantivo é: palavra que dá nome ao ser. Por isso, os substantivos são os nomes dos sinais-termo dos equipamentos agrícolas nessa dissertação. Assim, os sinais-termo têm dentro da constituição morfológica os elementos mórficos.

Ao analisar os termos dos equipamentos agrícolas selecionados no *corpus*, foi possível descobrir alguns conceitos e significados sobre esses termos – mais especificamente, ‘colhedora’ e ‘colheitadeira’. Portanto, vale lembrar a hipótese da pesquisa exibida no capítulo 1.3:

**Pergunta (1):** Nos dados em LP, há dois termos para se referir às máquinas: colhedora e colheitadeira. Esses termos possuem o mesmo conceito? O mesmo significado?

**Pergunta (2):** Nos dados, colhedora é diferente de colheitadeira? Os conceitos são diferentes? Significados também?

Se a resposta à pergunta (2) da hipótese for positiva, então é preciso criar sinais-termo diferentes, porque é necessário diferenciar os conceitos e/ou significados dos sinais-termo para evitar confusão no entendimento. Os conceitos e os significados de alguns dos termos em LP de materiais on-line – dicionários, glossários, manuais e catálogos – estão organizados na tabela 6.

Tabela 6 – Significados iguais ou diferentes dos termos dos equipamentos agrícolas

<b>TERMOS</b>	<b>SIGNIFICADOS</b>
adubadeira	máquina, instrumento ou artefato empr. na adubação de terras (HOUAISS, 2009).
adubadora	implemento utilizado para aplicar fertilizantes no solo, geralmente vem associada a uma máquina semeadora, sendo chamada de semeadora-adubadora (YAMASHITA, 2010).
colhedeira	o mesmo que colheitadeira (HOUAISS, 2009).
colhedora	o mesmo que colheitadeira (AULETE, 2020).
colheitadeira	máquina empregada em colheita (esp. de cereais), e que ceifa, trilha, classifica e ensaca; colhedeira (HOUAISS, 2009).
colheitadeira, colhedeira ou colhedora	máquina agrícola destinada a retirar os produtos do local onde foram plantados (ORMOND, 2006).
enfardadeira	máquina agrícola us. para juntar palha ou feno em pequenos fardos ou feixes (HOUAISS, 2009).
enfardadora	o mesmo que enfardadeira (AULETE, 2020).
plantadeira	máquina de plantar (AULETE, 2020).
plantadora	máquina ou implemento agrícola, manual ou mecânico, de tração animal, puxada por trator ou com motor próprio, utilizada para introduzir no solo partes vegetativas de plantas que formarão a lavoura como colmos (cana ou mandioca), galhos, tubérculos (batata), bulbos (alhos) (ORMOND, 2006).
semeadeira	diz-se de máquina que faz a semeadura (AULETE, 2020).
semeadora	o mesmo que semeadeira (AULETE, 2020).

transplantadeira	equipamento de plantio de hortaliças (folhagens) (YANMAR, 2019).
transplantadora	é aquela que coloca no solo as mudas das plantas (YAMASHITA, 2010).

Fonte: Elaborado pela autora.

Nesta tabela 6, os significados de colhedora e de colheitadeira são semelhantes. Portanto, há pequenas variações em relação aos conceitos das mesmas máquinas ou diferentes que retiram os produtos do local onde foram plantados. Mais uma análise dos conceitos dos termos dos tipos de colhedoras encontrados em materiais on-line – desta vez, em normas e manuais técnicos (tabela 7).

Tabela 7 – Conceitos dos tipos de colhedoras

<b>TERMOS</b>	<b>CONCEITOS</b>
colhedora de algodão	a colhedora de algodão possui um sistema de fusos giratórios que retiram a fibra do algodão sem prejudicar a parte vegetativa da planta, ou seja, caules e folhas. Determinados modelos têm como característica a separação da fibra e do caroço, concomitante à operação de colheita (NR-12 - SEGURANÇA NO TRABALHO EM MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS, 2019).
colhedora de café	equipamento agrícola automotriz que efetua a “derrixa” e a colheita de café (NR-12 - SEGURANÇA NO TRABALHO EM MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS, 2019).
colhedora de cana	equipamento que permite a colheita de cana de modo uniforme, por possuir sistema de corte de base capaz de cortar a cana-de-açúcar acompanhando o perfil do solo. Possui um sistema de elevador que desloca a cana cortada até a unidade de transbordo (NR-12 - SEGURANÇA NO TRABALHO EM MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS, 2019).
colhedora de forragem	equipamento agrícola automotriz apropriado para colheita e forragem de milho, sorgo, girassol e outros. Executa o corte da planta, sendo capaz de colher ou recolher, triturar e recolher a cultura cortada em contentores ou veículos separados de transbordo (NR-12 - SEGURANÇA NO TRABALHO EM MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS, 2019).
colhedora de grãos	máquina destinada à colheita de grãos, como trigo, soja, milho, arroz, feijão etc. O produto é recolhido por meio de uma plataforma de corte e conduzido para a área de trilha e separação, onde o grão é separado da palha, que é expelida, enquanto o grão é transportado ao tanque graneleiro (NR-12 - SEGURANÇA NO TRABALHO EM MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS, 2019).

Fonte: Elaborado pela autora.

Nesta tabela 6, os conceitos dos termos dos tipos de colheitadeiras e de colhedoras não foram encontrados na internet e em outros materiais. O resultado da hipótese das perguntas (1) e (2) respondem respectivamente: não, não há conceito, mas há significado; e sim, o conceito é diferente de colheitadeira e não, o significado é diferente. Esse conceito diferente é por causa das máquinas diferentes – para cada produto, existe um modo de apanhar a plantação.

Portanto, o termo ‘colhedora’ é a máquina automotriz ou autopropelida, ou seja, aparato que realiza todas as operações da colheita, como por exemplo o termo ‘colhedora de algodão’ – esse é um produto fixo que não precisa de implementos nas máquinas para colher os produtos; além disso, essa máquina é usada somente na plantação de algodão. A maioria dessas máquinas fixas são automotrizes. O termo ‘colheitadeira’ traz em si o vínculo ao implemento que pega a plantação, como a ‘colheitadeira de grãos’ e a ‘colheitadeira de milho’. Esses não foram encontrados com os conceitos nos materiais online na tabela 7. Sobre a colheitadeira, a colhedora e a colhedora, Molin (200-?) destaca:

A indústria nacional passou a denominar essa máquina de “colheitadeira”, um termo regional, justamente a partir da indústria concentrada no Rio Grande do Sul, e assim tem sido denominada em todas as regiões de influência cultural sulista. No interior de São Paulo e de estados vizinhos a mesma máquina é muito conhecida como “colhedora”; porém, o termo técnico mais correto é colhedora (MOLIN, 200-?, p. 4).

A indústria usa em sua maioria o termo ‘colheitadeira’, que é a influência dos links no mundo dos negócios e da comunicação mais do que o outro termo ‘colhedora’ – que se usa pouco. Diante disso, dois engenheiros agrônomos foram consultados: uma não-surda paulista (da região sudeste) e um não-surdo goiano (da região centro-oeste). A pergunta foi: a diferença de colhedora e colheitadeira? Ela respondeu que colheitadeira é diferente da colhedora por causa da troca das plataformas de grãos e de milho, como os implementos agrícolas na mesma máquina colheitadeira; e a ‘colhedora’ é a máquina fixa sem implemento para somente usar a cada plantação. Já o não-surdo goiano respondeu que colheitadeira e colhedora são iguais. Diante das opiniões, ficou registrado que as sugestões deles sobre os termos colhedora e colheitadeira são complexas.

Mais uma informação, veja a figura 39: a página da internet da empresa John Deere exibe o termo ‘colheitadeira de grãos’ e ‘plataformas’. A máquina colheitadeira com a plataforma de grãos nessa imagem troca a plataforma de grãos por outra plataforma de milho na mesma máquina colheitadeira.

Outros exemplos: o título do artigo “Colhedoras de Grãos” do autor Milon (200-?) está escrito de forma mais adequada, ou seja, o termo técnico mais correto é colhedora; bem como a norma NR-12<sup>6</sup> (2019), que publicou o conceito de ‘colhedora de grãos’ – veja a tabela 7. Assim, mesmo sendo termos formais, esses e tantos outros exemplos não exibem as palavras de profissionais terminógrafos e lexicógrafos. No entanto, neste projeto, os dois sinais-termo postados na obra de léxico bilíngue serão termos técnicos: ‘colhedora’, com remissiva do termo ‘colheitadeira’ – por causa da influência da região em que esse cultivo é bastante frequente e, assim, os consultentes entendem.

Figura 39 – Colheitadeira de grãos e plataforma na John Deere

Colheitadeiras de grãos
Colhedoras de cana
Colhedora de algodão
Forageira

## Colheitadeira de Grãos




**Colheitadeiras de Grãos Série S**

Estas Colheitadeiras estão desenhadas para assegurar a precisão absoluta, seja no controle ou na produtividade dos cultivos. A tecnologia de Rotor reduz em até 20% a força requerida para mover o material através da colheitadeira. Para o acionamento do rotor é necessário menos potência, o que possibilita aumentar a velocidade da colheita.

**Plataformas**

As mais avançadas plataformas do mercado, com alta performance, maior tempo de trabalho no campo e maior durabilidade, entregam ainda mais capacidade e produtividade para a sua colheita. São diversos modelos para as mais variadas culturas e necessidades, com a qualidade que só a John Deere oferece.

Fonte: Deere & Company (2020).

Na tabela 6, os termos são compostos por afixo (prefixo e sufixo): transplantadeira, enfardadora, adubadeira, adubadora etc. com trans- en- e -eira, -ora. A maioria, com os sufixos dos termos -eira e -ora. Portanto, a partir do estudo das partes das palavras sobre os elementos mórficos – radical, afixo, vogais e consoantes de ligação –, é possível descrever a análise da estrutura das palavras.

<sup>6</sup> NR-12 - Segurança no Trabalho em Máquinas e Equipamentos. Disponível em: <[https://enit.trabalho.gov.br/portal/images/Arquivos\\_SST/SST\\_NR/NR-12.pdf](https://enit.trabalho.gov.br/portal/images/Arquivos_SST/SST_NR/NR-12.pdf)>. Acesso em: 15 out. 2020.

A estrutura das palavras esclarece que as palavras são formadas pelas partes menores, ou seja, elementos mórficos, conforme Paschoalin e Spadoto (1989, p. 138). Por exemplo:

enfardadora →	en + fard+ a + d + ora
semeadeira →	seme + a + d + eira
transplantadeira →	trans + plant + a + d + eira

Os elementos mórficos ou a estrutura das palavras podem ser: radical, vogal temática, tema, desinência, afixo, vogais e consoantes de ligação. No caso dessa dissertação, os termos dos equipamentos agrícolas combinam com os elementos mórficos escolhidos: radical, afixo, vogais e consoantes de ligação. A descrição dos elementos mórficos segue:

(i) **Radical:** é um grupo de palavras da mesma família que oferece uma base comum de significação, conforme Cunha e Cintra (2008). Por exemplo, os radicais dos termos dos equipamentos agrícolas, na tabela 8.

Tabela 8 – Radicais dos termos dos equipamentos agrícolas

RADICAL	OUTROS ELEMENTOS
adub –	- adeira - adora
colh -	- edeira - edora
colheit	-adeira
enfard-	- adeira - adora
plant-	- adeira - adora
seme	-adeira -adora

Fonte: Elaborado pela autora.

Outros exemplos possíveis com base no radical colh-: colhedeira, colhedora, colhedor, colherada, colhido etc.

(ii) **Afixos:** são os elementos que se juntam ao radical para a formação de novas palavras. O prefixo é adicionado antes do radical e o sufixo, após o radical. Por exemplo:

Tabela 9 – Afixos

RADICAL	VOGAL DE LIGAÇÃO	CONSOANTES DE LIGAÇÃO	SUFIXO
plant	-a	-d	-eira
	-a	-d	-ora

Fonte: Elaborado pela autora.

(iii) **Vogais e consoantes de ligação:** são os elementos que intercalam o radical e o sufixo para facilitar a pronúncia da palavra.

Tabela 10 – Vogais e consoantes de ligação

RADICAL	VOGAL DE LIGAÇÃO	CONSOANTE DE LIGAÇÃO	SUFIXO
colh-	-e	-d	-ora
colheit-	-a	-d	-eira

Fonte: Elaborado pela autora.

Até o fim da análise da estrutura das palavras em LP, a descrição de cada um dos elementos mórficos é considerada na constituição morfológica. Desse modo, examinar a adaptação das estruturas das palavras para a LSB é, portanto, estudar os detalhes dos elementos mórficos em LSB, inclusive a regra de criação da constituição morfológica para a formação do sinal-termo. Assim, começa o trabalho de construção do sinal-termo.

Para se criar um sinal-termo, primeiro se estuda a base morfológica (Prometi, 2020), ou seja, a configuração de mão do morfema-base (Faria-Nascimento, 2009) – que é igual ao morfema preso, como o radical. Assim, a primeira CM significa a base do sinal-termo.

Esse morfema-base em LSB é o radical em LP, como base do sinal-termo para a área específica ou técnica. Em complemento à explicação sobre o radical em LSB, Faria-Nascimento (2009, p. 97) aclara que “a estrutura BASE, que equivale ao morfema-base, à base-presa ou a radicais é constituída, normalmente, por CM, OP e PA”. Em outras palavras, são elementos paramétricos para comporem o radical em LSB. Portanto, essa

dissertação organiza esses elementos – CMs de morfema-base – de alguns sinais-termo dos equipamentos agrícolas na base morfológica. Veja a figura 40.

Figura 40 – CMs dos morfemas-base dos sinais-termo de equipamentos agrícolas na base morfológica

ARADO: DE DISCO, DE AIVECA E SUBSOLADOR	COLHEDORA: DE CANA, DE FORRAGEM, DE GRÃOS E DE MILHO	ENFARDADEIRA: CILÍNDRICA E PRISMÁTICA	PIVÔ CENTRAL: FIXA, LINEAR E REBOCÁVEL	TRATOR: DE PNEUS E DE ESTEIRA
				

Fonte: Elaborado pela autora.

Essas CMs mostram as formas diferentes de mãos para cada base morfológica diferente. Assim, somente o morfema-base não tem significado, portanto, precisa aparecer junto à base fonológica. Por exemplo, a figura de arado de disco, de aiveca e subsolador mostra o nº CM 28 (por FARIA-NASCIMENTO, 2009), que é o morfema-base da base morfológica junto à CM “de arado”, que é a base fonológica.

Por fim, os elementos mórficos em LSB são os elementos paramétricos na base morfológica. A partir do próximo tópico, será explicada a descrição do processo de formação derivacional dos sinais-termo dos equipamentos agrícolas.

### 3.4.2. Processo de formação derivacional dos sinais-termo da área de equipamentos agrícolas

O processo de formação derivacional é o resultado da formação de palavras ou dos sinais-termo, por trabalhar a construção dos elementos mórficos na constituição da morfologia. Felipe (2006, p. 201) explica em seu estudo o processo de formação de palavras:

Nos estudos sobre os processos de formação de palavras (composição, aglutinação, justaposição e derivação), as línguas são sempre apresentadas em relação aos seus morfemas lexicais (raízes/radicais) que se prendem a morfemas gramaticais formantes (desinências e vogais temáticas) e/ou a derivacionais (afixos e clíticos).

Assim sendo, também na presente dissertação os morfemas lexicais são a derivação no processo de formação por radical, prefixo e sufixo dos termos dos

equipamentos agrícolas. O primeiro – o elemento que vem antes do radical – identifica o começo da derivação em LP e depois, o segundo recurso – partícula agregada após o radical –, explica o final para a LSB porque inicialmente é preciso entender o conceito do termo para depois compreender as inúmeras possibilidades de derivação. A seguir, a descrição de derivação.

Derivação é o processo de formação de palavras novas, a partir de outras já existentes (primitivas). Por exemplo:

Tabela 11 – Palavras primitivas e derivadas

<b>PALAVRA PRIMITIVA</b>	<b>PALAVRA DERIVADA</b>
adubo	adubadeira, adubadora
planta	plantadeira, transplantadeira

Fonte: Elaborado pela autora.

‘Adubo’ e ‘planta’, por exemplo, possuem sentido completo, por isso não precisam de outras unidades morfológicas para serem compreendidas. Portanto, ao se acrescentar um sufixo ou um prefixo a esses vocábulos, são formados novos verbetes. Em síntese, as palavras primitivas são adubo e planta e as derivadas, as demais. Gonçalves (2011, p. 55) aclara esse assunto:

Com a derivação, não ocorre o mesmo. ‘Vender’, ‘vendedor’, ‘venda’ e ‘vendável’ não constituem variações formais de uma mesma palavra: são itens lexicais distintos, embora relacionados porque apresentam a mesma raiz. O resultado da derivação é uma nova palavra, dada a grande relevância semântica dos afixos para o significado da base.

É por isso que as palavras com categorias gramaticais diferentes apresentam significados divergentes para formar as novas palavras por meio da derivação. O processo de derivação organiza o resultado da formação de palavras sobre os elementos mórficos: radical, prefixo, sufixo, vogais e consoantes de ligação e palavra formada dos termos de equipamentos agrícolas (tabela 12).

Tabela 12 – Organização da formação de palavras sobre os equipamentos agrícolas

Nº	PREFIXO	RADICAL	VOGAIS E CONSOANTES DE LIGAÇÃO	SUFIXO	PALAVRA FORMADA
1		adub	+a+d	+eira	adubadeira
2		adub	+a+d	+ora	adubadora
3		colh	+e+d	+eira	colhedeira
4		colh	+e+d	+ora	colhedora
5		colheit	+a+d	+eira	colheitadeira
6	en+	fard	+a+d	+eira	enfardadeira
7	en+	fard	+a+d	+ora	enfardadora
8		plant	+a+d	+eira	plantadeira
9		plant	+a+d	+ora	plantadora
10	trans+	plant	+a+d	+eira	transplantadeira
11	trans+	plant	+a+d	+ora	transplantadora
12		seme	+a+d	+eira	semeadeira
13		seme	+a+d	+ora	semeadora

Fonte: Elaborado pela autora.

A tabela 12 tem quatro derivações: sufixal, prefixal, sufixo e prefixo, e parassintética. Assim, os sentidos sufixais e prefixais são descritos da seguinte maneira:

(i) **Derivação prefixal ou Prefixação:** os prefixos de origem latina e de origem grega apresentam as palavras na língua portuguesa existente. Os prefixos divergentes atribuem os sentidos diferentes: afastamento, duplicidade, anterioridade etc.

Tabela 13 – Prefixos de origem latina

PREFIXO	SENTIDO	PALAVRA FORMADA	FONTE
trans-	além de, através de, passar de um lugar a outro, intensidade.	transplantadora; transplantadeira	Bechara (2009)
en-	movimento para dentro, passagem para um estado ou forma, guarnecimento, revestimento.	enfardadora; enfardadeira	Bechara (2009)

Fonte: Elaborado pela autora.

Os prefixos trans- e en- encontrados em Bechara (2009) possuem origem latina do sentido. Mas, o mesmo prefixo en- foi encontrado na Grécia – veja a tabela 13. As duas

origens, latina e grega, são semelhantes e combinam com os conceitos das máquinas enfardadora e enfardadeira. O prefixo en- usado nas palavras significa, por exemplo, ‘a máquina colhe as palhas com o movimento para dentro de seu reservatório, arruma o rolo de fardo até ficar cheio e o joga de dentro para fora.’ Aquele prefixo trans- da palavra ‘transplantadeira’, significa, por exemplo: o agricultor coloca uma muda de planta dentro de um tubo da máquina, que a insere dentro da terra’.

Tabela 14 – Prefixos de origem grega

PREFIXO	SENTIDO	EXEMPLIFICAÇÃO	FONTE
en-	dentro	enfardadora; enfardadeira	Sacconi (1990)

Fonte: Elaborado pela autora.

(ii) **Derivação sufixal:** ocorre quando se adiciona um sufixo a um radical ou a uma palavra primitiva. O sufixo, acrescentado depois do radical, pode alterar o seu sentido e até forma uma nova palavra com um significado próprio. Os sufixos originam novos substantivos, adjetivos, advérbios e verbos na língua portuguesa e, a partir de uma única palavra, podem surgir vários sentidos. A tabela 15 mostra os sufixos nominais dos termos de equipamentos agrícolas -eiro(a) e -(d)or; respectivamente, formam substantivo de outro substantivo e substantivo de verbo por sentido, palavra formada e fonte.

Tabela 15 – Sufixos nominais

SUFIJO	SENTIDO	PALAVRA FORMADA	FONTE
<b>FORMA: SUBSTANTIVO DE OUTRO SUBSTANTIVO</b>			
-eiro(a)	objeto de uso	adubadeira, colhedeira, colheitadeira, enfardadeira, plantadeira, transplantadeira, semeadeira	Cunha e Cintra (2008)
<b>FORMA: SUBSTANTIVO DE VERBO</b>			
-(d)or	instrumento da ação	adubadora, colhedora, enfardadora, plantadora, transplantadora, semeadora	Cunha e Cintra (2008)

Fonte: Elaborado pela autora.

Esses sufixos -eiro(a) e -(d)or possuem significados semelhantes como materiais, ou seja, palavras formadas para representar os equipamentos agrícolas, tais como as

máquinas e os implementos agrícolas. Aquele sufixo -(d)or pode variar quanto ao gênero masculino ou feminino -(d)or(a)<sup>7</sup>. De acordo com Borba (2003),

O sufixo -or, variante -dor, une-se a bases verbais para formar (i) nomes agentivos [falador, bebedor, gastador, cantor, feitor, cultor]; (ii) nomes instrumentais [borrifador, ventilador, abanador, prendedor]; (iii) nomes locativos [corredor, carreador]. [...] Cada um desses valores só é identificado contextualmente porque é muito comum que cada forma tenha pelo menos dois deles. [...] Ex.: abanador [1. Instrumento para abanar; abono: de abanador não mão abanando a cara do morto (SD) e 2. quem abana: humildes trabalhadores urbanos: ciscadores, abanadores (PHM)] (BORBA, 2003, p. 107-108).

Diante disso, a palavra ‘colhedora’ e todas as outras também com sufixos -ora têm dois significados diferentes: por pessoa e seu gênero, e por instrumento. Esse gênero feminino não apareceu assim -ora nos repertórios on-line, apenas a forma -or. Em detalhes, os sufixos -ora e -or podem ser especificados como os termos ‘colhedora’ (pessoa feminina) ou/e ‘colhedor’ (pessoa masculina), bem como no contexto frasal: ‘A colhedora trabalha para colher o cultivo’ (pessoa, gênero feminino); ‘A colhedora de cana usa a máquina que colhe o cultivo de cana’ (instrumento). Em resumo, um único termo, ‘colhedora’, por causa de contextos diferentes, possui conceitos distintos também. Assim, o significado é o mesmo e o conceito diferente – isso se chama semântica conceitual.

**(iii) Derivação prefixal e sufixal:** significa que o radical ou a palavra primitiva recebem acréscimo simultâneo de prefixo e de sufixo para formar uma nova palavra derivada. Veja o exemplo na tabela 16.

Tabela 16 – Derivação prefixal e sufixal

PREFIXO	PALAVRA PRIMITIVA	VOGAIS E CONSOANTES DE LIGAÇÃO	SUFIXO	PALAVRA FORMADA
trans	plant	+ a + d	eira	transplantadeira

Fonte: Elaborado pela autora.

Além da descrição de Borba (2003), fica claro que outras palavras também existem separadamente e com sentidos próprios, a partir da presença dos afixos trans- e -eira: ‘transplanta’ e ‘plantadeira’.

<sup>7</sup> O uso dos parênteses “( )” serve justamente para passar a ideia de combinação de possibilidades de gênero e de número da referida palavra.

(iv) **Derivação parassintética:** significa que o radical recebe acréscimo de prefixo e de sufixo, de forma que a palavra não exista sem sufixo ou prefixo. Veja o exemplo na tabela 17.

Tabela 17 – Derivação parassintética

<b>PREFIXO</b>	<b>PALAVRA PRIMITIVA</b>	<b>VOGAIS E CONSOANTES DE LIGAÇÃO</b>	<b>SUFIXO</b>	<b>PALAVRA FORMADA</b>
en	fard	+ a + d	eira	enfardadeira

Fonte: Elaborado pela autora.

Conforme apresentado detalhadamente, ‘enfarda’ e ‘fardadeira’ não existem, tampouco seus respectivos sentidos para poder remover o prefixo ou sufixo dessas palavras. Esse caso contrário à derivação prefixal e sufixal é conhecido como derivação parassintética.

No caso da tabela 12, há somente um dos elementos mórficos: as vogais e as consoantes de ligação, que não são equivalente na LSB porque nessa língua de sinais não existem os sons da pronúncia da palavra presentes em LP; ou seja, as mãos não falam em sons.

Ao final do processo de formação derivacional em LP, cada um dos radicais adub-, colh- e colheit-, fard-, plant- e seme-, combinados com os sufixos -ora e -eira, contém os mesmos significados (tabela 15) – essa tabela de sufixos nominais apresenta todos os termos com os sufixos ‘-eira’ e ‘-ora’. Além disso, a hipótese da pesquisa, que enunciou os termos ‘colheitadeira’ e ‘colhedora’, revela que nesse aspecto os significados são os mesmos – colher a plantação – e os conceitos diferentes, pois são máquinas de modelos distintos – colheitadeira tem duas plataformas (implementos): de grãos e de milho. A plataforma de grãos, acoplada em frente à máquina colheitadeira, pode ser retirada e, no mesmo lugar colocar a plataforma de milho. O conceito de colhedora significa não ter o implemento, e ser automotriz ou autopropelida, que é a máquina fixa como colhedora do café, colhedora de algodão, colhedora de cana e colhedora de forragem.

Na tabela 12, de organização da formação das palavras, todos os radicais são substantivos. Os mesmos radicais para adub-, colh- e colheit-, fard-, plant- e seme- formam palavras diferentes por causa do prefixo e do sufixo. Contudo, os radicais colh- e colheit- são palavras diferentes, mas os significados dos radicais são mesmos, bem como

as categorias gramaticais, ou seja, substantivos. Portanto, a diferença está na própria forma do radical colh-, que pode ser verbo por derivação regressiva.

Essa derivação é também um processo de formação de palavras e significa remover o -r final dos verbos para formar substantivos a partir de verbos. Por exemplo: adubar → adubo, plantar → planta etc. – são chamados de substantivos deverbais. O radical colheit-, que poderia ser o verbo ‘colheitar’ (mas não existe essa palavra), ao formar a palavra ‘colheitadeira’, tenta fazer a função de elemento mórfico na estrutura da palavra: colh + eita + d + eira; respectivamente, colh- é radical, eita- é apenas uma parte do elemento que não tem forma, d- é consoante de ligação e -eira é sufixo.

A criação da palavra ‘colheitadeira’, conforme Hoauiss (2009) que escreve sobre etimologia desta palavra, é: “rad. de \*colheitado, part. de \*colheitar (de colheita + -ar) + eira”. Assim, a descrição dessa palavra é: colheitado é particípio passado do verbo, por exemplo, arroz colheitado que pode ser usado como adjetivo, e colheitar, do verbo ‘-ar’, é desinência de infinitivo.

Na tabela 12, somente a categoria gramatical é substantivo (colheita) – nesse caso, o restante dos termos podem ser verbos, menos o substantivo colheita. Essa observação mostra que não há modo de padronizar todos os termos por causa dos diferentes substantivos e verbos. Por isso, acolitam todos os substantivos corretos na tabela 12.

Em resposta ao que foi indagado na hipótese da pesquisa, os significados dos termos são os mesmos e não diferentes; os conceitos, no entanto, são diferentes e não são iguais. Contudo, as palavras divergentes com os mesmos significados, mas conceitos diferentes são assim por comporem vários instrumentos e objetos de equipamentos agrícolas. Portanto, esses conceitos diferentes existem principalmente por causa da representação visual dos modelos de máquinas diferentes.

O processo de formação derivacional em LSB possibilita a formação dos sinais-termo por meio da constituição morfológica. Esse conceito “desenvolvido por Faulstich (2016), é uma inovação no campo da linguística da língua de sinais, pois reconhece o processo de conceituar termos técnicos e específicos na LS”, conforme Tuxi (2017, p. 64). Ou seja, a constituição linguística estabelece os detalhes dos parâmetros da LSB para a formação dos sinais-termo na área específica de equipamentos agrícolas.

A respeito disso, Faria-Nascimento (2009, p. 95) explica o começo da construção terminológica no processo de criação de sinais-termo:

A análise dos processos derivacionais permitiu perceber que os termos analisados são basicamente construídos: (i) a partir de dois formativos (presos) – um formativo que tem estatuto morfológico com valor de base realizado pela mão passiva sobre o qual é agregado outro morfema. Esse formativo traz informação semântica genérica que possibilita a construção de um grupo de palavras de um mesmo campo semântico. O formativo que está sendo designado por morfema traz a informação semântica que vai especificar o termo. Esse formativo tem um estatuto morfêmico com valor de afixo. Dada a simultaneidade de articulação da LSB, esse formativo não será tratado nem por prefixo, nem por sufixo, nem por infixos; será tratado apenas por afixo; (ii) a partir de um formativo preso associado a um morfema livre.

Assim, a descrição mostra como trabalhar a análise dos processos derivacionais sobre os morfemas lexicais para o resultado de formação dos sinais-termo. A autora Prometi (2020, p. 109) explica a criação dos sinais-termo na morfologia da LSB:

Criação da base morfológica que gera o morfema-base junto com outros elementos paramétricos, que são a base fonológica necessários para criar sinais-termo conceituais sob o mesmo conceito de sinais-termo já existentes.

A construção de criação dos sinais-termo de equipamentos agrícolas com conceitos visuais segue com base-morfológica dos elementos paramétricos. Essa afirmação complementa a hipótese da pesquisa sobre os conceitos diferentes e mesmos significados para a criação dos sinais-termo colhedora e colheitadeira na formação derivacional. Além disso, o restante dos termos de equipamentos agrícolas também pode ser criado com base no mesmo parâmetro porque, como verificado na coleta de dados, não existem esses sinais-termo.

A explicação de base morfológica é a configuração de mão do morfema-base. O esclarecimento da descrição dessa base morfológica dos sinais-termo, segundo Prometi (2020, p. 110) é:

A maioria das bases morfológicas dos sinais-termo musicais deriva do mesmo morfema-base, da mesma CM. À vista disso, Campello (2011, p. 83) menciona que a derivação corresponde à “criação de um sinal a partir de outro”. No caso de BATERIA, por exemplo, este sinal-termo possui uma base morfológica, isto é, as partes que o compõem são morfemas-base e a base fonológica que, quando derivam, mostram novos conceitos.

Também, outra explicação de base fonológica é a constituição dos elementos paramétricos, de acordo com Prometi (2020, p. 108), que argumenta sobre base morfológica e base fonológica.

A base morfológica do sinal-termo é constituída por elementos mórficos como o morfema-base, que ativa e funciona também como auxiliar na constituição da

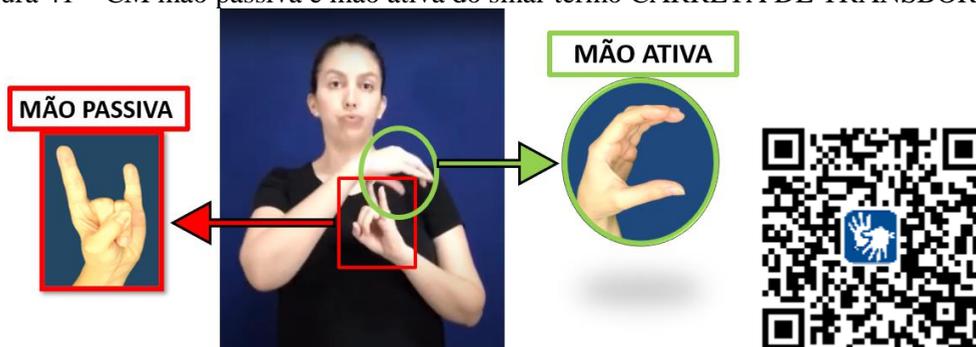
base fonológica que são os elementos paramétricos – CM, M, Or, PA e ENM – e cria acepção bem determinada de um sinal-termo, em que os elementos paramétricos, que são a constituição morfológica do novo sinal de especialidade, resultam em um significado lexical do sinal-termo, ou seja, a simbolização do referente, uma combinação de elementos para a acepção do próprio sinal-termo correspondente.

Essas bases fonológica e morfológica se juntam aos elementos paramétricos e mórficos em LSB para criar os sinais-termo dos equipamentos agrícolas, que apresentam mãos passivas e ativas. Em detalhes, a mão esquerda é passiva e a mão direita é ativa para ser possível entender visualmente o morfema-base e o morfema livre, respectivamente, como base morfológica e base fonológica. Pois, assim, se evita a confusão na compreensão dos sinais-termo.

A constituição fonológica das configurações de mãos dos sinais-termo CARRETA DE TRANSBORDO, na figura 41, apresenta duas mãos que exibem a mão passiva no quadrado e a mão ativa no círculo. A respeito disso, Prometi (2020) mostra que a mão passiva fica parada e sem movimentos, e a mão ativa não fica parada e com movimentos. Assim, os detalhes da constituição fonológica das mãos dos equipamentos agrícolas, na figura 41 são: a mão passiva é o cilindro hidráulico de elevação que apoia o elevador da carreta, e a mão ativa é a carreta elevada pelo cilindro hidráulico de elevação, que empurra o cultivo – milho, soja etc. – para a outra carreta do caminhão. Assim, o esclarecimento dos detalhes sobre mãos ativa e passiva, de acordo com Faria-Nascimento (2009) é:

Nessa construção, a **mão passiva**, que em muitos estudos sobre as LS é analisada simplesmente como mão de apoio para a construção de uma UL ou de uma UT, quando em função de morfema-base, carrega uma informação semântica fundamental à expansão lexical e terminológica da LSB, especialmente no que diz respeito à constituição dessas unidades que partilham campos semânticos idênticos ou semelhantes (FARIA-NASCIMENTO, 2009, p. 95).

Figura 41 – CM mão passiva e mão ativa do sinal-termo CARRETA DE TRANSBORDO



Fonte: Elaborado pela autora.

Em complemento à análise de formação dos sinais-termo no processo derivacional, Faria-Nascimento (2009, p. 97) relata: “resultado de derivações prefixais, ou seja, à base associa-se a outra mão com CM, OP, PA e os demais parâmetros: Mov, EF e EC para constituir a nova UL ou UT”. A figura 40, das cinco CMs do morfema-base, são usadas na base fonológica dos termos de equipamentos agrícolas (tabela 18).

Tabela 18 – Base morfológica e base fonológica dos termos dos equipamentos agrícolas

<b>BASE MORFOLÓGICA + BASE FONOLÓGICA</b>
1- ARADO DE AIVECA
2- ARADO DE DISCO
3- ARADO SUBSOLADOR
4- COLHEDORA DE CANA
5- COLHEDORA DE FORRAGEM
6- COLHEITADEIRA DE GRÃOS
7- COLHEITADEIRA DE MILHOS
8- ENFARDADORA CILÍNDRICA
9- ENFARDADORA PRISMÁTICA
10- PIVÔ CENTRAL FIXO
11- PIVÔ CENTRAL LINEAR
12- TRATOR DE ESTEIRA
13- TRATOR DE PNEUS

Fonte: Elaborado pela autora.

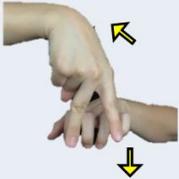
Os termos expostos na tabela 18 são substantivos com especificadores como base morfológica e base fonológica.

A formação derivacional dos sinais-termo COLHEDORA DE CANA e COLHEITADEIRA DE GRÃOS, com conceitos diferentes, como foi explicado na hipótese da pesquisa, é apresentada na figura 42. Assim, COLHEDORA DE CANA apresenta uma CM do morfema-base como radical/raiz junto à base fonológica com elementos paramétricos: CM, M, PA, Or e EFC para a formação derivacional do sinal-termo.

Sobre o radical/raiz, Felten (2017, p. 64) afirma que “Faria-Nascimento (2009), nos estudos de análise sobre mecanismos de criação, analisa a constituição de novos sinais pelo processo de derivação com base na raiz”, por exemplo, a comparação da derivação da LP e da LSB: o radical/raiz, como CM do morfema-base, recebe prefixo e sufixo como base fonológica.

A figura 42 mostra o conceito de máquina de colher da seguinte maneira: os dedos da mão representam o extrator secundário na saída do cultivo de cana com o polegar da mão como CM do morfema-base; a CM da base fonológica, por sua vez, mostra o conceito que são os divisores de linhas, expressos pelos dedos indicador e médio com o movimento circular, que colhe a cana-de-açúcar.

Figura 42 – Formação derivacional do sinal-termo COLHEDORA DE CANA

BASE MORFOLÓGICA	BASE FONOLÓGICA		FORMAÇÃO DERIVACIONAL DO SINAL-TERMO
<p>CM DO MORFEMA-BASE:</p> 	<p>CM:</p> 	<p>M:</p> 	<p>TERMO: COLHEDORA DE CANA</p>   
	<p>PA:</p> 	<p>Or:</p> 	
	<p>EFC:</p> 		

Fonte: Elaborado pela autora.

Na figura 43, o sinal-termo COLHEITADEIRA DE GRÃOS apresenta a CM do morfema-base na base morfológica junto à CM do morfema-livre na base fonológica e acrescenta os elementos paramétricos M, PA, Or e EFC para a formação derivacional do sinal-termo. A descrição do conceito de CM do morfema-base é a máquina de colher em dedos da mão, com o extrator secundário no polegar. Assim, é o mesmo conceito da CM da base morfológica do sinal-termo COLHEDORA DE CANA. Portanto, a comparação do sinal-termo COLHEDORA DE CANA sobre a formação derivacional com o conceito da CM do morfema-livre, que são os dedos da mão como divisores de linha, mostra a diferença do conceito fonológico da base da CM do sinal-termo COLHEDORA DE CANA.

Figura 43 – Formação derivacional do sinal-termo COLHEITADEIRA DE GRÃOS



Fonte: Elaborado pela autora.

No caso do sinal-termo PIVÔ CENTRAL REBOCÁVEL, na figura 44, a primeira CM é um morfema-preso – TORRE CENTRAL – junto à CM do morfema-livre LANCE DE CANALIZAÇÃO. Em seguida, aparece esse mesmo morfema-base TORRE MÓVEL – pode movimentar sem o morfema-preso para outros lugares por causa do conceito. Assim, quebra a regra dos morfema-base e morfema-livre. Além disso, não foram encontradas as referências desses morfemas.

Figura 44 – Sinal-termo PIVÔ CENTRAL REBOCÁVEL



Fonte: Elaborado pela autora.

A lexicologia especializada ou de especialidade ou terminologia em LSB dos equipamentos agrícolas é o conceito visual da base morfológica e da base fonológica no processo de formação derivacional para o registro com especialistas lexicógrafos e terminógrafos. O registro completo dos sinais-termo está apresentado na obra Léxico Bilíngue (LP-LSB) de Sinais-termo de Equipamentos Agrícolas, no capítulo 5. A partir do próximo capítulo, será detalhada a metodologia da pesquisa.

---

## CAPÍTULO 4 - METODOLOGIA DA PESQUISA

---

### 4.1. Tipo de pesquisa

O tipo da pesquisa adotado para essa dissertação possui duas abordagens: qualitativa e descritiva, respectivamente, é a interação com participantes da área de equipamentos agrícolas para aceitar a validação da criação de sinais-termo e compreender os conceitos visuais e é explicar a descrição dos procedimentos científicos dos sinais-termo sobre os aspectos linguísticos. Assim será elaborada a obra de léxico bilíngue: LP-LSB de sinais-termo de equipamentos agrícolas.

### 4.2. Público-alvo da pesquisa

O público-alvo da pesquisa são os funcionários Surdos da Fábrica John Deere (interno), técnico em agronegócio Surdo (externo), agricultor Surdo (externo), engenheiros agrônomos não-surdos (externo) e todos aqueles interessados – profissionais da área técnica ou não – nesse conteúdo em todo país e no mundo. Vale ressaltar que os funcionários Surdos já fizeram o curso técnico com o ensino dos novos sinais-termo das máquinas e implementos agrícolas – até trabalham na fábrica com esses equipamentos; um agricultor Surdo, por exemplo, tem muita experiência no uso das máquinas e dos implementos agrícolas no campo de cultivo.

### 4.3. Procedimentos metodológicos

Neste capítulo, são descritos em detalhes o processo de metodologia. Na pesquisa sobre a terminologia de equipamentos agrícolas em LP e LSB, como bilíngue, a pesquisadora procurou primeiro os termos em LP, depois os conceitos e os significados dos termos e, por fim, os sinais-termo já existentes ou usados na área de equipamentos agrícolas no *corpus* analisado. Em seguida, são analisadas as duas línguas como bilíngue: LP e LSB sobre os termos e os sinais-termo.

A pesquisa teve como base a obra “Glossário de Termos em Atividades Agropecuárias, Florestais e Ciências Humanas” (ORMOND, 2006), que tem alguns

termos dos equipamentos agrícolas em LP. Contudo, não existe obra com termos completos em Libras para Surdos sobre esse tema. É por isso que o projeto dessa dissertação se dispõe a adaptar para a LSB os termos em LP e criar nessa LS os sinais-termo dos equipamentos agrícolas, ou seja, organizar um léxico especializado para esses objetos concretos que, na gramática, constam na categoria dos nomes, dos substantivos – concretos e não abstratos.

Pode ser que no futuro, os trabalhadores Surdos não tenham mais barreiras de acessibilidade comunicacional, se houver mais sinais-termo validados e registrados oficialmente. Atualmente, esse projeto é mais um material que se propõe a elaborar um léxico bilíngue dos sinais-termo de equipamentos agrícolas para ser usado nos cursos técnicos e superiores de fábricas, empresas, lojas e outros lugares que tenham alguma relação com o assunto em questão.

O passo a passo das etapas da metodologia do projeto é apresentado na tabela 19. A tabela mostra as características principais em três colunas: (1) ETAPAS – ordem de cada uma das etapas de execução do trabalho; (2) PROCEDIMENTOS – processo do projeto realizado pela pesquisadora; e (3) QUEM PARTICIPOU COM A PESQUISADORA – indicação de quem fez parte da equipe de estudo. A seguir, a descrição de cada aspecto mencionado.

Tabela 19 - Processo das etapas da metodologia do projeto do léxico bilíngue

<b>ETAPAS</b>	<b>PROCEDIMENTOS</b>	<b>QUEM PARTICIPOU COM A PESQUISADORA</b>
<b>1<sup>a</sup></b>	Selecionar os termos em língua portuguesa dos equipamentos agrícolas;	-
<b>2<sup>a</sup></b>	Analisar os conceitos e/ou os significados dos termos selecionados em língua portuguesa;	-
<b>3<sup>a</sup></b>	Coletar os sinais-termo já existentes e usados;	
<b>4<sup>a</sup></b>	Analisar se os sinais-termo correspondem aos conceitos em LSB;	
<b>5<sup>a</sup></b>	Criar os sinais-termo para equipamentos agrícolas;	Equipe com pesquisadores de Lexicologia e Terminologia da LSB
<b>6<sup>a</sup></b>	Organizar vídeos, imagens de objetos e fotos de sinais-termo em LSB;	
<b>7<sup>a</sup></b>	Organizar os vídeos com <i>QR Code</i> ;	
<b>8<sup>a</sup></b>	Organizar a microestrutura do léxico bilíngue: LP-LSB com fotos de sinais-termo, imagens de objetos e imagens de <i>QR Code</i> ;	
<b>9<sup>a</sup></b>	Validar os sinais-termo criados;	Participantes da área de equipamentos agrícolas do público-alvo
<b>10<sup>a</sup></b>	Elaborar o registro da nova obra do léxico bilíngue	

de sinais-termo de equipamentos agrícolas validados e criados para a validação final de uso social.	
---	--

#### 4.4. Seleção dos termos em português para a criação dos sinais-termo dos equipamentos agrícolas

Na primeira etapa, o início do processo, a pesquisadora selecionou os termos em LP dos equipamentos agrícolas no *corpus* para verificar quais são os mais usados nas obras registradas na pesquisa bibliográfica: dicionários, glossários, manuais técnicos, apostilas, livros e materiais didáticos. Em seguida, verificou os significados e os conceitos desses termos em LP usados nestas obras. Veja a lista:

- Dicionário Houaiss (HOUAISS, 2009);
- Dicionário Aulete Digital (AULETE, 2020);
- Glossário de Termos Usados em Atividades Agropecuárias, Florestais e Ciências Ambientais (ORMOND, 2006);
- Manual de Termos Técnicos em inglês utilizados na área agrícola (PAULA e LOPES, 2015);
- NR-12 – Segurança no trabalho em máquinas e equipamentos (NR-12, 2019); e
- Técnico em Agropecuária: Mecanização agrícola (YAMASHITA, 2016).

Após a análise dos termos dos equipamentos agrícolas no *corpus* dessa lista de materiais, foram selecionados 44 termos. Veja na tabela 20.

Tabela 20 - Termos dos equipamentos agrícolas escolhidos em LP no *corpus*

ORDEM	TERMOS	ORDEM	TERMOS
1	adubadeira automotriz	23	enleirador de palha
2	adubadeira tracionada	24	grade aradora
3	adubadora automotriz	25	grampo de fardos
4	adubadora tracionada	26	guincho big-bag
5	arado de aiveca	27	lâmina frontal
6	arado de disco	28	pivô central fixo
7	arado subsolador	29	pivô central rebocável
8	carreta de transbordo	30	pivô linear
9	carreta graneleira	31	plantadeira de cana
10	coletor de fardos	32	plantadeira de grãos
11	colhedora de algodão	33	plantadora de cana
12	colhedora de café	34	plantadora de grãos
13	colhedora de cana	35	plataforma de grãos

<b>14</b>	colhedora de forragem	<b>36</b>	plataforma de milho
<b>15</b>	colhedora de grãos	<b>37</b>	pulverizador autopropelido
<b>16</b>	colhedora de milho	<b>38</b>	retroescavadeira
<b>17</b>	colheitadeira de grãos	<b>39</b>	semeadeira
<b>18</b>	colheitadeira de milho	<b>40</b>	semeadora
<b>19</b>	enfardadeira cilíndrica	<b>41</b>	transplantadeira de mudas
<b>20</b>	enfardadeira prismática	<b>42</b>	transplantadora de mudas
<b>21</b>	enfardadora cilíndrica	<b>43</b>	trator de esteira
<b>22</b>	enfardadora prismática	<b>44</b>	trator de pneus

Fonte: Elaborado pela autora.

Essa tabela dos termos completos selecionados em LP no *corpus* é dividida em três grupos: máquinas agrícolas, implementos agrícolas e irrigação. Os veículos agrícolas têm 14 termos, que são usados em máquinas automotrizes, montadas e de arrasto; respectivamente, são passíveis de fazer todas as atividades que envolvem a colheita, são tracionadas por meio de tratores agrícolas, e são que capazes de ter um motor apoiado ou até podem ser tracionadas por um trator (tabela 21). Os implementos agrícolas são 27 termos de equipamentos acoplados a um sistema de tração, como tração dos tratores, para apoiar a potencialização da atividade agrícola (tabela 22). Por fim, a irrigação tem três termos, que compõem o conjunto de técnicas que une práticas e meios para regar de forma artificial as plantas (tabela 23).

Tabela 21 – Termos de máquinas agrícolas

<b>ORDEM</b>	<b>TERMOS</b>	<b>ORDEM</b>	<b>TERMOS</b>
<b>1</b>	adubadeira automotriz	<b>8</b>	colhedora de milho
<b>2</b>	adubadora automotriz	<b>9</b>	colheitadeira de grãos
<b>3</b>	colhedora de algodão	<b>10</b>	colheitadeira de milho
<b>4</b>	colhedora de café	<b>11</b>	pulverizador autopropelido
<b>5</b>	colhedora de cana	<b>12</b>	retroescavadeira
<b>6</b>	colhedora de forragem	<b>13</b>	trator de esteira
<b>7</b>	colhedora de grãos	<b>14</b>	trator de pneus

Fonte: Elaborado pela autora.

Tabela 22 – Termos de implementos agrícolas

<b>ORDEM</b>	<b>TERMOS</b>	<b>ORDEM</b>	<b>TERMOS</b>
<b>1</b>	adubadeira tracionada	<b>15</b>	grampo de fardos
<b>2</b>	adubadora tracionada	<b>16</b>	guincho big-bag
<b>3</b>	arado de aiveca	<b>17</b>	lâmina frontal
<b>4</b>	arado de disco	<b>18</b>	plantadeira de cana

<b>5</b>	arado subsolador	<b>19</b>	plantadeira de grãos
<b>6</b>	carreta de transbordo	<b>20</b>	plantadora de cana
<b>7</b>	carreta graneleira	<b>21</b>	plantadora de grãos
<b>8</b>	coletor de fardos	<b>22</b>	plataforma de grãos
<b>9</b>	enfardadeira cilíndrica	<b>23</b>	plataforma de milho
<b>10</b>	enfardadeira prismática	<b>24</b>	semeadeira
<b>11</b>	enfardadora cilíndrica	<b>25</b>	semeadora
<b>12</b>	enfardadora prismática	<b>26</b>	transplantadeira de mudas
<b>13</b>	enleirador de palha	<b>27</b>	transplantadora de mudas
<b>14</b>	grade aradora		

Fonte: Elaborado pela autora.

Tabela 23 – Termos de irrigação

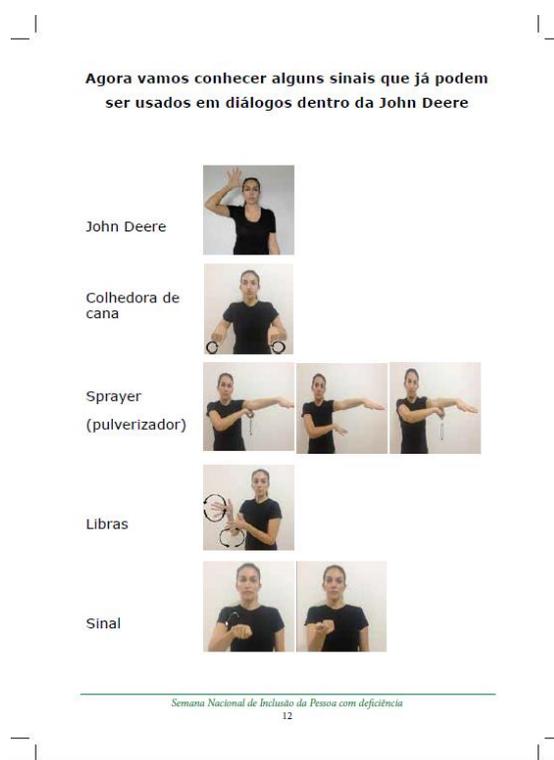
<b>ORDEM</b>	<b>TERMOS</b>
<b>1</b>	pivô central fixo
<b>2</b>	pivô central rebocável
<b>3</b>	pivô linear

Fonte: Elaborado pela autora.

E a próxima etapa é a análise dos significados e/ou dos conceitos dos termos selecionados. Assim, na segunda etapa, são verificados os conceitos e/ou significados dos termos selecionados em LP – a pesquisadora estudou e analisou esses dados nos materiais e links informados na primeira etapa. Desse modo, foi possível verificar se os dados em questão combinam com as representações visuais dos sinais-termo criados para os Surdos entenderem. Portanto, é importante que os principais conceitos visuais estejam presentes nos sinais-termo. Em complemento, adicionou imagens dos objetos, fotos e vídeos dos sinais-termo validados no registro do léxico.

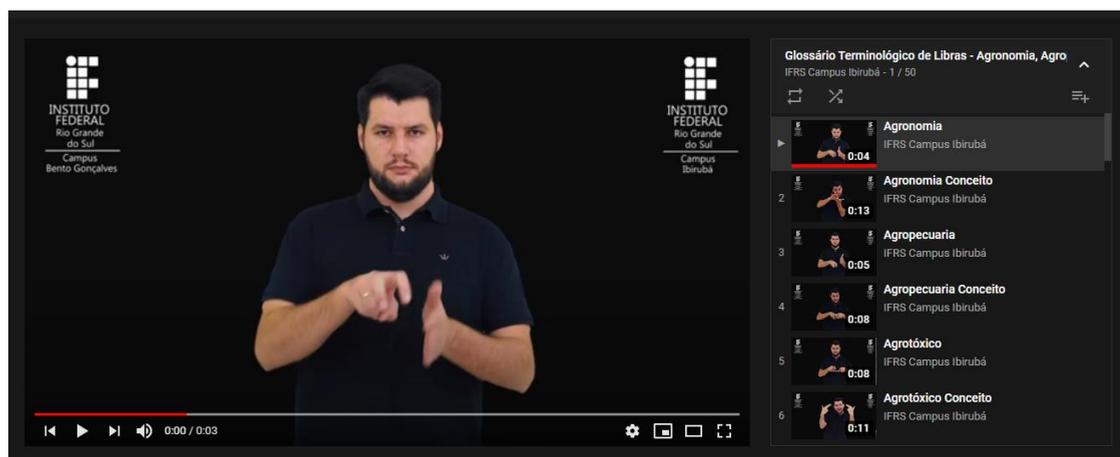
Na terceira etapa, coleta dos sinais-termo já existentes e usados, a pesquisadora os procurou nos materiais impressos e em alguns links de todo país. Foram encontrados seis sinais-termo dos equipamentos agrícolas em um material impresso e em um link do *YouTube*; respectivamente, são os dois sinais-termo registrados na miniapostila do Projeto Incluir da John Deere de Catalão, sem público (figura 45), e os quarto identificados no link do canal do *YouTube* do Glossário Terminológico de Libras - Agronomia, Agropecuária e Horticultura, IFRS Campus Ibirubá, com público (figura 46).

Figura 45 – Miniapostila do Projeto Incluir: Semana de Deficiência e de Inclusão da Pessoa com deficiência



Fonte: Almeida e Pires (2013b).

Figura 46 – Glossário Terminológico de Libras - Agronomia, Agropecuária e Horticultura, IFRS Campus Ibirubá



Fonte: IFRS Campus Ibirubá (2018).

Esses são os únicos dois repertórios coletados e encontrados, pois não há outros materiais dos sinais da área de equipamentos agrícolas – até o presente momento, são

poucos: somente seis sinais nessa área. Por isso também só foi possível escolher dois dos seis sinais – apenas os que combinam com os conceitos em LSB.

A quarta etapa analisa se os sinais-termo correspondem aos conceitos em LSB. Dos seis sinais-termo encontrados na terceira etapa, COLHEDORA DE CANA e PULVERIZADOR constavam na miniapostila do Projeto Incluir (2013) e ARADO DE AIVECA, ARADO DE DISCO, COLHEDORA e PULVERIZADOR no Glossário de Terminologia de Libras (2018). Vale destacar que um mesmo sinal-termo foi encontrado nos dois materiais: PULVERIZADOR. Na figura a seguir, estão demonstradas as particularidades em LSB registradas nas publicações.

Figura 47 – Os sinais-termo PULVERIZADOR do Projeto Incluir e do IFRS Campus Ibirubá

<b>TERMO: PULVERIZADOR</b>	
<b>IMAGEM DO OBJETO</b>	 <p>Fonte: New Holland (2020).</p>
<b>PROJETO INCLUIR</b>	
<b>IFRS CAMPUS IBIRUBÁ</b>	

Fonte: Almeida e Pires (2013b) e IFRS Campus Ibirubá (2018).

Em primeiro lugar, o conceito do termo pulverizador tem vários modelos e em nenhum dos materiais foi especificado o tipo, tampouco os sinais-termo PULVERIZADOR. Esse detalhe é necessário para saber qual é o modelo do objeto por causa do conceito visual. Somente essa palavra deixa o termo sem especificador.

Na fábrica da John Deere, ao criar a miniapostila do Projeto Incluir (ALMEIDA; PIRES, 2013), a pesquisadora apresentou o termo ‘pulverizador (*sprayer*)’ sem mostrar a imagem do objeto, porque a empresa já utilizava o termo correto “pulverizador autopropelido ou pulverizador automotriz”, que é o nome com especificador. Isso reforça que o conceito explica o detalhe do pulverizador automotriz do referido sinal-termo (ALMEIDA; PIRES, 2013), pois apresenta o braço aberto, que significa a barra de pulverização, e a palma da mão que segura e solta, como a assistência de ar na barra, ou seja, *sprayer*.

Contudo, esse sinal-termo não mostrou a escada da máquina, as barras de pulverização fixa e outros detalhes. Por isso existem os detalhes do conceito visual. O conceito do outro sinal-termo (IFRS Campus Ibirubá, 2018) também não mostra a máquina do pulverizador, a escada, as barras de pulverização e outras características do objeto. Essa mesma análise foi feita com os outros quatro sinais-termo: COLHEDORA DE CANA, das Almeida e Pires (2018), e ARADO DE AIVECA, ARADO DE DISCO e COLHEDORA, do IFRS Campus Ibirubá (2018).

Por fim, o resultado da análise desses seis sinais-termo não correspondem aos conceitos em LSB. Contudo, combinam com o léxico comum porque esses sinais não possuem o morfema-base na base morfológica. Além disso, os nomes dos termos podem oferecer parâmetros e dados para a criação de novos sinais-termo na LSB a equipes de pesquisadores de Lexicologia e de Terminologia, bem como a profissionais e/ou acadêmicos da área científica.

A seguir, a descrição das etapas do processo de criação de sinais-termo, validação, até o registro desses sinais-termo dos equipamentos.

#### **4.5. Etapas para a criação, validação e registro de sinais-termo dos equipamentos agrícolas**

As etapas para criação, validação e registro de sinais-termo dos equipamentos agrícolas são, respectivamente, pré-validação acadêmica da LSB, validação especializada e técnica dos sinais-termo e validação final de uso social. Existem três tipos de validação na área de Lexicologia e Terminologia da LSB, que são: “pré-validação acadêmica da LSB, validação especializada e técnica dos sinais-termo e validação final de uso social” (PROMETI, 2020, p. 151).

Desse mesmo modo foi realizado o passo a passo da presente dissertação. A partir do roteiro supracitado, segue a exposição da criação no próximo subcapítulo.

#### **4.5.1. Os pesquisadores da criação dos sinais-termo**

Na quinta etapa, a criação de sinais-termo para equipamentos agrícolas, a pesquisadora apresentou os termos selecionados em LP com conceitos e/ou significados para a equipe de pesquisadores de Lexicologia e Terminologia Surdos e não-surdos da área da linha da pesquisa: léxico e terminologia de Linguística, da pós-graduação do laboratório de Linguística da Libras (Núcleo VarLibras), do Laboratório de Projeto de Pesquisa, no Centro LexTerm, da UnB, e em videoconferência pela plataforma *Zoom Meetings* no período de pandemia de COVID-19 (sigla do inglês *Coronavirus Disease 2019*).

Nessa oportunidade, a pesquisadora apresentou e explicou os detalhes das imagens dos equipamentos agrícolas, dos termos, os conceitos e/ou significados nos slides no programa *Microsoft PowerPoint* para a criação de sinais-termo criados em LSB. Normalmente, essa equipe estuda, discute e pesquisa como criar um sinal-termo sobre níveis linguísticos: CM do morfema-base na base morfológica e outros elementos paramétricos na base fonológica com conceitos visuais para a formação dos sinais-termo.

Portanto, a equipe reunida conseguiu criar apenas dois sinais-termo em mais de duas horas e meia de discussão. Isso demonstra que demora e não é fácil criar sinais-termo. A equipe trabalhou e pesquisou a criação de sinais-termo até conseguir criar 34 sinais-termo e mais dez sinais-termo com remissivas em um ano e meio (de março/2019 até agosto/2020) de atividade.

A criação do sinal-termo é resultado principalmente do trabalho dos verdadeiros pesquisadores e/ou acadêmicos de Lexicologia e Terminologia. Juntos aos acadêmicos do curso de Letras-Libras, oferecem a eles, aos técnicos, funcionários, agricultores e outros da área de equipamentos agrícolas como leitores sinais-termo em obras de léxico bilíngue.

Na sexta etapa foram organizados vídeos, imagens de objetos e fotos de sinais-termo em LSB. Além disso, foram arrumados os vídeos dos sinais-termo validados por *QR Code* para assistir no Canal do *YouTube* – por motivo de mostrar os movimentos dos sinais-termo, pois evita a confusão no entendimento das direções dos movimentos quando apresentadas no material impresso. Assim, esses movimentos ajudam a visualizar como é

a direção da execução do sinal-termo para ficar mais fácil de entender o conteúdo – nessa dissertação, a gravação em vídeo foi feita por meio da câmera do *tablet* da pesquisadora;

Na edição de vídeo, é feito um *print* para copiar cada imagem dos sinais-termo validados para colar a foto na explicação dos passos de realização dos sinais na obra de léxico especializado. Também são agregadas imagens de objetos dos equipamentos agrícolas no próprio site da John Deere e de outros sites da plataforma *Google Images* para colocar no verbete da microestrutura da obra e nas fontes das imagens das referências da obra de léxico bilíngue.

Na sétima etapa foram organizados os vídeos em *QR Codes* – esse processo associa um vídeo do sinal-termo validado a um código que, quando identificado, acessa um *link* no canal do *YouTube*. Para cada vídeo de sinal-termo no *YouTube* há um código. Isso pode ser feito na plataforma *QR Code* para criar e colocar a imagem de *QR Code* no verbete da microestrutura da obra. Na obra do presente projeto, há 44 imagens de *QR Code* dos vídeos de sinais-termo validados.

Esse *QR Code* é a sigla para *Quick Response Code* em inglês que, traduzido para o português, significa Código de Resposta Rápida, e define um código de barras bidimensional. Para usar o *QR Code*, é preciso baixar o aplicativo *QR Code Reader* no smartphone ou no *tablet*; depois abrir a câmera e escanear a imagem do código QR; quando aparecer a janela do site da plataforma *YouTube*, a pessoa deve selecionar a opção para abrir o vídeo do sinal-termo para ser exibido o sinalizador do registro.

O objetivo do *QR Code*, no caso dessa dissertação, é mostrar em vídeo os elementos paramétricos como configuração de mãos (CM), movimento (M), ponto de articulação (PA), expressão facial e corporal (EFC) e orientação das mãos (OM) para esclarecer visualmente as informações do sinal-termo detalhado e evitar a confusão da forma das direções dos movimentos dos sinais-termo presentes em papel impresso.

Na oitava etapa foi organizada a microestrutura do léxico bilíngue LP-LSB com fotos de sinais-termo, imagens de objetos e imagens de *QR Code*. A microestrutura é a parte do repertório para as informações nos campos constituintes de um verbete. Por exemplo, o modelo de verbete exhibe entrada, categoria gramatical, gênero, definição, remissivas e outras informações. A explicação de Faulstich (1995, p. 10) sobre a microestrutura é: “Atente para a microestrutura do repertório. A microestrutura corresponde ao verbete pronto” e “onde ocorre a organização dos dados” (idem, p. 23).

Nesse projeto, o verbete do léxico bilíngue possui a entrada do termo, a remissiva em LP, a entrada da sequência de fotos, a imagem do *QR Code* do vídeo do sinal-termo

em LSB e a imagem do objeto. Cada verbete tem apenas duas informações em LP por ser uma obra de repertório – léxico alfabético – e três informações (imagem, foto e vídeo) em LSB – todas visuais para auxiliar na compreensão.

A microestrutura é o modelo dos tipos de estruturas diferentes para cada um dos repertórios. As informações do verbete na microestrutura dos campos constituintes da obra do léxico em LP são, de acordo com Faulstich (2010, p. 180-183):

**entrada:** Unidade linguística que possui o conteúdo semântico da expressão terminológica na linguagem de especialidade. É o termo propriamente dito, o termo principal.

[...]

**remissivas:** sistema de relação de complementaridade entre termos. Os termos remissivos se relacionam de maneiras diversas, dependendo da contiguidade de sentido. Podem ser: termos hiperônimos<sup>8</sup>, termos hipônimos<sup>9</sup> e termos conexos<sup>10</sup>.

Nesse léxico bilíngue, as remissões não são nomeadas como termos hiperônimos, termos hipônimos e termos conexos. A estrutura dos verbetes em LP apresenta a seguinte microestrutura: Verbetes = + entrada ± remissiva(s). Esses dois símbolos (+) e (±) são, respectivamente, elemento obrigatório no verbete e elemento opcional no verbete, quando houver. A entrada é a palavra; por exemplo, o consulente pode procurá-la na ordem alfabética da obra do léxico e, se não entender o significado dessa entrada principal, pode buscar os termos remissivos na entrada principal no mesmo verbete, pois trará palavras de outros verbetes na obra. A remissiva, por sua vez, mostra os termos remissivos com significados na entrada principal do léxico (termo) para os consulentes entenderem. A autora Faulstich (1993, p. 174) revela o esclarecimento de remissivas:

A remissiva é cada item léxico que possui conteúdo semântico próprio. É, formalmente, a unidade semântica contida numa definição, ou seja, aquela palavra que provoca no leitor a curiosidade de saber o que significa, para que ele possa melhor compreender o conteúdo definicional do termo-entrada. Funcionalmente, as remissões se constituem em verdadeiros trajetos de reconstituição de significados.

---

8 Hiperônimo: “Termo cujo significado inclui o significado de outros, por isso é também chamado de termo genérico. Num dicionário ou glossário, o hiperônimo é, normalmente a expressão léxica que inicia a definição” (FAULSTICH, 2010, p. 182).

9 Hipônimo: “Termo cujo significado representa uma subclasse em relação ao hiperônimo, por isso é também chamado de termo específico. Num dicionário ou glossário, o hipônimo é o termo que contribui na constituição do conteúdo da definição, por isso pode haver mais de um... A soma do conteúdo semântico do hiperônimo mais a do hipônimo delimita e distingue os conceitos na descrição do termo” (FAULSTICH, 2010, p. 182).

10 Conexo: “Termo que estabelece relação conceitual externa e estreita entre si. Num dicionário ou glossário o termo conexo surge de uma relação conceitual do termo-entrada com outro que mantenha nexos semântico imediato com ele” (FAULSTICH, 2010, p. 182).

Na remissiva da LSB, situam os termos remissivos em LP na obra do léxico bilíngue e acompanha a outra língua como LSB também. Por exemplo, o consulente procura na entrada principal e segue para os termos remissivos da entrada (remissiva) no verbete que mostra a entrada do sinal-termo (remissivo) com *QR Code* em vídeo em LSB para os Surdos entenderem e visualizarem.

Nesse projeto, o verbete na microestrutura foi preparado na seguinte ordem: imagem do objeto, entrada principal do termo, sequência de fotos do sinal-termo na entrada principal, imagem do *QR Code* em vídeo do sinal-termo e a remissiva. Esse é o modo e a descrição do modelo de microestrutura do verbete. No tópico 4.6 é apresentada a organização do léxico bilíngue (LP-LSB) dos sinais-termo dos equipamentos agrícolas.

#### **4.5.2. Validação dos sinais-termo dos equipamentos agrícolas**

Na nona etapa foram validados os sinais-termo criados. A autora Prometi (2020, p. 151) explica a pré-validação:

Na pré-validação acadêmica da LSB, os sinais-termo, depois de serem criados, passam a ser validados por pesquisadores linguistas Surdos ou não-surdos sinalizantes fluentes da LSB. Eles verificam se os sinais-termo estão de acordo com os seus níveis linguísticos, como os elementos paramétricos, a formação do sinal-termo e o contexto de uso.

Na validação especializada e técnica, Prometi (2020, p. 151) explica:

Validação especializada e técnica dos sinais-termo. Em regra, os sinais-termo passam a ser validados por estudantes ou profissionais da área técnica em questão ou do conhecimento investigado. Para isso, é preciso estar presente o lexicógrafo e o terminógrafo da LSB para validar junto com a equipe de pesquisa o sinal-termo criado de acordo com o conceito.

Essa regra é necessária para que os pesquisadores de lexicologia e terminologia trabalhem com os profissionais e/ou acadêmicos da área técnica ou científica na validação da criação dos sinais-termo. Esse estudo em conjunto indica a excelência da elaboração dos sinais-termo validados – são verdadeiros para a área de especialidade.

O processo de validação funciona da seguinte maneira: a pré-validação ocorre quando já existem os sinais-termo criados e feitos. No momento de validação desse trabalho, a pesquisadora e os participantes do público-alvo conversaram em

videoconferência pela plataforma *Zoom Meetings* no período da pandemia de COVID-19 para conversar sobre esses sinais-termo.

Na ocasião, a pesquisadora apresentou e explicou os detalhes das imagens dos equipamentos agrícolas, os termos, os conceitos e/ou significados e os sinais-termo criados em LSB nos slides do programa de *Microsoft PowerPoint* para os participantes. Até o final dos slides, eles discutiram e aceitaram a validação de 34 sinais-termo criados, acrescidos de dez sinais-termo remissivos, formando um total de 44 sinais-termo examinados – para esse registro, a pesquisadora elaborou uma ficha de validação especializada e técnica dos sinais-termo (segue no anexo 1 dessa dissertação). Essa ficha é baseada no modelo de Prometi (2020) que apresenta em ordem os nomes dos sinais-termo, concordo, não concordo e a justificativa em uma tabela.

Durante o processo de validação, a pesquisadora perguntou sobre a aceitação ou não dos participantes: eles teriam de responder concordo ou não concordo. No caso de negativa, teriam de justificar o parecer. Porém, como esperado, os participantes autorizaram o uso de todos os sinais-termo criados com unanimidade. Os comentários realizados diziam respeito à boa correspondência entre os sinais-termo e os conceitos visuais, pois serão muito úteis nos trabalhos e comunicações relacionados às máquinas nos campos de cultivo. Eles já esperam a publicação da obra do léxico bilíngue.

#### **4.5.3. Registro dos sinais-termo dos equipamentos agrícolas**

Na décima etapa foi elaborado o registro da nova obra do léxico bilíngue de sinais-termo de equipamentos agrícolas validados e criados para a divulgação da validação final de uso social. Esse registro é compartilhado em público para que os sinais-termo criados e validados prontos sejam divulgados. Segundo Prometi (2020, p. 152), “A validação final de uso social, por sua vez, ocorre quando as diferentes comunidades Surdas utilizam o sinal-termo em suas demandas comunicacionais dentro de diversos contextos sociais os quais são inseridos.”

A validação final de uso social é, na prática, a utilização dos sinais-termo pela comunidade Surda, bem como pelos fabricantes, acadêmicos, técnicos e outros trabalhadores inseridos na área de equipamentos agrícolas.

Por fim, na última e décima etapa foram registrados os sinais-termo criados, validados, finalizados e divulgados para todos os públicos.

A seguir, será apresentada a organização da obra de repertório bilíngue.

#### 4.6. Organização do léxico bilíngue (LP-LSB) dos sinais-termo dos equipamentos agrícolas

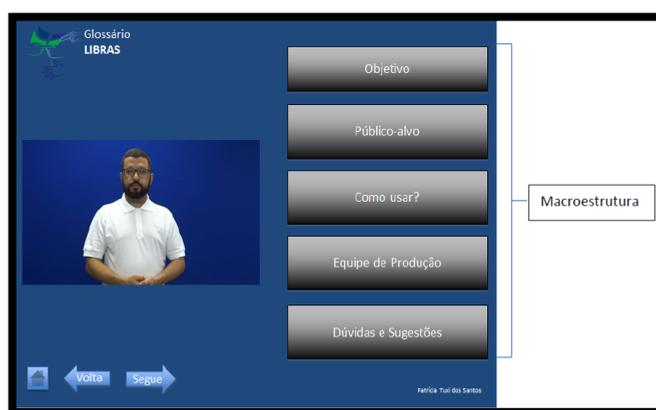
A apresentação da organização da obra nesse projeto exhibe a formação da ordem da microestrutura e da macroestrutura do léxico bilíngue LP-LSB na plataforma *Microsoft PowerPoint*, pois é a formatação em papel em impresso da obra para o uso do público.

Para iniciar a organização de uma obra, é preciso saber a informação sobre a macroestrutura dessa. Tuxi (2017) comenta sobre isso:

A macroestrutura de um dicionário ou glossário exprime o conjunto de informações gerais de identificação da obra, assim como suas respectivas orientações de uso e consulta. A macroestrutura abrange todas as partes que compõem uma obra terminográfica, a saber, o prefácio, a introdução e as especificações tanto para a forma de uso quanto para a ordem de registro (TUXI, 2017).

As regras de repertórios têm macroestruturas, pois é importante saber as informações dos repertórios de quem faz a obra, com que equipe e outros detalhes – em regra, os lexicógrafos e os termógrafos são esses responsáveis ou pelo menos fazem parte da organização. A autora Tuxi (2017) apresentou o modelo de macroestrutura em seu trabalho de doutoramento, veja:

Figura 48 – Apresentação da macroestrutura de um repertório



Fonte: Tuxi (2017).

É assim que se prepara o começo de um léxico. No caso dessa dissertação, a macroestrutura do projeto mostra a seguinte ordem: capa, autora, sumário, apresentação,

como usar esta obra, equipes, verbetes de A a Z e referências. Para cada um dos componentes da macroestrutura há uma descrição:

- (i) **Capa:** a capa exibe o nome do título da obra do repertório, o nome do(a) autor(a) e o pano de fundo, que são respectivamente, nome “Léxico bilíngue de sinais-termo de”, com o tipo de fonte da letra *Copperplate Gothic Bold*, e o outro nome separado “Equipamentos Agrícolas”, com outro tipo chamado *Jokerman*; autora Francilene Machado de Almeida; imagem em cor verde para significar o campo e a planta – pois esses termos específicos formam a letra que se assemelha à imagem das máquinas agrícolas – e, por último, no fundo, as imagens das mãos dos sinais-termo dos equipamentos agrícolas com transparência e cor marrom significam a terra. Veja a figura 49.

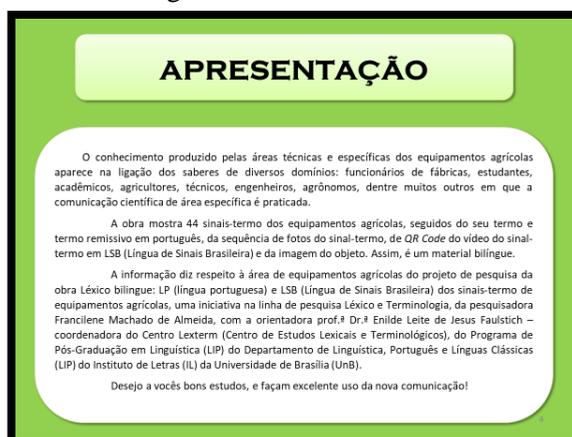
Figura 49 – Capa da obra do léxico bilíngue de sinais-termo de equipamentos agrícolas



Fonte: Elaborado pela autora.

- (ii) **Autora da obra:** a autora da obra é o perfil de experiência por formação e profissional para os consulentes conhecerem a informação sobre de quem é a obra. Apresenta o título no primeiro quadro e o perfil da autora no quadro grande logo a seguir, com pano de fundo na cor verde para lembrar o campo e a planta. Veja a figura 50:

Figura 50 – Autora da obra



Fonte: Elaborado pela autora.

- (iii) **Sumário:** a lista do sumário é a ordem de páginas do conteúdo para os consulentes procurarem a informação e a respectiva página. O pano de fundo é igual ao anterior. Veja a figura 51:

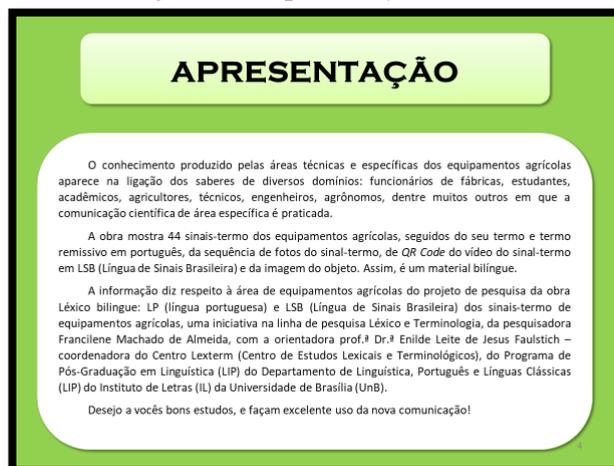
Figura 51 – Sumário da obra

<b>SUMÁRIO</b>	
Apresentação .....	4
Como usar esta obra .....	5
Equipes .....	6
Verbetes de A a Z .....	7
Referências .....	51

Fonte: Elaborado pela autora.

- (iv) **Apresentação:** a apresentação é a informação da obra para os consulentes conhecerem. Veja a figura 52:

Figura 52– Apresentação da obra



Fonte: Elaborado pela autora.

- (v) **Como usar esta obra:** apresenta as informações sobre o modelo de verbete da obra – ordem alfabética, imagem, entrada, sinal-termo, QR para vídeo do sinal-temo e remissiva – para os consulentes usarem a obra e conhecerem o significado de cada detalhe. Veja a figura 53.

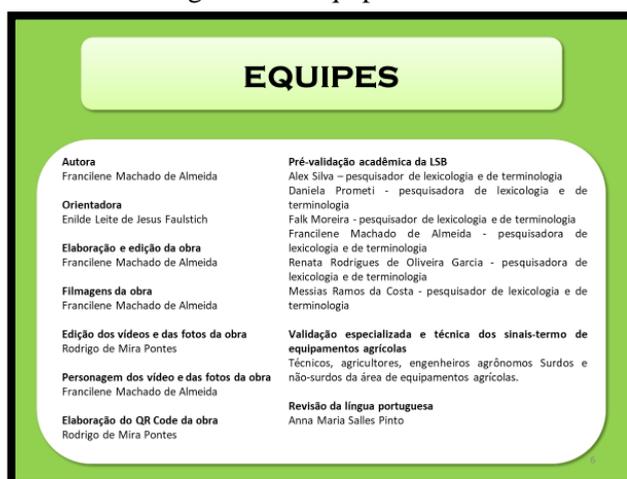
Figura 53 – Como usar a obra



Fonte: Elaborado pela autora.

(vi) **Equipes:** apresenta a lista de equipes da obra de quem elaborou a obra. Veja a figura 54.

Figura 54 – Equipes da obra



Fonte: Elaborado pela autora.

(vii) **Verbetes de A a Z:** o verbete está em ordem alfabética, de A a Z; é a busca por letra inicial da palavra para encontrar o que se deseja. Veja na figura 55 o início do verbete com letra A até o final do verbete com letra T.

Figura 55 – Verbetes de A a Z da obra



Fonte: Elaborado pela autora.

(viii) **Referências:** a lista de referências são as fontes pesquisadas das fotos e das imagens dos objetos, bem como dos links de criação do *QR Code*. Veja a figura 56.

Figura 56 – Referências da obra



Fonte: Elaborado pela autora.

Assim sendo, foram apresentados todos os elementos – o início da capa até a última figura da referência, com os modelos, as informações e os detalhes da obra. Assim é a macroestrutura da obra de léxico bilíngue dos sinais-termo de equipamentos agrícolas.

A microestrutura, por sua vez, organiza o verbete por meio da regra das cores das blusas do personagem sinalizador para exibir a constituição do verbete conforme o modelo da organização do verbete por cores das blusas no repertório indicado por Tuxi (2017). Veja a figura 57.

Figura 57 – Apresentação do verbete por cores das blusas no repertório



Fonte: Tuxi (2017, p. 173).

A escolha das cores das blusas tem o propósito de organizar a elaboração desse conteúdo, bem como de padronizar e facilitar a identificação de cada elemento do léxico: Tuxi (2017) explica:

Em LSB, a blusa preta é usada no registro da entrada do verbete, a blusa de cor verde é usada no registro da definição; a blusa amarela é usada no registro do contexto, a blusa de cor vermelha é usada no registro da variante, quando houver (TUXI, 2017, p. 174).

Essas cores mostram a referência de cada informação e evita a confusão da constituição do verbete com a mesma cor. Portanto, a macroestrutura também tem a cor da blusa branca. Veja a figura 48 da apresentação da macroestrutura do repertório.

Nesse projeto as imagens foram gravadas em estúdio de gravação de vídeo montado na residência da pesquisadora. Nesse estúdio, foram usados câmera de *tablet*, dois tripés para luz (como *ring light*), suporte para tecido de fundo infinito de lycra na cor azul escuro como pano de fundo para gravar os vídeos dos sinais-termo.

A organização do projeto apresenta a lista de campos de constituição da microestrutura na obra de léxico bilíngue LP-PSL: letra de entrada em ordem alfabética e alfabeto manual, imagem do objeto, entrada do termo em LP, entrada do sinal-termo em LSB, imagem do *QR Code* do vídeo do sinal-termo e remissiva. Cada um dos componentes da microestrutura mostra como é a apresentação em detalhes. Segue a figura 58 com os números da legenda:

- 1) **Letra de entrada em ordem alfabética e alfabeto manual:** são, respectivamente, a LP e o alfabeto manual em ordem alfabética de A a Z. O consulente busca a primeira letra do termo na entrada por verbete para saber o que significa;
- 2) **Imagem:** é a exibição da imagem do objeto de equipamentos agrícolas para a visualização do consulente Surdo;
- 3) **Entrada:** é a entrada principal do termo em LP.
- 4) **Sinal-termo:** é a entrada do sinal-termo em LSB com a sequência de fotos da personagem sinalizadora;
- 5) **QR Code para vídeo do sinal-termo:** é o código que deve ser escaneado pelo celular *smartphone* ou *tablet* para acessar o conteúdo vinculado a esse símbolo; e
- 6) **Remissiva:** é a exibição dos termos remissivos com sinônimos para o consulente buscar nos verbetes para entendê-los.

Figura 58 – Componentes da microestrutura da obra de léxico bilíngue em LP-LSB



Fonte: Elaborado pela autora.

Por fim, a microestrutura contém a descrição da constituição do verbete da obra para informar os consulentes sem dúvidas. A partir do próximo tópico, veja a apresentação da obra do léxico bilíngue dos sinais-termo de equipamentos agrícolas.

---

## **CAPÍTULO 5 - APRESENTAÇÃO DA OBRA DE LÉXICO BILÍNGUE DE SINAIS-TERMO DOS EQUIPAMENTOS AGRÍCOLAS**

---

Após observar como funciona o passo a passo do processo desta obra, desde o início na metodologia até o final com detalhes de informações, será apresentado o mesmo material em configuração de material impresso intitulado “Léxico bilíngue de sinais-termo de equipamentos agrícolas”. Vale lembrar que essa publicação é indicada para consulentes Surdos e não-surdos e para quem se interessar em consultar os sinais-termo desses equipamentos.



## AUTORA DA OBRA

Mestranda na linha da pesquisa Léxico e Terminologia em linguística pela Universidade de Brasília (UnB). Possui especialização em Docência no Ensino Superior, graduação em Letras-LIBRAS na modalidade EaD pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e graduação em Ciência da Computação pela Universidade Federal de Goiás – Campus Catalão (UFG/CAC) e PUC-GO. Atualmente é professora efetiva de Língua de Sinais Brasileira na Universidade de Brasília (UnB) no Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas (LIP). Foi professora efetiva de Libras na Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) e professora contratada de Libras na UFG/CAC, do Centro de Línguas da PRONATEC e da indústria John Deere em Catalão. Tem experiência principalmente nos seguintes temas: Tecnologia para Educação de Surdos, Surdos, Tecnologia, Língua de Sinais, Lexicologia, Lexicografia, Terminologia, Terminografia, Língua inglesa escrita e material didático.

## SUMÁRIO

Apresentação .....	4
Como usar esta obra .....	5
Equipes .....	6
Verbetes de A a Z .....	7
Referências .....	51

## APRESENTAÇÃO

O conhecimento produzido pelas áreas técnicas e específicas dos equipamentos agrícolas aparece na ligação dos saberes de diversos domínios: funcionários de fábricas, estudantes, acadêmicos, agricultores, técnicos, engenheiros, agrônomos, dentre muitos outros em que a comunicação científica de área específica é praticada.

A obra mostra 44 sinais-termo dos equipamentos agrícolas, seguidos do seu termo e termo remissivo em português, da sequência de fotos do sinal-termo, de *QR Code* do vídeo do sinal-termo em LSB (Língua de Sinais Brasileira) e da imagem do objeto. Assim, é um material bilíngue.

A informação diz respeito à área de equipamentos agrícolas do projeto de pesquisa da obra Léxico bilíngue: LP (língua portuguesa) e LSB (Língua de Sinais Brasileira) dos sinais-termo de equipamentos agrícolas, uma iniciativa na linha de pesquisa Léxico e Terminologia, da pesquisadora Francilene Machado de Almeida, com a orientadora prof.<sup>ª</sup> Dr.<sup>ª</sup> Enilde Leite de Jesus Faulstich – coordenadora do Centro Lexterm (Centro de Estudos Lexicais e Terminológicos), do Programa de Pós-Graduação em Linguística (LIP) do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas (LIP) do Instituto de Letras (IL) da Universidade de Brasília (UnB).

Desejo a vocês bons estudos, e façam excelente uso da nova comunicação!

## COMO USAR ESTA OBRA

<b>2</b>	IMAGEM		<b>A</b> <b>1</b> <b>LEGENDA:</b> 1) Ordem alfabética em Letra e em alfabeto manual; 2) Imagem do objeto; 3) Entrada principal do termo em Português; 4) Sequência de fotos para o sinal-termo em LSB; 5) <i>QR Code</i> para vídeo do sinal-termo em LSB para ser escaneado pela câmera de smartphone ou tablet. 6) Termo remissivo em português que indica outros termos que podem ser representados por este mesmo sinal-termo.
<b>3</b>	ENTRADA	adubadeira automotriz	
<b>4</b>	SINAL-TERMO		
<b>5</b>	QR CODE PARA VIDEO DO SINAL-TERMO		
<b>6</b>	REMISSIVA	adubadora automotriz	

## EQUIPES

### **Autora**

Francilene Machado de Almeida

### **Orientadora**

Enilde Leite de Jesus Faulstich

### **Elaboração e edição da obra**

Francilene Machado de Almeida

### **Filmagens da obra**

Francilene Machado de Almeida

### **Edição dos vídeos e das fotos da obra**

Rodrigo de Mira Pontes

### **Personagem dos vídeo e das fotos da obra**

Francilene Machado de Almeida

### **Elaboração do QR Code da obra**

Rodrigo de Mira Pontes

### **Pré-validação acadêmica da LSB**

Alex Silva – pesquisador de lexicologia e de terminologia

Daniela Prometi - pesquisadora de lexicologia e de terminologia

Falk Moreira - pesquisador de lexicologia e de terminologia

Francilene Machado de Almeida - pesquisadora de lexicologia e de terminologia

Renata Rodrigues de Oliveira Garcia - pesquisadora de lexicologia e de terminologia

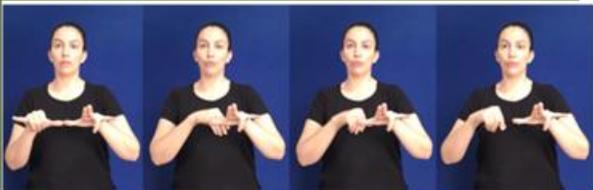
Messias Ramos da Costa - pesquisador de lexicologia e de terminologia

### **Validação especializada e técnica dos sinais-termo de equipamentos agrícolas**

Técnicos, agricultores, engenheiros agrônomos Surdos e não-surdos da área de equipamentos agrícolas.

### **Revisão da língua portuguesa**

Anna Maria Salles Pinto

<b>IMAGEM</b>	
<b>ENTRADA</b>	adubadeira automotriz
<b>SINAL-TERMO</b>	
<b>QR CODE PARA VIDEO DO SINAL-TERMO</b>	
<b>REMISSIVA</b>	adubadora automotriz

# A



IMAGEM	
ENTRADA	adubadeira tracionada
SINAL-TERMO	
QR CODE PARA VIDEO DO SINAL-TERMO	
REMISSIVA	adubadora tracionada

IMAGEM	
ENTRADA	adubadora automotriz
SINAL-TERMO	
QR CODE PARA VIDEO DO SINAL-TERMO	
REMISSIVA	adubadeira automotriz

IMAGEM	
ENTRADA	adubadora tracionada
SINAL-TERMO	
QR CODE PARA VIDEO DO SINAL-TERMO	
REMISSIVA	adubadeira tracionada

10

IMAGEM	
ENTRADA	arado de aiveca
SINAL-TERMO	
QR CODE PARA VIDEO DO SINAL-TERMO	
REMISSIVA	

11

IMAGEM	
ENTRADA	arado de disco
SINAL-TERMO	
QR CODE PARA VIDEO DO SINAL-TERMO	
REMISSIVA	

12

IMAGEM	
ENTRADA	arado subsolador
SINAL-TERMO	
QR CODE PARA VIDEO DO SINAL-TERMO	
REMISSIVA	

13

IMAGEM		<p><b>C</b></p> 
ENTRADA	carreta de transbordo	
SINAL-TERMO		
QR CODE PARA VIDEO DO SINAL-TERMO		
REMISSIVA		

14

IMAGEM		
ENTRADA	carreta graneleira	
SINAL-TERMO		
QR CODE PARA VIDEO DO SINAL-TERMO		
REMISSIVA		

15

IMAGEM	
ENTRADA	coletor de fardos
SINAL-TERMO	
QR CODE PARA VIDEO DO SINAL-TERMO	
REMISSIVA	

16

IMAGEM	
ENTRADA	colhedora de algodão
SINAL-TERMO	
QR CODE PARA VIDEO DO SINAL-TERMO	
REMISSIVA	

17

IMAGEM	
ENTRADA	colhedora de café
SINAL-TERMO	
QR CODE PARA VIDEO DO SINAL-TERMO	
REMISSIVA	

18

IMAGEM	
ENTRADA	colhedora de cana
SINAL-TERMO	
QR CODE PARA VIDEO DO SINAL-TERMO	
REMISSIVA	

19

IMAGEM	
ENTRADA	colhedora de forragem
SINAL-TERMO	
QR CODE PARA VIDEO DO SINAL-TERMO	
REMISSIVA	

20

IMAGEM	
ENTRADA	colhedora de grãos
SINAL-TERMO	
QR CODE PARA VIDEO DO SINAL-TERMO	
REMISSIVA	colheitadeira de grãos

21

<b>IMAGEM</b>	
<b>ENTRADA</b>	colhedora de milho
<b>SINAL-TERMO</b>	
<b>QR CODE PARA VIDEO DO SINAL-TERMO</b>	
<b>REMISSIVA</b>	colheitadeira de milho

22

<b>IMAGEM</b>	
<b>ENTRADA</b>	colheitadeira de grãos
<b>SINAL-TERMO</b>	
<b>QR CODE PARA VIDEO DO SINAL-TERMO</b>	
<b>REMISSIVA</b>	colhedora de grãos

23

IMAGEM	
ENTRADA	colheitadeira de milho
SINAL-TERMO	
QR CODE PARA VIDEO DO SINAL-TERMO	
REMISSIVA	colhedora de milho

24

IMAGEM		<b>E</b>
ENTRADA	enfardadeira cilíndrica	
SINAL-TERMO		
QR CODE PARA VIDEO DO SINAL-TERMO		
REMISSIVA	enfardadora cilíndrica	

25

IMAGEM	
ENTRADA	enfardadeira prismática
SINAL-TERMO	
QR CODE PARA VIDEO DO SINAL-TERMO	
REMISSIVA	enfardadora prismática

26

IMAGEM	
ENTRADA	enfardadora cilíndrica
SINAL-TERMO	
QR CODE PARA VIDEO DO SINAL-TERMO	
REMISSIVA	enfardadeira cilíndrica

27

IMAGEM	
ENTRADA	enfardadora prismática
SINAL-TERMO	
QR CODE PARA VIDEO DO SINAL-TERMO	
REMISSIVA	enfardadeira prismática

28

IMAGEM	
ENTRADA	enleirador de palha
SINAL-TERMO	
QR CODE PARA VIDEO DO SINAL-TERMO	
REMISSIVA	

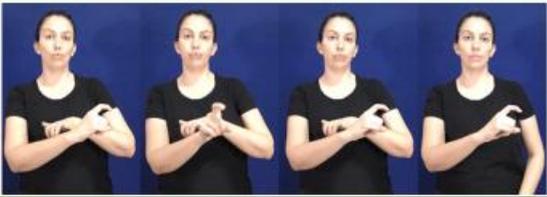
29

IMAGEM		<b>G</b> 
ENTRADA	grade aradora	
SINAL-TERMO		
QR CODE PARA VIDEO DO SINAL-TERMO		
REMISSIVA		

30

IMAGEM		
ENTRADA	grampo de fardos	
SINAL-TERMO		
QR CODE PARA VIDEO DO SINAL-TERMO		
REMISSIVA		

31

IMAGEM	
ENTRADA	guincho big bag
SINAL-TERMO	
QR CODE PARA VIDEO DO SINAL-TERMO	
REMISSIVA	

32

IMAGEM		<b>L</b>
ENTRADA	lâmina frontal	
SINAL-TERMO		
QR CODE PARA VIDEO DO SINAL-TERMO		
REMISSIVA		

33

IMAGEM		<b>P</b> 
ENTRADA	pivô central fixo	
SINAL-TERMO		
QR CODE PARA VIDEO DO SINAL-TERMO		
REMISSIVA	-	

34

IMAGEM		
ENTRADA	pivô central rebocável	
SINAL-TERMO		
QR CODE PARA VIDEO DO SINAL-TERMO		
REMISSIVA		

35

<b>IMAGEM</b>	
<b>ENTRADA</b>	pivô lateral
<b>SINAL-TERMO</b>	
<b>QR CODE PARA VIDEO DO SINAL-TERMO</b>	
<b>REMISSIVA</b>	

36

<b>IMAGEM</b>	
<b>ENTRADA</b>	plantadeira de cana
<b>SINAL-TERMO</b>	
<b>QR CODE PARA VIDEO DO SINAL-TERMO</b>	
<b>REMISSIVA</b>	plantadora de cana

37

IMAGEM	
ENTRADA	plantadeira de grãos
SINAL-TERMO	
QR CODE PARA VIDEO DO SINAL-TERMO	
REMISSIVA	plantadora de grãos

38

IMAGEM	
ENTRADA	plantadora de cana
SINAL-TERMO	
QR CODE PARA VIDEO DO SINAL-TERMO	
REMISSIVA	plantadeira de cana

39

IMAGEM	
ENTRADA	plantadora de grãos
SINAL-TERMO	
QR CODE PARA VIDEO DO SINAL-TERMO	
REMISSIVA	plantadeira de grãos

40

IMAGEM	
ENTRADA	plataforma de grãos
SINAL-TERMO	
QR CODE PARA VIDEO DO SINAL-TERMO	
REMISSIVA	

41

IMAGEM	
ENTRADA	plataforma de milho
SINAL-TERMO	
QR CODE PARA VIDEO DO SINAL-TERMO	
REMISSIVA	

42

IMAGEM	
ENTRADA	pulverizador autopropelido
SINAL-TERMO	
QR CODE PARA VIDEO DO SINAL-TERMO	
REMISSIVA	

43

IMAGEM		<b>R</b> 
ENTRADA	retroescavadeira	
SINAL-TERMO		
QR CODE PARA VIDEO DO SINAL-TERMO		
REMISSIVA		

44

IMAGEM		<b>S</b> 
ENTRADA	semeadeira	
SINAL-TERMO		
QR CODE PARA VIDEO DO SINAL-TERMO		
REMISSIVA	semeadora	

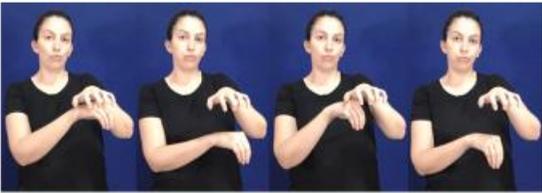
45

IMAGEM	
ENTRADA	semeadora
SINAL-TERMO	
QR CODE PARA VIDEO DO SINAL-TERMO	
REMISSIVA	semeadeira

46

IMAGEM		<b>T</b>
ENTRADA	transplantadeira de mudas	
SINAL-TERMO		
QR CODE PARA VIDEO DO SINAL-TERMO		
REMISSIVA	transplantadora de mudas	

47

IMAGEM	
ENTRADA	transplantadora de mudas
SINAL-TERMO	
QR CODE PARA VIDEO DO SINAL-TERMO	
REMISSIVA	transplantadeira de mudas

48

IMAGEM	
ENTRADA	trator de esteira
SINAL-TERMO	
QR CODE PARA VIDEO DO SINAL-TERMO	
REMISSIVA	

49

IMAGEM	
ENTRADA	trator de pneus
SINAL-TERMO	
QR CODE PARA VIDEO DO SINAL-TERMO	
REMISSIVA	

50

## REFERÊNCIAS

### adubadora e adubadeira automatiz

Unisport 3030 NPK, 2019. **JACTO**, sem ano. Disponível em: <[https://zebenioimplementos.com.br/pdf/jacto/product\\_file\\_pt\\_BR\\_1524661751176\\_Folheto\\_Principal\\_Unisport\\_3030\\_NPK.pdf](https://zebenioimplementos.com.br/pdf/jacto/product_file_pt_BR_1524661751176_Folheto_Principal_Unisport_3030_NPK.pdf)>. Acesso em: 14 out. 2020.

### adubadora e adubadeira tracionada

TELLUS 10.000 NPK. **Freitasmáquinas**, 2020. Disponível em: <<https://www.freitasmaquinas.com.br/produtos/tellus-10-000-npk/>>. Acesso em: 14 out. 2020.

### arado de aiveca

ARADO de aivecas arraste fixo AF HD. **Ikeda**, 2011. Disponível em: <<http://www.ikedas-maq.com.br/produtos.php?sec=99968&prod=487&titulo=Arado%20de%20Aivecas%20Arraste%20Fixo%20AF%20HD>>. Acesso em: 14 out. 2020.

### arado de disco

ARADO de discos. **Lamsa**, 2020. Disponível em: <<http://www.lamsa.com.mx/paquetes/equipo-de-labranza/arados-de-discos#845>>. Acesso em: 14 out. 2020.

### arado subsolador

ARADO subsolador tubular hidráulico. **Baldan**, 2020. Disponível em: <<https://www.baldan.com.br/conteudo/asth-arado-subsolador-tubular-hidraulico.html>>. Acesso em: 14 out. 2020.

### carreta de transbordo

CARRETA agrícola com transbordo lateral. **Fábrica do projeto**, 2020. Disponível em: <<https://www.fabricadoprojeto.com.br/2013/03/projeto-solicitado-19-de-marco-de-2013-carreta-agricola-com-transbordo-lateral/>>. Acesso em: 14 out. 2020.

### carreta graneleira

CARRETA graneleira granbox para colheita. **Agrimec**, 2020. Disponível em: <<https://agrimec.com.br/project/carreta-graneleira-granbox-2-rodas/>>. Acesso em: 13 out. 2020.

### coletor de fardos

COLETOR de fardos. **Agrofy**, 2020. Disponível em: <<https://www.agrofy.com.br/coletor-de-fardos-cf1012-alvorada.html>>. Acesso em: 13 out. 2020.

### colhedora de algodão

COLHEDORA de algodão. **John deere**, 2020. Disponível em: <<https://www.deere.com.br/pt/colheitadeiras/colhedora-de-algodao%3fa30-cp880/>>. Acesso em: 13 out. 2020.

### colhedora de café

COLHEDORA de café. **Jacto**, sem ano. Disponível em: <<https://www.jacto.com/brasil/products/colhedoras-de-cafe/k-3500/>>. Acesso em: 13 out. 2020.

### colhedora de cana

COLHEDORA de cana. **John deere**, 2020. Disponível em: <<https://www.deere.com.br/pt/colheitadeiras/colhedora-de-cana/ch570/>>. Acesso em: 13 out. 2020.

### colhedora de forragem

FORRAGEIRA. **Farmfor**, 2018. Disponível em: <<https://www.farmfor.com.br/post/sforrageteia-9900-da-john-deere-tem-motor-v12-de-quase-1000-hp/>>. Acesso em: 13 out. 2020.

## REFERÊNCIAS

### colheitadeira e colhedora de grãos

COLHEITADEIRAS. **John deere**. 2020. Disponível em: <<https://www.deere.com.br/pt/colheitadeiras/s%C3%A9rie-sis790/>>. Acesso em: 13 out. 2020.

### colheitadeira e colhedora de milho

PRENSA John Deere para colheitadeira agrícola, trator, colheita, grama png. **PNG EGG**. sem ano. Disponível em: <<https://www.pngegg.com/pt/png-xwupa/>>. Acesso em: 12 out. 2020.

### enfardadora e enfardadeira cilíndrica

ENFARDADORA cilíndrica **John deere**. 2020. Disponível em: <<https://www.deere.com.br/pt/forrageira/enfardadoras/enfardadora-cil%C3%ADndrica-460m/>>. Acesso em: 12 out. 2020.

### enfardadora e enfardadeira prismática

ENFARDADORA prismática **John deere**. 2020. Disponível em: <<https://www.deere.com.br/es/heno-forraje/enfardadora-prism%C3%A1tica-340/>>. Acesso em: 12 out. 2020.

### enleirador de palhas

Enleirador de palha DMB: A marca da cana. 2020. Disponível em: <<http://www.dmb.com.br/linha-cana/veira/ouros-equipamentos/enleirador-de-palha-de-6-rodas/>>. Acesso em: 21 out. 2020.

### grade aradora

GRADE: aradora intermediária. **John deere**. 2020. Disponível em: <<https://www.deere.com.br/pt/preparo-de-solo/grades-aradoras/>>. Acesso em: 12 out. 2020.

### grampo de fardos

COLETA de biomassa. **Agrinorte**. 2020. Disponível em: <<http://www.agrinorte.pa.com.br/pt/pt/coleta-de-biomassa/v1012/>>. Acesso em: 12 out. 2020.

### guincho big bag

GUINCHO big bag. **John deere**. 2020. Disponível em: <<https://www.deere.com.br/pt/carregadoras-frontais-para-tratores/bh1112g/>>. Acesso em: 12 out. 2020.

### lâmina frontal

LÂMINA frontal. **John deere**. 2020. Disponível em: <<https://www.deere.com.br/pt/carregadoras-frontais-para-tratores/af2196g/>>. Acesso em: 12 out. 2020.

### pívó central fixo

BUILDING Cartoon. **Cleanpng**. 2020. Disponível em: <<https://www.cleanpng.com/png-cartoon-pivot-irrigation-fire-sprinkler-system-iri-2567090/>>. Acesso em: 12 out. 2020.

### pívó central linear

INTRODUÇÃO a agronomia. **Slideplayer**. 2020. Disponível em: <<https://slideplayer.com/br/slide/2958435/>>. Acesso em: 12 out. 2020.

### pívó central rebocável

INTRODUÇÃO a agronomia. **Slideplayer**. 2020. Disponível em: <<https://slideplayer.com/br/slide/2958435/>>. Acesso em: 12 out. 2020.

### plantadeira e plantadora de cana

PLANTADORA de cana picada pcp 1102. **Agroads**. 2020. Disponível em: <<https://www.agroads.com.br/plantadora-de-cana-picada-pcp-1102-75848.html>>. Acesso em: 12 out. 2020.

32

## REFERÊNCIAS

### plantadeira e plantadora de grãos

PLANTADEIRAS D840. **John deere**. 2020. Disponível em: <<https://www.deere.com.br/pt/solu%C3%A7%C3%B5es-para-plantio/db-40/>>. Acesso em: 12 out. 2020.

### plataforma de grãos

PLATAFORMA de grãos 3020. **Risa máquinas**. 2020. Disponível em: <<https://risamaquinas.com/produto/plataformas-de-graos-3020/>>. Acesso em: 11 out. 2020.

### plataforma de milho

PLATAFORMA para milho. **John deere**. 2020. Disponível em: <<https://www.deere.com.br/pt/colheitadeiras/plataformas/800c/>>. Acesso em: 11 out. 2020.

### pulverizador autoprelido

Defensor 2500: proteção incondicional. **NEW HOLLAND**. 2020. Disponível em: <<https://www.newholland.com.br/pulverizador/defensor-2500/>>. Acesso em: 11 out. 2020.

### retroescavadeira

RETROESCAVADEIRAS. **Rio rental**. 2020. Disponível em: <<https://www.riorental.net/retroescavadeira/>>. Acesso em: 11 out. 2020.

### semeadeira e semeadora

SEMEADEIRA. **All.biz**. 2020. Disponível em: <<https://all.biz/br-pt/semeadeira-q78934/>>. Acesso em: 11 out. 2020.

### transplantadora e transplantadeira de mudas

LINE café. **Roster**. 2019. Disponível em: <<https://www.roster.ind.br/produtos/line-cafe/>>. Acesso em: 11 out. 2020.

### trator de esteira

JOHN Deere: novidades nos modelos 8R e 9R para 2019. **Farmfot**. 2018. Disponível em: <<https://www.farmfot.com.br/posts/john-deere-novidades-nos-modelos-8r-e-9r-para-2019/>>. Acesso em: 10 out. 2020.

### trator de pneus

TRATORES agrícolas. **John Deere**. 2020. Disponível em: <<https://www.deere.com.br/pt/tratores/>>. Acesso em: 11 out. 2020.

### QR Code

Gerador online gratuito códigos de QR/vetor, dinâmico, cor. **QR9.ME**. Disponível em: <<https://qrcode.trustthisproduct.com/free-qrcode-generator.php?lang=pt>>. Acesso em: 26 out. 2020.

33

---

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

---

O presente projeto de mestrado conclui esta pesquisa com cinco capítulos. Todo o estudo foi desenvolvido para elaborar uma obra de léxico bilíngue de sinais-termo de equipamentos agrícolas, pois foi necessário criar sinais-termo dessa grande área para ajudar a comunicação dos Surdos porque faltava repertório de sinais-termo nesse contexto. O público-alvo para quem foi pensado esse léxico bilíngue são: funcionários da fábrica John Deere, agricultores, agrônomos, engenheiros agrônomos, dentre outros que se interessam por esse conteúdo, por essa comunicação específica dentro dos locais de trabalho, dos cursos e de outros ambientes.

Nessa oportunidade foi possível analisar como ocorre o processo do início até o final da criação de sinais-termo: primeiramente, os termos em LP e seus conceitos são verificados para ajudar a criar os sinais-termo, ou seja, a respectiva representação visual, porque não há como criá-los sem conceito. Os sinais-termo corretos possuem relação com os fundamentos da área de Linguística e da área específica em questão – nesse caso, com equipamentos agrícolas.

Diante disso, os termos em LP são necessários para saber as informações sobre seus significados e entender os conceitos correspondentes. Também é perceptível que esses termos têm prefixos tais como en- e trans- e sufixos -eira e -ora, que significam algo em si mesmos ou trazem consigo conceitos diferentes. A hipótese da pesquisa analisou, por exemplo, os termos colhedora e colheitadeira, e foi possível descobrir que um dos termos, colheitadeira, tem etimologia em detalhes. Essa menção demonstra que a análise desses termos em LP ajudam a criar os sinais-termo.

Os conceitos dos sinais-termo criados são complexos, bem como as concepções visuais correspondentes. Os pesquisadores da área de Lexicologia e de Terminologia estudam e pesquisam os conceitos, os níveis linguísticos e os elementos paramétricos dos termos, por isso a demora para criar os sinais-termo, pois têm muitos detalhes. No caso dessa investigação científica, foi preciso buscar conhecimento aprofundado na área de Linguística da LSB e na área de equipamentos agrícolas. É a chamada pré-validação acadêmica da LSB, ou seja, a primeira ordem de três tipos de validação.

Durante a validação dos sinais-termo, os participantes do público-alvo aceitam validar os sinais-termo criados. Alguns até já se interessam em usá-los porque precisam inseri-los na comunicação específica sobre equipamentos agrícolas no trabalho, por

exemplo, porque não há sinais específicos. Essa etapa é chamada de validação especializada e técnica, a segunda de três na ordem de validação.

O processo metodológico, por sua vez, é o modo de trabalho dos passos de pesquisa. Na presente dissertação, foram estudados os termos em LP, depois os conceitos dos termos, em seguida a criação de sinais-termo com conceitos visuais, vídeos, sequências das fotos e imagens no *QR Code* para elaborar o material da obra do léxico bilíngue de sinais-termo de equipamentos agrícolas, até por fim, divulga a obra de repertório para os consulentes Surdos e não-surdos usarem na compreensão do conhecimento. Com a validação final de uso social, o registro dos sinais-termo de equipamentos agrícolas e a divulgação desse conteúdo são disponibilizados para todos os públicos, como ordem final das três validações necessárias. É importante respeitar as regras desses três tipos de validação dos sinais-termo quanto aos aspectos linguísticos da área de Lexicologia e Terminologia para se obter um bom resultado nas pesquisas científicas.

A obra de léxico tem o total de 44 sinais-termo, com dez remissivas, pois essas ajudam os Surdos a entender os significados dos termos principais. O produto dessa obra é um material em formato impresso completo – com dados em vídeo dos sinais-termo disponíveis no canal do *YouTube*<sup>11</sup> Léxico Bilíngue (Língua Portuguesa e Língua de Sinais Brasileira) de Sinais-termo de Equipamentos Agrícolas e nas imagens de *QR Code* dessa obra.

---

<sup>11</sup> O canal do *YouTube* do Léxico Bilíngue (Língua Portuguesa e Língua de Sinais Brasileira) de Sinais-termo de Equipamentos Agrícolas: <<https://www.youtube.com/playlist?list=PLybe2RtEw-11GiT6-LuBNALX6lN2uMfz6>>.

---

## REFERÊNCIAS

---

ALMEIDA, F. M.; PIRES, N. R. **Projeto Incluir: Semana Nacional de Inclusão da Pessoa com Deficiência** (Miniapostila). Inclusão: Recrutamento, Treinamento e Seleção, Catalão: John Deere, 2013.

\_\_\_\_\_. **Libras: Língua Brasileira de Sinais** (Apostila). Inclusão: Recrutamento, Treinamento e Seleção, Catalão: John Deere, 2013.

AULETE, Caldas. **Aulete Digital** - O dicionário da língua portuguesa. Lexikon Editora Digital, 2020. Disponível em: <[http://www.aulete.com.br/site.php?mdl=aulete\\_digital](http://www.aulete.com.br/site.php?mdl=aulete_digital)>. Acesso em: 3 jun. 2020.

BATTISON, R. **Lexical borrowing in American Sign Language**. Silver Spring, MD: Linstok, 1978.

\_\_\_\_\_. **Phonological deletion in American Sign Language**. Sign Language Studies, n. 5, p. 1-19, 1974.

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37.ed. revista, ampliada e atualizada conforme o novo Acordo Ortográfico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BORBA, F. da S. **Organização de dicionários: uma introdução à lexicografia**, São Paulo: Editora UNESP, 2003.

BRASIL. **Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência: Protocolo Facultativo à Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência**. Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência – CORDE. Tradução Oficial/Brasil. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, Presidência da República, 2007. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=424-cartilha-c&category\\_slug=documentos-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=424-cartilha-c&category_slug=documentos-pdf&Itemid=30192)>. Acesso em: 4 mai. 2020.

\_\_\_\_\_. **Decreto nº 5.296 de 2 de dezembro de 2004**. Regulamenta as Leis nos 10.048, de 8 de novembro de 2000, que dá prioridade de atendimento às pessoas que especifica, e 10.098, de 19 de dezembro de 2000, que estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências. Diário Oficial (da) República Federativa do Brasil, Brasília-DF. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2004/decreto/d5296.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/decreto/d5296.htm)>. Acesso em: 01 mai. 2020.

\_\_\_\_\_. **Decreto nº 3.298, de 20 de dezembro de 1999**. Regulamenta a Lei no 7.853, de 24 de outubro de 1989, dispõe sobre a Política Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, consolida as normas de proteção, e dá outras providências. Diário Oficial (da) República Federativa do Brasil, Brasília-DF. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/d3298.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/d3298.htm)>. Acesso em: 09 set. 2020.

\_\_\_\_\_. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Diário Oficial (da) República Federativa do Brasil, Brasília, DF. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm)>. Acesso em: 22 nov. 2018.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000**. Estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências. Brasília, DF. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/110098.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/110098.htm)>. Acesso em: 4 fev. 2020.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Diário Oficial (da) República Federativa do Brasil, Brasília, DF. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2002/110436.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm)>. Acesso em: 22 nov. 2018.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 12.319, de 1 de setembro de 2010.** Regulamenta a profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS. Brasília, DF. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2010/Lei/L12319.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12319.htm)>. Acesso em: 1 fev. 2020.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015.** Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Diário Oficial (da) República Federativa do Brasil, Brasília-DF. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm)>. Acesso em: 01 mai. 2020.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 8.160, de 8 de janeiro de 1991.** Dispõe sobre a caracterização de símbolo que permita a identificação de pessoas portadoras de deficiência auditiva. Brasília, DF. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/L8160.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8160.htm)>. Acesso em: 1 fev. 2020.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 8.213, de 24 de julho de 1991.** Dispõe sobre os Planos de Benefícios da Previdência Social e dá outras providências. Brasília, DF. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/L8213cons.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8213cons.htm)>. Acesso em: 22 nov. 2018.

\_\_\_\_\_. **Resolução nº 667, de 30 de maio 2016.** Aprova o Regulamento Geral de Acessibilidade em Serviços de Telecomunicações de interesse coletivo. Agência Nacional de Telecomunicações, Diário Oficial (da) República Federativa do Brasil, Brasília-DF. Disponível em: <<https://www.anatel.gov.br/legislacao/resolucoes/2016/905-resolucao-n-667>>. Acesso em: 11 set. 2020.

BRITO, L. F. **Por uma gramática de língua de sinais.** Tempo Brasileiro UFRJ. Rio de Janeiro, 1995.

CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D.; TEMOTEO, J. G.; MARTINS, A. C. **Dicionário da Língua de Sinais do Brasil - A Libras em suas mãos, v: 1 - Sinais de A a D.** EDUSP, 2017.

\_\_\_\_\_. **Dicionário da Língua de Sinais do Brasil - A Libras em suas mãos, v: 2 - Sinais de E a O.** EDUSP, 2017.

\_\_\_\_\_. **Dicionário da Língua de Sinais do Brasil - A Libras em suas mãos, v: 3 - Sinais de P a Z.** EDUSP, 2017.

CEGALLA, D. P. **Novíssima Gramática da Língua Portuguesa.** 48. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.

COSTA, M. R. **Proposta de modelo de enciclopédia visual bilíngue juvenil:** Enciclolibras. 2012. 151 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

CUNHA, C. C. CINTRA, L. **Breve Gramática do Português Contemporâneo.** Lisboa: Editora João Sá da Costa, 2008.

DEERE & COMPANY. **A história de John Deere.** John Deere, 2011. Disponível em: <[https://web.archive.org/web/20110910124206/http://www.deere.com.br/pt\\_BR/ag/about\\_us/historia.html](https://web.archive.org/web/20110910124206/http://www.deere.com.br/pt_BR/ag/about_us/historia.html)>. Acesso em: 26 abr. 2020.

\_\_\_\_\_. **John Deere Attractions Brochure Request Form.** John Deere, 2020. Disponível em: <<https://www.deere.com/en/forms/corporate/attractions-brochure-request/>>. Acesso em: 26 abr. 2020.

\_\_\_\_\_. **John Deere Attractions Brochure Request Form: Legendary fun: Discover our free, Family-friendly adventures today!**, John Deere, 2019. Disponível em: <<https://www.deere.com/assets/pdfs/common/connect-with-john-deere/JD-Attractions-2019.pdf>>. Acesso em: 8 abr. 2020.

\_\_\_\_\_. **John Deere Historic Site.** John Deere, 2020. Disponível em: <<https://www.deere.com/en/connect-with-john-deere/visit-john-deere/historic-site/>>. Acesso em: 8 abr. 2020.

\_\_\_\_\_. **John Deere Journal: 20 anos fazendo história.** John Deere, 2019. Disponível em: <<https://johndeerejournal.com.br/2019/10/10/20-anos-fazendo-historia/>>. Acesso em: 3 abr. 2020.

\_\_\_\_\_. **Máquinas e implementos agrícolas.** John Deere, 2020. Disponível em: <<https://www.deere.com.br/pt/m%C3%A1quinas-e-implementos-agr%C3%ADcolas>>. Acesso em: 26 abr. 2020.

\_\_\_\_\_. **Nossa história.** John Deere, 2020. Disponível em: <<https://www.deere.com.br/pt/a-nossa-empresa/hist%C3%B3ria/>>. Acesso em 27 jan. 2020.

\_\_\_\_\_. **O arado de aço original.** John Deere, 2020. Disponível em: <<https://www.deere.com.br/pt/a-nossa-empresa/hist%C3%B3ria/arado-john-deere/>>. Acesso em: 13 set. 2020.

\_\_\_\_\_. **Sobre a empresa: John Deere no Brasil.** John Deere, 2020. Disponível em: <<https://www.deere.com.br/pt/a-nossa-empresa/sobre-john-deere/>>. Acesso em: 26 abr. 2020.

\_\_\_\_\_. **Visita às Unidades.** John Deere, 2020. Disponível em: <<https://www.deere.com.br/pt/conecte-se-com-a-john-deere/visitas-%C3%A0-unidades-e-f%C3%A1bricas/>>. Acesso em: 23 abr. 2020.

DUBOIS, Jean et al. **Dicionário de lingüística.** Traduzido por Frederico Pessoa de Barros et al. São Paulo: Cultrix, 1989.

E-MEC. **Cadastro Nacional de Cursos e Instituições de Educação Superior.** Ministério da Educação – Sistema e-MEC, 2019. Brasília, DF. Disponível em: <<http://emec.mec.gov.br/>>. Acesso em: 28 abr. 2019.

FARIA-NASCIMENTO, S. P. **A organização dos morfemas livres e presos em LSB:** reflexões preliminares. In: Estudos da língua brasileira de sinais. Ronice Müller de Quadros, Marianne Rossi Stumpf e Tarcísio de Arantes Leite (orgs.). Série Estudos de Língua de Sinais. V.I. Florianópolis: Insular. 2013.

\_\_\_\_\_. **Representações Lexicais da Língua de Sinais Brasileira.** Uma Proposta Lexicográfica. Brasília, 2009. 290 f. Tese (doutorado) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília.

FAULSTICH, E. **A Socioterminologia na comunicação científica e técnica.** Sociedade Brasileira para o processo da ciência. Ciência e Cultura. Vol.58, n.2, São Paulo. Editora Scielo, abr/jun, 2006. Disponível em: <[http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0009-67252006000200012](http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252006000200012)>. Acesso em: 22 out. 2018.

\_\_\_\_\_. **A Terminologia entre as políticas de língua e as políticas linguísticas na educação linguística brasileira.** 2013.

\_\_\_\_\_. **Avaliação de dicionário: uma proposta metodológica.** Organon: Revista do Instituto de Letras da UFRGS, v.25, n.50, p.181-220. Porto Alegre, 2011. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/organon/article/view/28346>>. Acesso em: 05 out. 2020.

\_\_\_\_\_. **Base metodológica para pesquisa em socioterminologia: termo e variação.** Brasília: Centro Lexterm, 1995a.

\_\_\_\_\_. **Da lingüística histórica à terminologia. Investigações** (UFPE. Impresso), Recife, v. 7, p. 71-101, 1997.

\_\_\_\_\_. **Especificidades semânticas e lexicais a criação de sinais-termo na Língua de Sinais Brasileira.** Entre a Libras e o Português: desafios face ao bilinguismo. Organizado por Jorge Bidarra, Tânia Aparecida Martins e Márcia Sipavicius Seide. Cascavel, PR, EDUNIOESTE. Londrina: EDUEL, 2016.

\_\_\_\_\_. **Glossário sistêmico de Léxico terminológico para pesquisadores surdos.** Brasília. Centro Lexterm, 2012. Em elaboração.

\_\_\_\_\_. **Para gostar de ler um dicionário.** In: RAMOS, Conceição de Maria de Araujo et alli (Org.). Pelos caminhos da dialetologia e da sociolinguística: entrelaçando saberes e vida – homenagem a Socorro Aragão. São Luís, MA: EDUFMA, 2010. p. 166–185.

\_\_\_\_\_. **Principes formels et fonctionnels de la variation en terminologie.** In.: Terminology, v. 5, 1999c.

\_\_\_\_\_. **Redes de remissivas em um glossário técnico.** In: Léxico e Terminologia (Coletânea de Textos). Universidade de Brasília, 1993, p. 174-184.

\_\_\_\_\_. **Sinal-Termo.** Nota lexical. Centro Lexterm, Universidade de Brasília, 2014.

\_\_\_\_\_. **Socioterminologia, mais que um método de pesquisa, uma disciplina.** Ciência da Informação. Brasília, v. 24, n. 3, p. 281-288, 1995. Disponível em: <[https://www.brapci.inf.br/\\_repositorio/2010/03/pdf\\_bb636decd3\\_0008870.pdf](https://www.brapci.inf.br/_repositorio/2010/03/pdf_bb636decd3_0008870.pdf)>. Acesso em: 22 nov. 2019.

FEBRAPILIS. **Portal da Federação Brasileira das Associações dos Profissionais Tradutores e Intérpretes e Guia-Intérpretes de Língua de Sinais.** Disponível em:<<http://febrapils.org.br>>. Acesso em: 2 out. 2020.

FELIPE, T. A. **Os processos de formação de palavra na Libras.** Estudos Linguísticos, Grupos de Estudos e Subjetividade. Educação Temática Digital, UNICAMP: Campinas, v. 7, n. 2, p. 200-217, jun. 2006. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/803>>. Acesso em: 01 set. 2020.

FELTEN, E. F. **Glossário sistêmico bilíngue Português-Libras de termos da história do Brasil.** 2016. 167 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

FERRI, M. G., MENEZES, N. L. de, MONTEIRO, W. R. **Glossário Ilustrado de Botânica.** São Paulo, Editora Nobel, 1ª ed. 1981. 200 p. Disponível em: <<https://www.amazon.com.br/Gloss%C3%A1rio-Ilustrado-Bot%C3%A2nica-M-Guimar%C3%A3es/dp/8521300417>>. Acesso em: 07 set. 2020.

GESSER, A. **LIBRAS? Que Língua é essa.** Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade Brasileira. São Paulo: Parábola Editorial: 2009.

GONÇALVES, C. A. **Iniciação aos estudos morfológicos: Flexão e derivação em português.** São Paulo: Editora Contexto, 2011.

GUILHERME. **Símbolos: Internacional de Surdez e de Língua de Sinais.** WhatsApp: [Grupo Liberdade Surda]. 8 mar. 2020. 11:40. 1 mensagem WhatsApp.

HOUAISS, Instituto Antônio. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa: Versão Monousuário: 1.0.** Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2009.

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). **Censo Brasileiro de 2010.** Rio de Janeiro: IBGE, 2012. Disponível em: <<https://censo2010.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 24 fev. 2020.

IFRS CAMPUS IBIRUBÁ, **Glossário Terminológico de Libras – Agronomia, Agropecuária e Horticultura.** Instituto Federal de Rio Grande do Sul, Campus Bento Gonçalves, 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/playlist?reload=9&list=PL-QJfwj7mJ4x9ncUG-9BGpzzg8MBj5XMxp>>. Acesso em: 21 mai. 2020.

JOHN DEERE HISTORIC SITE. **Local histórico.** Google Maps, 2017. Disponível em: <<https://www.google.com/maps/uv?pb=!1s0x8809aa9501400f83%3A0x932d867438fb699!3m1!7e115!4shttps%3A%2F%2Fih5.googleusercontent.com%2Fp%2FAF1QipMFN7K6S5uqCcV9MWHSvhcyPxR67tI4NFyROwZt%3Dw213-h160-k-no!5sjohn%20deere%20historic%20site%20-%20Pesquisa%20Google!15sCgIgaAQ&imagekey=!1e10!2sAF1QipOyvKOKlrsrL0BJ1tGA3JsoutUBSShU nxCoJSUS&hl=pt-BR&sa=X&ved=2ahUKEwjhszS2-bsAhWiH7kGHXERBwsQoiowFnoECBEQAaw&cshid=1604418259436555>>. Acesso em: 28 set. 2020.

JOHN DEERE HISTORIC SITE. **Local histórico.** Google Maps, 2019. Disponível em: <[https://www.google.com/maps/uv?pb=!1s0x8809aa9501400f83%3A0x932d867438fbb699!3m1!7e115!4shttps%3A%2F%2Fh5.googleusercontent.com%2Fp%2FAF1QipMFN7K6S5uqCcV9MWHSvhcyPxR67tI4NFyROwZt%3Dw213-h160-k-no!5sjohn%20deere%20historic%20site%20-%20Pesquisa%20Google!15sCgIgAQ&imagekey=!1e10!2sAF1QipMSXyDxtIND4pTn0\\_SdtYsOjOugNOhc7KM-lzZ8&hl=pt-BR&sa=X&ved=2ahUKEwjhszS2-bsAhWiH7kGHXERBwsQoiowFnoECBEQAw&cshid=1604418259436555](https://www.google.com/maps/uv?pb=!1s0x8809aa9501400f83%3A0x932d867438fbb699!3m1!7e115!4shttps%3A%2F%2Fh5.googleusercontent.com%2Fp%2FAF1QipMFN7K6S5uqCcV9MWHSvhcyPxR67tI4NFyROwZt%3Dw213-h160-k-no!5sjohn%20deere%20historic%20site%20-%20Pesquisa%20Google!15sCgIgAQ&imagekey=!1e10!2sAF1QipMSXyDxtIND4pTn0_SdtYsOjOugNOhc7KM-lzZ8&hl=pt-BR&sa=X&ved=2ahUKEwjhszS2-bsAhWiH7kGHXERBwsQoiowFnoECBEQAw&cshid=1604418259436555)>. Acesso em: 28 set. 2020.

JOHN DEERE HISTORIC SITE. **Local histórico.** Google Maps, 2018. Disponível em: <<https://www.google.com/maps/uv?pb=!1s0x8809aa9501400f83%3A0x932d867438fbb699!3m1!7e115!4shttps%3A%2F%2Fh5.googleusercontent.com%2Fp%2FAF1QipMFN7K6S5uqCcV9MWHSvhcyPxR67tI4NFyROwZt%3Dw213-h160-k-no!5sjohn%20deere%20historic%20site%20-%20Pesquisa%20Google!15sCgIgAQ&imagekey=!1e10!2sAF1QipMI2pojIhE7NGViSSU39um0FDj9tCOA9WMbwxEc&hl=pt-BR&sa=X&ved=2ahUKEwjhszS2-bsAhWiH7kGHXERBwsQoiowFnoECBEQAw&cshid=1604418259436555>>. Acesso em: 28 set. 2020.

JOHN DEERE HISTORIC SITE. **Local histórico.** Google Maps, 2019. Disponível em: <<https://www.google.com/maps/uv?pb=!1s0x8809aa9501400f83%3A0x932d867438fbb699!3m1!7e115!4shttps%3A%2F%2Fh5.googleusercontent.com%2Fp%2FAF1QipMFN7K6S5uqCcV9MWHSvhcyPxR67tI4NFyROwZt%3Dw213-h160-k-no!5sjohn%20deere%20historic%20site%20-%20Pesquisa%20Google!15sCgIgAQ&imagekey=!1e10!2sAF1QipMFN7K6S5uqCcV9MWHSvhcyPxR67tI4NFyROwZt&hl=pt-BR&sa=X&ved=2ahUKEwjhszS2-bsAhWiH7kGHXERBwsQoiowFnoECBEQAw&cshid=1604418259436555>>. Acesso em: 28 set. 2020.

JORNAL CANA. **A versatilidade da cana-de-açúcar: da produção de alimentos.** Jornal Cana, 2018. Disponível em: <<https://jornalcana.com.br/a-versatilidade-da-cana-de-acucar-da-producao-de-alimentos-a-geracao-de-energia/>>. Acesso em: 17 mai. 2020.

KLIMA, E.; BELLUGI, U. **The signs of language.** Cambridge: Harvard Univesity Press, 1979.

MOLIN, J. P. **Colhedoras de grãos.** 200? Disponível em: <[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4453313/mod\\_resource/content/1/Colhedoras%20de%20gr%C3%A3os.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4453313/mod_resource/content/1/Colhedoras%20de%20gr%C3%A3os.pdf)>. Acesso em: 14 out. 2020.

NASCIMENTO, C. B. do. **Terminografia Língua de Sinais Brasileira:** proposta de glossário ilustrado semibílingue do meio ambiente, em mídia digital. 220f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

NBR 15290. **Acessibilidade de comunicação na televisão.** Rio de Janeiro: ABNT - ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas, 2016. Disponível em: <<https://www.abntcatalogo.com.br/norma.aspx?ID=365121>>. Acesso em: 11 set. 2020.

NR-12. **Segurança no trabalho em máquinas e equipamentos.** Brasília: Ministério do Trabalho, 2019. Disponível em: <[https://sit.trabalho.gov.br/portal/images/SST/SST\\_normas\\_regulamentadoras/NR-12.pdf](https://sit.trabalho.gov.br/portal/images/SST/SST_normas_regulamentadoras/NR-12.pdf)>. Acesso em: 24 mai. 2020.

ORMOND, J. G. P. **Glossário de termos usados em atividades agropecuárias, florestais e ciências ambientais.** Rio de Janeiro: Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social, 3. ed. rev. atual, 2006. Disponível em: <<https://web.bndes.gov.br/bib/jspui/handle/1408/2065>>. Acesso em: 14 mai. 2020.

PASCHOALIN, M. A.; SPADOTO, N. T. **Gramática: teoria e exercícios.** São Paulo: Editora FTD, 1989.

PAULA, G. L. C. M. C. de; LOPES, V. S. C. **Manual de Termos Técnicos em inglês utilizados na área agrícola,** ETEC: Escola Técnica Estadual Fernandópolis, 2015. Disponível em: <<https://silo.tips/download/manual-de-termos-tecnicos-em-ingles-utilizados-na-area-agricola>>. Acesso em: 13 set. 2020.

PAVEL, S.; NOLET, D. **Manual de terminologia** [online]. Canadá, 2002. Disponível em: <<https://linguisticadocumentaria.files.wordpress.com/2011/03/pavel-terminologia.pdf>>. Acesso em: 04 out. 2020.

PROMETI, D. **Glossário bilíngue da língua de sinais brasileira**: Criação de sinais dos termos da música. Brasília, 2013. 106 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília.

\_\_\_\_\_. **Terminologia da língua de sinais brasileira**: léxico visual bilíngue sinais-termo musicais – um estudo contrastivo. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade de Brasília. Brasília, 2020.

QUADROS, R. M. **Libras**. Editores científicos Tommaso Raso, Celso Ferrarezi Jr. – 1. Ed., São Paulo: Parábola, 2019. 184 p.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. **Língua de sinais brasileira** - Estudos Lingüísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.

SACCONI, L. A. **Nossa Gramática: teoria**. 11. ed. São Paulo: Atual, 1990.

SANTOS FILHO, A. G. DOS; SANTOS, J. E. G. G. DOS. **Apostila de máquinas agrícolas**. / colaboração Jefferson Roberto de Freitas e Ricardo Bussab Abou Mourad. Agosto, 2001. 88 f. UNESP, Campus Universitário de Bauru, Faculdade de Engenharia, Departamento de Engenharia Mecânica, Bauru, 2016. Disponível em: <[http://www.ufrrj.br/institutos/it/deng/varella/Downloads/IT154\\_motores\\_e\\_tratores/Literatura/maqagri\\_unesp.pdf](http://www.ufrrj.br/institutos/it/deng/varella/Downloads/IT154_motores_e_tratores/Literatura/maqagri_unesp.pdf)>. Acesso em: 20 jan. 2020.

TUXI, P. **A terminologia na língua de sinais brasileira**: proposta de organização e de registro de termos técnicos e administrativos do meio acadêmico em glossário bilíngue. 2017. 278 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

UFMG. **Símbolo Acessível em Libras**. Belo Horizonte, 2013. Disponível em: <<https://www.ufmg.br/marca/libras/>>. Acesso em: 25 jan. 2020.

UVA, M. **John Deere** - A história da marca no Brasil e no mundo. Blog superbid, 2019. Disponível em: <<https://blog.superbid.net/john-deere-historia/>>. Acesso em: 26 abr. 2020.

VILARINHO, M. M. de Oliveira. Proposta de dicionário informatizado analógico de língua portuguesa. Brasília, 2013. 306 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade de Brasília, 2013.

YAMASHITA, L. M. R. Técnico em Agropecuária: Mecanização Agrícola. Rede e-Tec Brasil. Ministério de Educação, 2010. Disponível em: <[http://redeetec.mec.gov.br/images/stories/pdf/eixo\\_rec\\_naturais/agropecuaria/181012\\_mecan\\_agr.pdf](http://redeetec.mec.gov.br/images/stories/pdf/eixo_rec_naturais/agropecuaria/181012_mecan_agr.pdf)>. Acesso em: 13 jan.2020.

YANMAR. **Transplantadeira de Mudanças (PH1-WA)**. Yanmar Holdings CO. LTD. 2019. Disponível em: <[https://www.yanmar.com/br/agri/products/vegetable\\_replant/ph1-wa/#head-1](https://www.yanmar.com/br/agri/products/vegetable_replant/ph1-wa/#head-1)>. Acesso em: 11 out. 2020.

ZWITSERLOOD, I. **Sign Language Lexicography in the early 21ST century and a recently published Dictionary of Sign Language of the Netherlands**. 2010. International Journal of Lexicography, Vol. 23 No. 4, p. 443–476. Disponível em: <[http://pubman.mpdl.mpg.de/pubman/item/escidoc:570575:3/component/escidoc:570574/zwitserlood\\_revie\\_w\\_int\\_j\\_lex\\_2010.pdf](http://pubman.mpdl.mpg.de/pubman/item/escidoc:570575:3/component/escidoc:570574/zwitserlood_revie_w_int_j_lex_2010.pdf)>. Acesso em: 05 out. 2020.<[http://pubman.mpdl.mpg.de/pubman/item/escidoc:570575:3/component/escidoc:570574/zwitserlood\\_revie\\_w\\_int\\_j\\_lex\\_2010.pdf](http://pubman.mpdl.mpg.de/pubman/item/escidoc:570575:3/component/escidoc:570574/zwitserlood_revie_w_int_j_lex_2010.pdf)>. Acesso em: 05 out. 2020.



---

**ANEXO 1**


---

**FICHA DE VALIDAÇÃO ESPECIALIZADA E TÉCNICA DOS SINAIS-TERMO**

Fonte: Prometi (2020)

**Área de especialidade ou técnica:** Área de equipamentos agrícolas

**Sinais-termo:** Equipamentos agrícolas

**Pesquisadora:** Francilene Machado de Almeida

**Local de validação:** Plataforma *Zoom Meeting*

<b>ORDEM</b>	<b>SINAL-TERMO</b>	<b>CONCORDO</b>	<b>NÃO CONCORDO</b>	<b>JUSTIFICATIVA</b>
1	adubadeira automotriz	X		
2	adubadeira tracionada	X		
3	adubadora automotriz	X		
4	adubadora tracionada	X		
5	arado de aiveca	X		
6	arado de disco	X		
7	arado subsolador	X		
8	carreta de transbordo	X		
9	carreta graneleira	X		
10	coletor de fardos	X		
11	colhedora de algodão	X		
12	colhedora de café	X		
13	colhedora de cana	X		
14	colhedora de forragem	X		
15	colhedora de grãos	X		
16	colhedora de milho	X		
17	colheitadeira de grãos	X		
18	colheitadeira de milho	X		
19	enfardadeira cilíndrica	X		
20	enfardadeira prismática	X		
21	enfardadora	X		

	cilíndrica			
22	enfardadora prismática	X		
23	enleirador de palhas	X		
24	grade aradora	X		
25	grampo de fardos	X		
26	guincho big-bag	X		
27	lâmina frontal	X		
28	pivô central fixo	X		
29	pivô central linear	X		
30	pivô central rebocável	X		
31	plantadeira de cana	X		
32	plantadeira de grãos	X		
33	plantadora de cana	X		
34	plantadora de grãos	X		
35	plataforma de grãos	X		
36	plataforma de milho	X		
37	pulverizador autopropelido	X		
38	retroescavadeira	X		
39	semeadeira	X		
40	semeadora	X		
41	transplantadeira de mudas	X		
42	transplantadora de mudas	X		
43	trator de esteira	X		
44	trator de pneus	X		